ANA DEISE CARDOSO

VISÓNEU

UMA REFLEXÃO SOBRE O IDOSO TERENA DA ALDEIA TERERÉ ATRAVÉS DA PROVA DE RORSCHACH

CAMPO GRANDE, MS
2004

ANA DEISE CARDOSO

VISÓNEU

UMA REFLEXÃO SOBRE O IDOSO TERENA DA ALDEIA TERERÉ ATRAVÉS DA PROVA DE RORSCHACH

Dissertação apresentada à Universidade Católica Dom Bosco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Área de Concentração: Saúde Mental e Sociedade.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Sonia Grubits

CAMPO GRANDE, MS

2004

Ficha catalográfica

Cardoso, Ana Deise
Visóneu: uma reflexão sobre o idoso Terena da Aldeia Tereré através da prova de Rorschach / Ana Deise Cardoso; orientadora, Sonia Grubits. 2004.
101 f: il.+anexos.

Dissertação (mestrado) – Universidade Católica Dom Bosco. Mestrado em Psicologia. Campo Grande, 2004.
Inclui bibliografia

1. Rorschach, Teste de. 2. Psicodiagnóstico. 3. Índio Terena – Idosos. I. Grubits, Sonia. II. Título.

CDD – 155.2842

Bibliotecária responsável: Clélia Takie Nakahata Bezerra – CRB-1/757

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª Dr.ª Sonia Grubits

Prof.ª Dr.ª Adriana Odalia Rímoli

Prof.ª Dr.ª Regina Ciriano Calil

Aos meus grandes amores:

Cardoso, Simone e João Luiz.

AGRADECIMENTOS

À Prof.ª Dr.ª Sonia Grubits, pelo privilégio de sua orientação, que vai além dos limites deste trabalho.

Ao Prof. Dr. André Jacquemin, por todas as oportunas observações e preciosas sugestões apresentadas por ocasião do exame de qualificação, feitas de modo objetivo e gentil.

Ao Prof. Dr. Frei Alfredo Sganzerla, cuja dedicação e amor aos indígenas muito me impressionaram. Sou-lhe grata não só pelas indicações bibliográficas precisas, mas principalmente por me haver ensinado a ouvir o silêncio dos índios e por sua atitude de respeito a minhas reflexões, mesmo aquelas inadequadas devido à falta de formação na área antropológica.

Ao Dr. Luiz Salvador Miranda Sá Júnior, por haver incondicionalmente colocado sua preciosa biblioteca a minha disposição.

Ao Prof. Ruy Benedicto Mendes Filho, que me recebeu em sua casa, presenteando-me com livros e contribuindo com valiosas sugestões.

À amiga Prof.ª Hilda Clotilde Morana, pelo incentivo e afeto nos momentos importantes e difíceis.

Ao Prof. Juberty Antônio de Souza, velho amigo que sempre depositou muita confiança e valorização em meu trabalho, pelas discussões e reflexões em vários momentos, inclusive nas viagens à aldeia. Nossa convivência tem me proporcionado enorme aprendizagem.

À Prof.ª Lucy Nunes Ratier Martins, com quem tenho a satisfação de trabalhar, que não mediu esforços para ler, reler e discutir com muita delicadeza os erros metodológicos.

Ao amigo e colega de turma Josemar de Campos Maciel, que com seu bom humor tornou suaves todos os momentos, pelo auxílio na tradução dos textos.

Ao amigo Olívio Mangolim, que não sei precisar se é mais ranzinza ou mais sensível, por toda a colaboração.

Ao Terena Célio dos Santos Francisco, pela tradução do resumo em seu idioma.

À Universidade Católica Dom Bosco, pelo apoio material na forma de bolsa de estudos.

Ao Centro Cultural de Sidrolândia, que proporcionou apoio logístico e congregou pesquisadores para reflexões e discussões sobre os Terena.

Ao Prof. Hildebrando Campestrini, pelo rigor na revisão dos originais.

Ao Cacique Santos, Julieta, João Batista, Rosalina, Constantino, Geraldo, Dominga, Siríaca, Antonio, Bonifácia, Flaviana, Benedita, Itamar, Guilhermina, Brasilina e Irineu, que me acolheram e tornaram este trabalho possível.

Ao meu marido, Cardoso, pelo companheirismo, carinho, incentivo, afeto e dedicação em todos os momentos, inclusive aqueles que requereram seu apoio técnico a minha inabilidade informática.

Aos meus filhos Simone e João Luiz, por haverem compreendido minhas ausências e omissões.

Aos meus pais, Sandoval e Ilka, que me deram o melhor de si.

E, finalmente, a todos aqueles que direta ou indiretamente tornaram possível esta minha caminhada. Muito obrigado!

NOS MARES DE XARAÉS

No velho Brasil central
Cerrados e pantanais
Na lenda dos Kadiwéus
Terra e mar de Xaraés

Antigos donos da terra
Galopando em pêlo nu
Na luta com os "Guaranis"
Cavaleiros Guaicurus

Resistentes de uma raça
Nhandewá e Kaiowá
Tupis, Terenas, Guatós
Guaicurus e Paiaguás

Seus cavalos puro-sangue
Não têm mais toda nobreza
"Perpétua paz e amizade"
Com a coroa portuguesa

Na serra da Bodoquena
"Cem léguas de pasto e mata"
O filho chora e não nasce
No ventre os Kadiwéus

Resistentes de uma raça
Nhandewá e Kaiowá
Tupis, Terenas, Guatós
Guaicurus e Paiaguás

Letra e música: Moacir de Lacerda e Chico de Lacerda
Pesquisa: João Luiz Bittencourt
Grupo Acaba Canta-dores do Pantanal, 1984

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 1

CAPÍTULO 1. OS ÍNDIOS TERENA 8
1.1. Origens 8
1.2. Organização social do povo Terena 12
1.3. O sistema de leis 14
1.4. Os Terena hoje 17
1.5. A aldeia Tereré 22

CAPÍTULO 2. A PROVA DE RORSCHACH 35
2.1. Histórico 35
2.2. Índices principais 38
2.2.1. Número de respostas 40
2.2.2. Tempo de reação 40
2.2.3. Índice de elaboração 40
2.2.4. Modalidade 41
2.3. Determinantes 42
2.3.1. Forma 43
2.3.2. Respostas de movimento 44
2.3.3. Respostas de cor 45
2.3.4. Respostas de luminosidade 46
2.4. Relação para com a média intelectual 47
2.4.1. Respostas vulgares (*V*) 47
2.4.2. Resposta animais (*A*) 48
2.5. Outros índices 48
2.5.1. Índice de conação e índice lambda 48
2.5.2. Índice de afetividade 49
2.5.3. Índice de impulsividade 49
2.6. Os conteúdos 49
Prancha I 50
Prancha II 51
Prancha III 51
Prancha IV 51
Prancha V 51
Prancha VI 51
Prancha VII 52
Prancha VIII 52
Prancha IX 52
Prancha X 52
2.7. Fenômenos especiais 53
2.7.1. Inibição e rejeição 53
2.7.2. Crítica à mancha 53

2.7.3. Referência à própria experiência 53
2.7.4. Condensação 54
2.7.5. Respostas alternativas e interrogativas 54
2.7.6. Simetria 54
2.7.7. Repetição, perseveração ou estereotipia 54
2.7.8. Outros mecanismos 55

CAPÍTULO 3. ESTUDOS TRANSCULTURAIS 56
3.1. Considerações sobre técnicas projetivas 56
3.2. Rorschach transcultural 57
3.3. O teste de Rorschach aplicado em populações indígenas 60

CAPÍTULO 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 62
4.1. Objetivos 62
4.2. Método 63
4.2.1. Sujeitos 63
4.2.2. Material 64
4.2.3. Procedimento 65

CAPÍTULO 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO 67

CONCLUSÕES 84

REFERÊNCIAS 86
ANEXOS 89

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1. Antenas parabólicas ao lado de uma casa. 21
Figura 1.2. Botijão de gás ao lado de cozinha com paredes de taquaruçu. 21
Figura 1.3. Escola de alvenaria e "redondos" de taquaruçu batido. 23
Figura 1.4. Vista interna de um "redondo". 23
Figura 1.5. Vista exterior de "redondo". 24
Figura 1.6. Alguns dos moradores da aldeia, congregados em roda de tereré. 24
Figura 1.7. Vista parcial da aldeia. 26
Figura 1.8. Campo de futebol, na entrada da aldeia. 26
Figura 1.9. Água que escorre por um quintal onde brincam crianças. 28
Figura 1.10. Área de lavagem de utensílios de cozinha, numa residência. 29
Figura 1.11. Roupas sendo lavadas em tábuas inclinadas. 29
Figura 1.12. Espaço entre residências. 30
Figura 1.13. Uma moradora e seu filho caçula. 30
Figura 1.14. Primeiro filho, que tem a mesma idade do irmão caçula. 31
Figura 1.15. Tio e sobrinho, de mesma idade. 31
Figura 1.16. A casa do cacique, com desenhos referentes a dois sistemas culturais. 33
Figura 1.17. Dança do bate-pau. 33
Figura 1.18. Dança da siputrema. 34
Figura 1.19. Acompanhamento musical das danças. 34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.1. Distribuição populacional da aldeia Tereré, por faixa etária. 27

Tabela 5.1. Identificação da amostra. Idosos da etnia Terena residentes na Aldeia Tereré, Sidrolândia, MS. Janeiro a julho de 1998. 68

Tabela 5.2. Distribuição dos números totais de respostas e de respostas vulgares por prancha. Teste de Rorschach aplicado a idosos da etnia Terena residentes na Aldeia Tereré, Sidrolândia, MS. Janeiro a julho de 1998. 74

Tabela 5.3. Distribuição de conteúdos e sujeitos. Teste de Rorschach aplicado a idosos da etnia Terena residentes na Aldeia Tereré, Sidrolândia, MS. Janeiro a julho de 1998. 76

LISTA DE QUADROS

Quadro 2.1. Comparação dos sistemas de notação do teste de Rorschach, compilada por Silveira em 1949 (revisão em 1963). 39

Quadro 2.2. Setores da personalidade e níveis funcionais que os fatores aferem. 43

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 5.1. Relação entre as modalidades de respostas. Teste de Rorschach aplicado a idosos da etnia Terena residentes na Aldeia Tereré, Sidrolândia, MS. Janeiro a julho de 1998. 69

Gráfico 5.2. Adaptação à realidade. Teste de Rorschach aplicado a idosos da etnia Terena residentes na Aldeia Tereré, Sidrolândia, MS. Janeiro a julho de 1998. 71

Gráfico 5.3. Índices de afetividade, conação e lambda. Teste de Rorschach aplicado a idosos da etnia Terena residentes na Aldeia Tereré, Sidrolândia, MS. Janeiro a julho de 1998. 78

Gráfico 5.4. Fatores determinantes. Teste de Rorschach aplicado a idosos da etnia Terena residentes na Aldeia Tereré, Sidrolândia, MS. Janeiro a julho de 1998. 80

RESUMO

Este estudo desenvolve reflexões sobre as características de personalidade dos idosos Terena à luz da prova de Rorschach. A pesquisa de campo foi realizada em 1997 e 1998 junto à população Terena com mais de 60 anos de idade, residente na aldeia Tereré, localizada no perímetro urbano de Sidrolândia, MS.

Realizou-se revisão da literatura acerca do povo Terena, na qual se pesquisaram a trajetória dessa nação indígena desde o Chaco paraguaio até Mato Grosso do Sul, os ritos de seus ancestrais, a organização religiosa e social, o sistema original de leis e o *modus vivendi* dessa etnia. A revisão da literatura também enfocou a prova de Rorschach, explicitando a terminologia utilizada no presente trabalho e seu significado, além de estudos transculturais que demonstram a validade e fidedignidade de aplicação desse instrumento em culturas não-ocidentais.

Os resultados revelaram a estrutura e dinâmica da personalidade dos idosos Terena estudados, sugerindo a existência de uma especificidade própria para esses aspectos, o que abre a possibilidade de novas reflexões sobre o impacto da aculturação desses indivíduos e o modo dinâmico com que reelaboram e reinterpretam sua cultura original.

Os resultados da prova de Rorschach também proporcionaram dados sugestivos de aspectos primitivos da personalidade, da conotação mítico-religiosa e de formas imaginárias de comunicação.

Palavras-chaves: Psicologia; Índios Terena; Prova de Rorschach; Psicodiagnóstico; Personalidade; Índios brasileiros

ABSTRACT

This study develops reflections on the personality traits of elderly members of the Terena indigenous nation in Brazil, as revealed by the Rorschach test. The field research for this investigation was carried out in 1997-98 at Aldeia Tereré, an indigenous village located within the urban area of the municipality of Sidrolândia, in the state of Mato Grosso do Sul, and included individuals over 60 years of age.

The study also consisted in a literature review on the Terena nation, concerning its migration from the Paraguayan Chaco region to Mato Grosso do Sul, as well as the ancestral rites, original system of laws, and modus vivendi of this ethnic group. The literature review also focused the Rorschach test, detailing the terminology adopted in the present study and its meaning. In addition, transcultural studies involving the test were also addressed, as they demonstrate the validity and reliability of that instrument for non-Western cultures.

The results revealed the structure and dynamics of the personality of those individuals investigated, suggesting the existence of a particular specificity in these aspects. This finding opens new potential avenues for further reflections on the impact posed by acculturation and on the dynamic manner by which these elderly individuals have re-elaborated and reinterpreted their original culture.

The results of the tests supplied information that is suggestive of elements related to primitive aspects of the personality, mythical-religious connotations, and imaginary modes of communication.

Keywords: Psychology; Terena Indians; Rorschach test; Psychodiagnosis; Personality; Brazilian Indians

HO'ÚXOPOVOKU EMO'ÚTI [1]

Enepora ihíkauvoti koyúhoti itúkeovo isóneu yékoteno Terenoe motovâti kaná'uyea ra itúketi hane véyo isóneu Rorschach. Ipuxóvokuti ya Teréreke ihikaxoponeovohiko (Sidrolândia – MS) xokoyokehiko yékoteno anu'úkotine 60 koeti xoenaena ká'aeyke ihíkaxoponeova 97/98.

Ihikaxova ne éxetina Terenoe ukeati inâ ovo'hiko xákuke tukú koeti símope yayeke MS, kuteâti ohókoti, kixoku itúkeovo óvea kixoku téyeokoko. Motovâti ihíkaxeovo isóneu yékoteno Terenoe itukoâti ra ihíkauvoti hane véyo isóneu Rorschach epó'oxo nóxoa motó'iyeova ihíkaxeovokono ne Terenoe.

Ikéneke ihikaxeovo yékoteno Terenoe éxinoane isóneu kixoku koati itukeovo Terenoe koane ne ituké'ovoti íhae méukeke.

Uséxoane ne ihikauvo itúkoane óvokuhiko veyeaku ra íhikauvo.

[1] Resumo da dissertação no idioma Terena.

INTRODUÇÃO

O Brasil há pouco completou quinhentos anos e ainda desconhece a imensa diversidade dos povos indígenas que vivem em seu território. Dos dois a seis milhões de pessoas que aqui habitavam à época da chegada dos europeus, tem-se hoje cerca de 210 etnias, falantes de cerca de 170 línguas e dialetos conhecidos, totalizando uma população em torno de 280 mil indivíduos, distribuídos em centenas de aldeias em praticamente todo o território nacional. (Os únicos estados em que atualmente não há povos indígenas são Piauí e Rio Grande do Norte.) Cerca de 60% da população indígena brasileira vive hoje no Centro-Oeste e Norte do país.

Não se dispõe de informações atualizadas e contextualizadas sobre esses povos. Em contato com a sociedade nacional envolvente, alguns continuam mantendo sua identidade e se afirmando como grupos étnicos diferenciados, enquanto outros já perderam até sua língua materna e incorporaram em seu cotidiano bens e produtos industrializados. A língua materna, os mitos e os ritos que permanecem são mantidos através da tradição oral e também da tradição experimental, como se verá adiante.

A sociedade indígena Terena, formada por índios aldeados em diversos municípios de Mato Grosso do Sul, configura-se como um fenômeno social e psicológico ainda pouco estudado: o de um grupo indígena aculturado e que, diferentemente de outros, apresenta uma população em expansão numérica contínua. Embora as sociedades indígenas tenham singularidades e especificidades que exigem respostas únicas, ainda permanece em aberto o entendimento de como se processa o modo de vida Terena, bem como a compreensão dos aspectos de sua cultura que se mantêm — a despeito das formas de integração à sociedade nacional, da política indigenista oficial e dos interesses econômicos regionais.

O povo Terena constitui uma das maiores comunidades indígenas que vivem em Mato Grosso do Sul. Segundo Mangolim (1997), sua população de 17 174 indivíduos aldeados habita áreas indígenas nos municípios de Anastácio, Aquidauana, Dois Irmãos do Buriti, Dourados, Miranda, Nioaque, Rochedo e Sidrolândia. Ocupam também a área

denominada Araribá, no município de Bauru, e o Posto Indígena Vanuíre, em Tupã, ambos no estado de São Paulo.

Os Terena foram estudados por diversos autores, que de modo geral enfocam nessa etnia principalmente os aspectos de povo agricultor e de índole pacífica, que vem porém apresentando descaracterização enquanto nação indígena devido ao contato com segmentos da sociedade brasileira circundante e também ao êxodo das aldeias para as cidades.

Desde os primeiros contatos com o povo Terena, observaram-se algumas peculiaridades em seu modo de relacionamento interpessoal e em certas características relacionadas com produtos sociais, aspectos esses que despertaram vivo interesse. Esse grupo parecia relacionar-se com suas crianças de um modo diferente do de nossa cultura. Mostravam-se mais tolerantes, mais pacientes e acessíveis às próprias crianças, não se observando a ocorrência de atitudes críticas ou censuras diante de suas travessuras, nem cobranças nas atividades infantis. Outro aspecto observado era a atitude para com os velhos, sempre valorizados e desempenhando papéis úteis, cabendo a eles o cuidado das crianças. Essas atitudes foram também observadas nos inúmeros contatos informais que pude manter com esse povo desde a infância, convívio esse facilitado pela proximidade geográfica.

Outro aspecto que chama a atenção é o fato de esses indígenas freqüentemente trazerem à venda uma diversidade de produtos, como guavira, pequi, milho verde, feijão verde, manga, mandioca, palmito, jenipapo e caju, que são próprios de sua realidade sócio-cultural.

O que aspectos como estes representam, de um ponto de vista sócio-cultural e quanto à dinâmica mental dessas pessoas, é o questionamento condutor deste estudo.

No primeiro contato mantido com o povo Terena da aldeia Tereré, em Sidrolândia, pude observar que as antenas parabólicas fazem contraste com as casas, que são construídas de diversos materiais, principalmente alvenaria, tábuas e taquaruçu batido. Constituem eles uma comunidade que se localiza muito próximo à cidade, o que lhes dá fácil acesso a bens de consumo urbanos. Embora haja nessa aldeia preocupação com a alfabetização bilíngüe, os idosos se comunicam na língua materna.

Ainda nesse primeiro contato, foi possível perceber um processo de reelaboração de mitos, mecanismo atualmente estudado pela antropóloga Marlene Oliveira (comunicação pessoal), que diz respeito à mescla de ritos da sociedade nacional circundante com a cultura indígena original. Essa reelaboração de significados culturais pode estar advindo da fragmentação do sistema original pelo contato interétnico. Tal reelaboração também é feita

através dos sonhos. Por exemplo, na oportunidade do primeiro contato, a senhora D.S., de 68 anos, convidou-me a participar da "visita da Santa", que consistia na saída da imagem do santuário de sua casa para recebimento por uma família vizinha, em procissão com orações e cânticos acompanhados por violeiros. A imagem da santa havia sido apresentada à senhora D.S. em sonho, que incluía esse ritual de procissão. Só após algum tempo teve ela acesso à imagem por intermédio de um mascate que visitou a aldeia. O ritual passou a ser realizado anualmente. Outro sonho indicou, posteriormente, que para que o ritual não acabasse após sua morte, sua sucessora deveria ser a neta mais velha.

Outro idoso, de 86 anos, que é o *koixomuneti* (xamã) da aldeia, informou-me em conversa informal que, caso se não lhe seja possível escolher seu sucessor, essa indicação ocorreria no sonho do escolhido, após sua morte. A afirmação do xamã pode estar indicando que o saber se veicula também através dos sonhos.

Nessa aldeia parece haver-se delineado uma busca, consciente ou inconsciente (através de sonhos), de reelaboração e reinterpretação cultural. Sua cultura é dinâmica, incluindo o recurso a "saberes" que advêm de um poder transcendente, os quais são reelaborados e reinterpretados ao serem recebidos através de sonhos.

À luz dessas considerações é que se propôs o presente estudo da população de idosos residentes na aldeia Tereré. Os idosos foram escolhidos como sujeitos da pesquisa porque seu desenvolvimento durante a infância e adolescência ocorreu em aldeias afastadas da cidade, dando-lhes pouco contato com a sociedade circundante . A aldeia onde atualmente residem foi criada há 19 anos e apenas a partir de então passaram eles a ter contato mais direto com a sociedade brasileira. Mudaram-se para lá a fim de acompanhar netos que vieram em busca de escola e acompanhar filhos que procuraram trabalho e assistência médica. A aldeia, que abriga os descendentes de apenas cinco famílias, foi fundada pelo atual pajé, que veio acompanhando seus filhos e netos que buscavam escola. Esses idosos, sujeitos desta pesquisa, portanto nasceram e foram criados diretamente na cultura e tradições Terena, aprendendo a língua materna com seus pais e participando dos vários ritos em suas aldeias. Nem todos, porém, ensinaram seus descendentes a falar o idioma Terena. Seus filhos e netos hoje o aprendem na escola.

Parece haver interdependência entre os aspectos religiosos, sociais e míticos, como pode ser observado através de seu ajustamento ao meio social e através das crenças e práticas religiosas.

Pelo acima descrito, adotou-se o pressuposto de que esses indivíduos idosos são guardiães da cultura, tendo vivenciado momentos contrastantes: nas primeiras fases de seu desenvolvimento, houve predomínio da própria cultura indígena, com suas tradições e uma realidade social específica, que embasaram os conceitos e a formação básica Terena desses indivíduos; vivenciaram também uma adaptação à sociedade envolvente, quando saíram de suas aldeias originais para formar novas aldeias, ou "desaldeias", nas cidades. Esse pressuposto se apóia na obra de Halbwachs (1990, p. 65), que observa que os idosos das tribos primitivas atuam como guardiães das tradições, o que é corroborado por Bosi:

> Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação. [...] Por muito que se deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum. (BOSI, 1995, p. 408)

Esses idosos são os responsáveis pela transmissão dessa cultura, com seu conjunto de valores, em que algumas características específicas se mantêm, enquanto outras são assimiladas de culturas dominantes e outras ainda se contrapõem à cultura dos "brancos".

Tais argumentos são reforçados por Grubits, em seu estudo de idosos da nação Bororo:

> Observamos que a presença dos índios mais velhos da tribo constitui um elemento de resistência, estimulador das reservas culturais. São eles que tiveram oportunidade de experimentar mais fortemente as mudanças transformadoras, dentro dos quadros de referência social e cultural passados, e que são os responsáveis pela integração grupal, podendo, portanto ser vistos como guardiães de uma tradição que vem se enfraquecendo paulatinamente. Eles experimentam a passagem vertiginosa da vida tribal para a sobrevivência numa região exposta à dinâmica capitalista. (GRUBITS, 1994, p. 22)

Em psicologia, um grande número de trabalhos está voltado ao estudo do indivíduo, à compreensão de sua subjetividade, às influências do grupo a que pertence, a seus valores e a suas reações, considerando o indivíduo como parte do ambiente e capaz de exercer

influência sobre este. Nesse sentido, estudos transculturais têm sido desenvolvidos, possibilitando esclarecer como o mundo subjetivo dos sujeitos interfere na realidade objetiva e permeia as relações do grupo em que se encontram inseridos. "A psicologia está imersa na cultura", afirma Bruner (1990, p. 23-26), que atribui três razões para que a cultura seja um conceito principal para a psicologia:

1. o argumento constitutivo, que é a participação do homem na cultura;
2. o significado, que em decorrência torna-se público e partilhado;
3. a psicologia comum, que domina as transações da vida cotidiana.

A antropologia também tem em conta esse conceito, como afirma Geertz (1978, p. 61): "Sem os homens não haveria cultura, mas, de forma semelhante e muito significativamente, sem cultura não haveria homens." E complementa: "Por definição, somente um 'nativo' faz a interpretação em primeira mão: é a sua cultura" (GEERTZ, 1978, p. 25).

No psiquismo Terena, o aspecto religioso comparece como eixo vital e como instrumental de comunicação. O sentido atribuído ao silêncio, ao falar sem palavras, ao oculto, permite manter reservado, e preservado, o conhecimento presente na subjetividade. Foram necessários alguns meses, em que visitei com freqüência a aldeia como pesquisadora, para que uma primeira informação me fosse desvelada. Até então, o silêncio era absoluto e apenas a atitude de observação dos índios se fazia presente. Somente após ter sido observada, ser apresentada por pessoas conhecidas e de sua confiança e passar a *ouvir seu silêncio*, é que fui convidada a participar de seu mundo, do qual pouco é dito e muito se mantém reservado.

Com a finalidade de compreender o homem em sua cultura, vários psicólogos utilizam-se de provas projetivas. Nesta investigação, a prova de Rorschach foi escolhida como instrumento por tratar-se do exame projetivo mais completo e aceito como método de estudo da personalidade. No presente estudo, a personalidade é concebida na forma apresentada por Anderson e Anderson (1967, p. 38): "A medida proporcional do desenvolvimento em um contexto de aprendizagem social." Esses autores, com referência à prova projetiva de Rorschach, complementam que "um fenômeno multidimensional requer um instrumento multidimensional para sua investigação" (ANDERSON; ANDERSON, 1967, p. 117). Em suma, fundamentam o teste projetivo através dos seguintes princípios:

> O teste projetivo concebe a personalidade como sendo uma configuração dos processos inter-relacionados.

> A personalidade assim estudada é vista como uma configuração relativamente estável dos processos dinâmicos organizados em redor das necessidades, sentimentos e experiências pessoais de um indivíduo, e servindo para manter e defender seu mundo particular, modelando ativamente as atuais pressões internas e externas à luz de experiências passadas.
>
> [As pulsões inconscientes mobilizam] um indivíduo padroniza suas produções pessoais de acordo com as disposições da matriz ativa da sua personalidade, [que] tem sido apresentada especificamente como a hipótese projetiva. (ANDERSON; ANDERSON, 1967, p. 532)

Através de análise quantitativa e qualitativa da prova de Rorschach, podem-se verificar as reações do indivíduo; as esferas afetiva, emocional e intelectual da personalidade; seu grau de equilíbrio das forças subjetivas e adaptação social; os fatores que contribuem para o pensamento lógico e noção de realidade; o modo como o sujeito percebe a realidade circundante em situações cotidianas e naquelas onde há impacto da afetividade. Enfim, a prova permite identificar como se articulam as expressões do dinamismo psíquico do probando.

Pucci (1995, p. 11) argumenta que o sujeito que se submete à prova não fornece apenas dados sobre sua estrutura de personalidade: "O sujeito não leva só a bagagem de sua própria individualidade, mas também a da sociedade onde se desenvolve e vive; e de sua família como sistema de relações submetido a uma multiplicidade de determinações."

Para submeter-se a esse método, o examinando não necessita dispor de conhecimentos escolares estabelecidos ou contar com um determinado nível social ou econômico. O procedimento pode ser aplicado tanto a crianças quanto a adultos, alfabetizados ou não. "O método de Rorschach é tido, até o momento, como o mais amplo e completo para o conhecimento de um indivíduo como tal, principalmente se considerarmos que independe de conhecimentos escolares ou nível sócio-cultural por parte do examinando" (PEREIRA, 1987, p. 1). Este foi um fator relevante para sua escolha: a compatibilidade desse instrumento com a população estudada, que em sua maioria não tem nenhuma escolaridade, embora tenha acesso a materiais e recursos visuais da cultura circundante, tais como televisão, ilustrações, revistas, fotografias, camisetas estampadas e embalagens.. Não pude ter acesso a referências a desenhos produzidos pelos Terena, quer atuais ou antigos, nem pude saber se desenhos são hoje produzidos. Na aldeia Tereré, porém, começam a ser produzidas figuras em cerâmica.

Apesar da existência de alguns trabalhos que relacionam Rorschach e índios, que serão citados no Capítulo 3, o presente estudo é inédito ao ter por objeto a nação Terena, até agora não estudada sob esse enfoque. Desejo que sua relevância esteja em ser um início de investigação não apenas sobre os Terena como também sobre outras nações que hoje vivem em Mato Grosso do Sul.

CAPÍTULO 1

OS ÍNDIOS TERENA

Este capítulo versará sobre a história do povo Terena, abordando suas origens, sua migração para Mato Grosso do Sul através do Chaco paraguaio, as marcas provocadas pela Guerra do Paraguai e também sua estrutura social original e sistema de leis. Serão também apresentados seu *modus vivendi* e a localização geográfica da aldeia estudada.

1.1. ORIGENS

A ficha etnográfica do povo Terena remonta a alguns séculos, sendo controversas as versões sobre sua entrada em território brasileiro através do Chaco paraguaio. Sganzerla (1992) cita que os Terena[1] e os Kinikinau formavam uma população indígena conhecida como Guaná, que habitava o Chaco paraguaio. Dali teriam emigrado para o Brasil atravessando o rio Paraguai, em etapas diversas, a partir da segunda metade do século XVIII, instalando-se na região banhada pelos rios Miranda e Aquidauana.

Castelnau (1949, p. 301), no capítulo XXV da *Expedição às regiões centrais da América do Sul*, relatando a volta a Albuquerque e Miranda, registra histórias que ouviu sobre conflitos entre soldados e Terena, os quais são descritos como "uma nação guerreira que conserva em toda integridade os costumes de seus antepassados."

---

[1] Há duas soluções correntes para a notação de nomes de etnias indígenas: a grafia com inicial minúscula, com flexão de número (terena, terenas), e a grafia com inicial maiúscula e sem flexão (o Terena, os Terena). Esta última corresponde, em linhas gerais, à "Convenção para a grafia dos nomes tribais", estabelecida pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA), em 14 de novembro de 1953, e tem amplo uso em trabalhos etnográficos. Embora ambas as soluções sejam coerentes (a primeira por acompanhar o hábito regular da língua portuguesa; a segunda por constituir uma grafia técnica), adotou-se neste trabalho a segunda opção. Note-se que, mesmo nesse caso, por vezes convivem, em diferentes trabalhos, grafias distintas para uma mesma etnia (por exemplo, Quiniquinau/Kinikinau, Chané/Txané).

Oberg (1985) afirma que essa migração se deu em meados do século XIX, quando os Terena saíram do lado ocidental do rio Paraguai, no Chaco, dirigindo-se à região que hoje constitui Mato Grosso do Sul.

As referências aos Terena os situam como pertencentes ao povo Aruak, originário das planícies colombianas e venezuelanas e que alcançaram o Brasil através do rio Negro. "Esse povo agricultor, caminhando na direção do sol nascente, procurava melhores terras para a sobrevivência de suas famílias" e se dispersou pelo Brasil e outros países (MANGOLIM**,** 1997, p. 126)[2].

Carvalho (1979) faz referência aos Terena como pertencentes ao grupo Txané-Aruak, ocasionalmente subordinados aos Mbayá-Guaikuru, trazendo as características de pacifistas e dóceis dos Txané e a prática expansionista Aruak, representada na tradição sócio-mitológica em que a "irmã" mítica tratava da horta e seus "dois irmãos" viviam errantes.

Altenfelder Silva (1976, p. 270) elucida que a religião Terena tradicional consistia num corpo de crenças e práticas que formavam parte integrada em sua cultura. Os antigos Terena acreditavam num "deus superior", Itukoviche, e nos heróis culturais gêmeos Yurikoyuvakai, bem como no animismo (isto é, que todas as coisas têm alma, *hoipihapati*) e na eficácia mágica de certas plantas, animais e objetos inanimados. O xamanismo era muito desenvolvido. O xamã provia as necessidades do povo e conduzia-o, por meio de rituais, a um relacionamento significativo com o mundo sobrenatural. O referido autor ainda relata que, apesar de servir como explicação para a existência do mundo, o "deus superior" não tinha maior importância. Não se lhe rendia culto. As figuras importantes eram os heróis culturais gêmeos Yurikoyuvakai. A eles se referem os Terena para explicar sua origem e a da lavoura e do fogo.

"O Terena se chama a si mesmo de Poké'e, que quer dizer terra." Com essa informação, Mangolim (1997, p. 130) esclarece a forte ligação desse povo com a terra, corroborando assim seus elos com a agricultura, sendo a lavoura não apenas sua principal atividade econômica, mas também um elemento fundamental para a religião Terena: sendo o Terena filho natural da terra, ela é condição necessária para a sobrevivência física e cultural. "Eram cultivadores com o ethos de heróis culturais gêmeos e sua irmã mítica, horticultura" (CARVALHO, 1979, p. 37).

---

[2] Baldus (1950) também traça um histórico do contato desse povo com o homem branco, desde o Chaco paraguaio, revisando a bibliografia até então existente sobre os Aruak e os Terena e apresentando informações sobre a mitologia desses índios.

Sganzerla (1992) refere-se aos Terena como índios agricultores por excelência. Afirma serem um povo pacífico, fato aproveitado pelos demais índios e exploradores. Informa também que não são adoradores de deuses, mas possuem figuras de heróis, como Yurikoyuavakai, e explicam as diversas formas como nascem os heróis que fazem parte de sua mítica.

A história desse povo se confunde com a ocupação de Mato Grosso do Sul, apesar de o governo federal haver criado suas reservas pioneiras apenas nos anos de 1904 e 1905. Oliveira (1976, p. 27) refere-se às primeiras ocupações "em torno de 1830", portanto antes da Guerra do Paraguai.

A Guerra do Paraguai (1864–1870) foi um marco para os Terena. Mangolim (1997) esclarece que migraram do Chaco paraguaio para Mato Grosso do Sul em três momentos distintos: no primeiro, anterior à Guerra do Paraguai, vieram em busca de terras férteis e produtivas, alojando-se na região conhecida como Cabeceira da Onça (próximo a Aquidauana); no segundo momento, ocorrido na época da Guerra do Paraguai, buscaram a região dos morros na serra de Maracaju, fugidos da guerra; no terceiro momento, migraram para as reservas já constituídas na região, enfrentando nesse período a exploração pelos proprietários de terras.

As conseqüências da Guerra do Paraguai para os Terena foram profundas, delas permanecendo marcas na memória tribal. Oliveira (1960, p. 60) elucida que, além da dispersão da população Terena por uma extensa área que vai do rio Miranda até o Brilhante, às nascentes do Vacaria e ao vale do Dourados, o término da guerra provocou o aparecimento, em Mato Grosso do Sul, de um contingente humano que passaria a se fixar na região. Esse contingente era formado por uma parte do exército brasileiro que, desmobilizada nessa área, ali teria preferido permanecer, em vez de retornar a suas terras de origem, e também por paraguaios que, após o conflito, começaram a penetrar em grande número na região, que lhes oferecia perspectivas econômicas melhores que as do Paraguai, gasto e derrotado no conflito.

Segundo Oliveira, mais do que a guerra em si mesma, foi essa onda humana que

> [...] iria proporcionar aos grupos Guaná, e especialmente aos Terena, uma nova situação de conseqüências dramáticas para eles, porquanto determinou o engajamento dessas populações a uma economia de caráter escravagista. A esse período referem-se os Terena modernos como ao tempo do cativeiro. (OLIVEIRA, 1976, p. 57)

Essa situação de cativeiro nas fazendas da região perdurou até 1904, quando a passagem de Rondon, durante os trabalhos de construção das linhas telegráficas, favoreceu a libertação dos indígenas, o que mais tarde se concretizou com a criação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), em 1910 (OLIVEIRA, 1976, p. 60).

Segundo Altenfelder Silva:

> Nos primeiros anos deste século, Cândido Rondon alcança os aldeamentos dos Terena e procedia ao levantamento das áreas ocupadas pelos índios. Mais tarde, em 1910, conseguiu ele a criação de reservas indígenas, lançando os fundamentos do Serviço de Proteção aos Índios. (ALTENFELDER SILVA, 1949, p. 283)

Em 1905 teve início a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que ligaria Bauru a Porto Esperança, no rio Paraguai. Quando as obras chegaram às cidades de Miranda e Aquidauana, em 1911 e 1912, os Terena passaram a ser utilizados nos trabalhos de construção e conservação das linhas. Além disso, essa estrada ligou diretamente São Paulo a Mato Grosso do Sul (então sul de Mato Grosso), criando tráfego em áreas próximas aos aldeamentos Terena. Com isso, as possibilidades de desenvolvimento econômico da região aumentaram sensivelmente, atraindo uma grande onda migratória para o estado. "Esse incremento econômico e demográfico que a Noroeste do Brasil levou a Mato Grosso mudou", segundo Oliveira (1976, p. 57) "a paisagem urbana regional, estimulou a criação de novos núcleos populacionais (que iam surgindo às margens da estrada), e impôs, assim, um caráter especial à configuração daquela extensa área do Brasil meridional".

Nessa época os Terena já estavam em processo de destribalização. As aldeias haviam sido abandonadas e sua população se dispersara pelas fazendas e cidades da região. Nessa situação, apesar das falhas que viria a apresentar mais tarde, o SPI representou para os Terena, naquele momento, uma garantia de sobrevivência.

Por serem povos agricultores e de índole pacífica, os Aruak quase sempre foram submetidos por outras nações mais guerreiras, como aconteceu com os Terena em Mato Grosso do Sul. Segundo Mangolim (1993, p. 43), "por uma tática de sobrevivência, aceitavam com facilidade as regras do dominador, sendo este um dos motivos de uma certa descaracterização dos Terena, apesar de manterem outros elementos profundos que lhes dão coesão como povo".

1.2. ORGANIZAÇÃO SOCIAL DO POVO TERENA

Vários autores, como Altenfelder Silva (1949), Oliveira (1960; 1968; 1976), Carvalho (1979), Oberg (1985), Brandão (1986) e Sganzerla (1992), identificam a existência de uma estrutura social dualista no período em que os Terena viviam no Chaco paraguaio. Essa dualidade consistia num sistema social composto de duas metades, denominadas Sukirikiono ('gente mansa') e Shumono ('gente brava'). Apesar de apresentarem os mesmos propósitos cerimoniais e disporem de iguais *status*, essas metades exerciam controle social sobre seus respectivos membros: eram endogâmicas, ou seja, só era permitido o casamento entre pessoas pertencentes a uma mesma metade.

Carvalho (1979, p. 37) explica, quanto a esse "mecanismo regulador das metades endogâmicas e cerimoniais", que "não se tratava de um princípio segregativo, mas distributivo, principalmente em ocasiões que envolvessem o controle da aglomeração ou da desordem potencial nas relações intergrupais". O autor esclarece que essa estrutura dual procede do mito "Yuriko-yuwakai (herói civilizador que tirou os Terena do fundo da Terra), irmão da horticultura, e essa dualidade implicava rivalidade e etiqueta provocativas", ou seja, durante as cerimônias cabia aos Shumono fazer provocações aos Sukirikiono, como parte do ritual.

Oberg (1985, p. 10) também esclarece que os chefes eram designados dentro de suas metades (*unati ashe*), não havendo, portanto, chefe principal. Os símbolos dos chefes eram uma pequena cabaça (*kali ita' aka*), um berrante de chifre e um camisão (*chiripá*) mais curto do que a roupa dos não-chefes. Não havia diferença entre as duas metades no tocante a casas, hábitos ou vestimenta. A diferença é que em cerimônias em que houvesse danças os Shumono pintavam o corpo em linhas horizontais em branco e preto, enquanto os Sukirikiono pintavam metade do corpo em branco e metade em preto. Nas cerimônias os Shumono também faziam brincadeiras de mau gosto com os Sukirikiono, que as aceitavam sem revidar ou zangar-se.

Brandão afirma que apesar de os aldeados preservarem alguns elementos da antiga ordem tribal, muitos aspectos foram modificados ou mesmo extintos:

> Desapareceu totalmente o sistema de camadas […]. […] o sistema de duas metades tribais está em franca extinção […]. […] formas tradicionais de organização do sistema familiar estão sendo muito alteradas […]. […] a chefia local que era transmitida em linha vertical através da filiação mescla-

> se hoje com a possibilidade de conquista do poder através da iniciativa pessoal […]. […] a disposição do espaço das aldeias vai perdendo seu traço circular característico e ganhando forma linear dos povoados. (BRANDÃO, 1986, p. 64-65)

Para os Terena, segundo Oberg (1985), a aldeia funcionava como a unidade social principal, a hierarquia da estrutura dualista era preservada por todos e a família era tida como unidade econômica principal, cabendo aos pais o cultivo das roças e aos filhos a coleta de raízes e plantas alimentícias. Os laços que mantinham os membros da aldeia unidos e que davam coesão às classes eram os do parentesco. Não havia clãs. As metades funcionavam principalmente como unidades cerimoniais e, para sua segurança econômica e política, um indivíduo dependia de seus parentes de ambos os lados: paterno e materno.

Lévi-Strauss (1944, p. 41) faz uma breve discussão sobre a organização dual das sociedades sul-americanas, e sobre o fato de esta já estar presente ou não entre caçadores-coletores. Faz ele referência aos Terena como exemplo de organização dual.

Além da divisão dual, tinham os Terena uma separação em quatro classes sociais: chefes (*unati*, ou *unati-chané*), guerreiros (*shuna'asheti*, ou *chuná-acheti*), pessoas comuns (*wahere-shave*, ou *uarrerê*) e escravos (*kauti*, ou *cauti*).

Resina Júnior acrescenta:

> Cada aldeia Terena possuía um unati-chané (chefe do povo) para os sukiriki-onô e um para os chumo-onô, sendo que a transmissão desses cargos era de forma hereditária dentro da classe unati-chané. No caso de morte de um unati-chané seu filho mais velho deveria substituí-lo, cujo evento era realizado na festa do timé. (RESINA JÚNIOR, 1997, p. 26)

A ascensão social era possível a qualquer "classe", sendo a condição básica para tal o heroísmo nas lutas.

Os únicos que tinham direito a um rito de passagem pubertário elaborado em cerimônia eram os filhos dos *unati*, que era a classe de maior *status* dentro da aldeia, segundo Oberg (1985). Era exigido o casamento dentro da própria metade social.

Apesar de ser rígida, a estrutura social podia ser rompida, como esclarece Carvalho:

> O fato do cativo e do comum virem a ser guerreiros e serem, assim, socialmente 'chaneizados' faz supor que os shuna-asheti representavam um

> mecanismo de identificação etnossocial de integração de grupos e camadas de origens tribais por vezes diferentes. Aliás, a origem do shuna-asheti não constituía obstáculo para as uniões matrimoniais com mulheres de outros estratos, pois os filhos seguiam os pais quanto ao título de guerreiros e as mães, quanto à metade. (CARVALHO, 1979, p. 39)

"Na guerra, as diferenças entre as metades da aldeia eram esquecidas" (OBERG, 1985, p. 12). A cerimônia para a sucessão do chefe de guerra era séria e solene, sendo necessário que o antigo chefe de guerra estivesse velho ou doente a ponto de não mais conseguir desempenhar suas funções. Dessa cerimônia faziam parte todos os homens da aldeia (tanto Sukirikiono quanto Shumono), que em conselho escolhiam seu sucessor. No entanto, eram os chefes das metades que apresentavam o candidato e anunciavam seus méritos. O candidato, depois de eleito, assumia a responsabilidade de liderar toda e qualquer batalha. Os chefes de metade lutavam nas batalhas, mas não na primeira fila, que era reservada àqueles que houvessem cometido algum ato criminoso, e, se vitoriosos na batalha, seriam libertos do crime e poderiam até mudar de classe social, dependendo de seu heroísmo.

Os escravos eram aqueles capturados em expedições guerreiras ou filhos de cativos de guerra e faziam os trabalhos para seus donos. Segundo Oberg (1985, p. 12), tudo parece indicar que "a preservação do prisioneiro para fins de utilização como serviçal é um costume que se desenvolveu após a colonização européia [...]. [...] é o colonizador que começa a resgatar prisioneiros indígenas, visando escravizá-los".

Segundo Mangolim (comunicação pessoal), essa estrutura perdura até hoje, com algumas modificações: os *unati* (chefes) continuam como capitães das aldeias e pajés, os *shuna'asheti* (guerreiros) são aqueles que vão negociar em prol da comunidade junto aos poderes constituídos, os *wahere-shave* (pessoas comuns) continuam ocupando as aldeias e, finalmente, os *kauti* (escravos) são aqueles de alguma forma excluídos da comunidade, mesmo que por vontade própria para residir em outro local, e até aqueles que se submetem a subempregos em fazendas ou nas cidades, visto que são mão-de-obra pouco qualificada.

1.3. O SISTEMA DE LEIS

Oberg (1985, p. 14) informa que "o grupo que fazia cumprir a lei era a família em toda sua extensão". Nos casos de assassinato, os parentes da vítima tentavam matar o assassino, em vingança. Como isso podia acontecer em qualquer classe, optavam por fazer

com que o assassino fosse colocado na primeira fila da próxima batalha. Os parentes do assassinado providenciavam para que o assassino tivesse pouca chance nas mãos do inimigo.

Oliveira (1968, p. 31-32) e Oberg (1985, p. 14-15) descrevem o funcionamento das leis e o sistema de parentesco, dos quais ressaltam-se os seguintes aspectos:

1. Em casos de adultério, a honra da família era defendida pelo marido dando uma surra na esposa e matando o traidor, sendo que isso não era considerado assassinato. Tampouco era considerado assassinato o adúltero matar o marido.
2. Quando agia imoralmente, a jovem era amarrada e arrastada por toda a aldeia. No entanto, caso passasse a ter um companheiro sem o consentimento do pai, bastava ir morar em outra aldeia para tudo se resolver.
3. O incesto não era considerado grave, bastando aos pais surrarem os filhos como punição.
4. O roubo, quando existia, era resolvido pelas famílias através de reposição ou compensação em propriedade.
5. Caso o xamã, através de sua magia, fizesse mal a alguém, deveria ser morto, mas fora da aldeia, pois matar um xamã na aldeia era considerado assassinato. Tais indivíduos eram temidos, uma vez que outros xamãs ou parentes poderiam vingar sua morte. Caso o xamã malfeitor fosse morto fora da aldeia, não ocorriam represálias.
6. Em relação ao casamento, havia proibição no caso de primos paralelos ou cruzados.
7. Uma pessoa poderia casar-se apenas dentro de sua metade e o casamento era, em geral, monogâmico, mas sem objeções quanto à poligamia.

A organização política dos Terena começou a mudar tão logo entraram em território brasileiro. É o que esclarece Oberg:

> As autoridades brasileiras selecionavam, nas várias povoações, um chefe ou líder com quem tratar. As autoridades brasileiras davam para o capitão da aldeia um título sobre a área de terras envolvendo a povoação. O efeito de seleção de um chefe para representar a aldeia foi o de destruir a organização dual e o sistema dual de chefes cerimoniais. Com a cessação do estado de guerra, o cargo de chefe de guerra naturalmente caiu em desuso. A unidade da família e do parentesco foi enfraquecida de modo muito semelhante [...]. [...] a organização em metades também começou a ruir, os casamentos entre opostos se tornaram comuns. Foi aceita a forma cristã de casamento e adotadas as cerimônias brasileiras, como o bate-pau. (OBERG, 1985, p. 18)

Carvalho (1979, p. 39), por sua vez, considera que essas características estruturais já haviam desaparecido anteriormente, ainda no Chaco paraguaio, "na medida em que o avanço colonialista nos séculos XVIII e XIX tornava cada vez mais instável o nicho ecológico Terena, desarticulando os grupos locais, intensificando novos deslocamentos [...]. O grupo Terena que solicitou proteção paraguaia localizou-se perto de Concepción." O autor estima que a migração Terena para o Brasil se deu em 1845, sendo esses os únicos sobreviventes dos antigos Txané, Guaná e Aruak.

Atualmente o grupo familiar continua tendo papel importante no cumprimento das leis e da moral. Não se observa repressão às crianças nem tampouco aos jovens, e as questões morais não apresentam a rigidez de outrora. De fato, durante o período desta pesquisa uma jovem solteira engravidou e recebeu todo o apoio familiar durante as complicações advindas à saúde do bebê após o nascimento.

O adultério parece continuar sendo privilégio masculino, observado em diferentes relatos que nos foram feitos:

1. Um jovem de 23 anos, casado, pai de quatro filhos, pretende ter mais seis filhos com várias mulheres até completar 30 anos, para "povoar o mundo de Terena". Sua esposa não interfere nessa decisão.
2. Uma mulher relata que o marido mudou-se para a casa vizinha com uma mulher mais jovem, com a qual teve filhos. O marido faleceu anos depois, mas a convivência entre as mulheres é boa: a primeira mulher auxilia na criação dos filhos que o marido teve com a outra mulher, afirmando que "a dor foi perder ele pra morte, pra onde Deus leva e não tem volta [...]. Perder ele pra outra mulher é ver todo dia e saber que ele pode voltar".
3. Uma mulher está separada do marido e, apesar de trabalhar como doméstica para prover seu sustento, continua residindo na mesma casa que ele. Não há interferência dela em relação ao comportamento do ex-marido, mas continua agindo como "casada".

O domínio e poder continuam sendo atribuídos ao homem, cabendo a ele autonomia e decisão e, à mulher, um papel mais submisso, observado nas situações seguintes:

1. Em uma das visitas, o dono de uma das casas quis questionar a presença da pesquisadora ali. Sua sogra, que a acompanhava, mandou-o afastar-se, dizendo que a visitante era amiga dela, ao que ele se calou. Parecem ser poucas os episódios de aquiescência como esse.

2. Em reunião para confecção de cartilha para a conscientização sobre doenças sexualmente transmissíveis e alcoolismo, os homens sempre se manifestavam, mas as mulheres só o faziam posteriormente.
3. Na mesma reunião, alguns homens demonstraram indignação frente ao fato de algumas mulheres quererem "ser iguais aos homens".

1.4. OS TERENA HOJE

Cabe aqui discorrer sobre quem é o índio Terena hoje existente, tido como "aculturado". Começaremos com a informação de Laraia (1988, p. 99), de que "o espaço de quatro séculos seria suficiente para demonstrar que a referida sociedade indígena mudou, porque os homens, ao contrário das formigas, têm a capacidade de questionar os seus próprios hábitos e modificá-los." Aponta ele duas formas de mudança cultural: uma "que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural"; outra "que é o resultado do contato de um sistema cultural com um outro".

Os sistemas culturais estão em constante mudança; de modo mais rápido ou mais lento, as mudanças ocorrem. Os Terena, portanto, vêm vivenciando transformações ao longo do tempo, sem contudo perder as características que "lhe dão coesão como povo" (MANGOLIM, 1993, p. 43).

Ribeiro também aponta essa transformação, sem deixar de frisar algumas características específicas:

> Os Terena de hoje vivem como índios de aldeia, índios de fazenda, índios de cidade, integrados na vida regional como lavradores, como trabalhadores urbanos. Alguns são reservistas e até eleitores. Cada vez menos índios. Cada vez mais abrasileirados e, como tal, a braços com os mesmos problemas sociais com que se defrontam as massas rurais e as populações mais pobres do Mato Grosso. Diferenciados, porém, do sertanejo e do citadino comum por enfrentarem problemas específicos de ajustamento, decorrentes, sobretudo, da consciência de uma origem tribal comum, das lealdades que os solidarizam uns com os outros e da consciência permanente espicaçada pela população regional, de que são diferentes. (RIBEIRO, 1996, p. 462)

Como a transmissão da cultura Terena foi essencialmente oral — Schaden (1969) relata que recorreu exclusivamente à memória do grupo para a reconstrução do passado —,

tanto a linguagem quanto as próprias manifestações culturais hão de ter sofrido alterações ao longo do tempo, e alguns de seus componentes podem até ter deixado de existir. Além da ausência de grafia para as palavras, tampouco existiram registros sobre os rituais.

O primeiro dicionário da língua Terena, intitulado *Vemó'u* ('Nosso idioma'), compilado por Francisco e Francisco, só foi publicado em junho de 1997. É inevitável que a língua tenha sofrido pequenas alterações nas diferentes aldeias, uma vez que o processo falar–ouvir–reproduzir ganha características subjetivas quando inexistem formas objetivas de registro. De fato, de uma aldeia para outra observam-se entonações diferentes de uma mesma palavra, o que pode levar a alterações mais substanciais com o passar do tempo.

Baldus (1951), havendo visitado grupos indígenas norte-americanos em 1949, realizou um estudo comparativo das relações entre estes e a sociedade circunjacente, e do padrão dessas relações no caso de algumas sociedades indígenas brasileiras, dentre as quais os Terena**.** O autor chega à conclusão de que os "Pueblo e Navaho aceitam e dirigem, na sua cultura, a educação em escolas primárias e secundárias, revistas ilustradas, rádio e automóvel, conservando melhor, ao mesmo tempo, as tradições dos antepassados, do que os Kaigang, Terena e outras tribos brasileiras tuteladas pelo Serviço de Proteção dos Índios" (BALDUS, 1951, p. 217-232).

Schaden (1969) descreve que, após haverem atingido um estado de "quase completa destribalização", devido à expansão pecuária, os Terena conseguiram reorganizar um certo número de grupos locais, salvaguardando ou até recuperando sua consciência étnica, apesar de um alto grau de integração à economia e à cultura da população branca e mestiça circundante.

O acima exposto permite perceber quanto esses índios têm, ao longo dos anos de convívio, assimilado a cultura dominante. Brandão confirma:

> Os Terena migram em família, deixando nas aldeias de origem os seus parentes e lotes de terra de sua posse. Quando podem, voltam à aldeia pelo menos por ocasião das festas. Na cidade eles não se isolam em guetos de índios e procuram recriar uma perdida vida de aldeia. (BRANDÃO, 1986, p. 115)

Essa minoria étnica também procura preservar-se enquanto cultura, utilizando-se atualmente de outros métodos, conforme expõe a *Carta de princípios da sabedoria indígena*, resultante do Encontro Nacional de Pajés Carajá, Xavante, Xeerente, Caritiana, Tapurinã, Pataxó, Craô, Macali, Terena e Suruí (ABREU, 1998):

> Nossa palavra final não é de alegria; todos nós voltamos muito preocupados com o que vimos e ouvimos dos parentes. [...] Vamos fechar nosso coração e guardar na cabeça a sabedoria dos nossos antepassados, porque precisamos proteger nosso conhecimento tradicional para garantir um futuro melhor para nosso povo.
>
> […] Queremos ainda que esse papel, onde ficou gravada a nossa preocupação, seja mandado para o mundo, porque temos ainda a esperança de ensinar ao homem branco que todos fazemos parte do grande ciclo da vida, filhos da grande mãe terra, e aqui estamos para viver na paz, que é irmã do respeito.

Um aspecto que chama a atenção é o consenso dos indivíduos. Quando um assunto diz respeito a toda a aldeia, é discutido de maneira ampla, de modo que todos possam manifestar a própria opinião, mesmo que isso demore dias. Essa prática parece revelar uma consciência de pensamento grupal. Um dos sujeitos entrevistados informou que as reuniões findam no momento em que todos chegam a opiniões similares. Não há aí, portanto, maioria, mas sim totalidade.

Apesar do interesse hoje existente no meio acadêmico em realizar pesquisas com grupos mais isolados e que mantêm presentes suas características culturais, os Terena não despertam interesse menor, porque possuem características próprias ao lado de outras assimiladas da população envolvente, conjunção essa que expõe um vasto campo de estudo que contribui para a elaboração de uma política indigenista cientificamente orientada e conduzida.

As características peculiares dos Terena, todavia, requerem que a mudança seja vista sob outro prisma, que evidencie os aspectos comuns aos membros dessa nação, mas o faça contemplando suas particularidades individuais. A história desse grupo étnico mostra ter ele sido um dos que mais assimilaram a cultura do colonizador; uma modificação tão ampla de seus aspectos culturais e históricos permite questionar *quem é o índio Terena atualmente* — ele que, após ter a "própria história confundida com a ocupação de Mato Grosso do Sul" (OLIVEIRA, 1968), atualmente vive em aldeias periféricas às cidades ou na própria periferia destas, como ocorre em Sidrolândia e Anastácio, ou então como desaldeado, como é o caso em Campo Grande.

Atualmente os Terena só podem ser observados vivenciando um contexto de reelaboração e reinterpretação de seus significados culturais, em que a televisão dita algumas

regras, o telefone e o carro assam a desempenhar funções importantes na vida das famílias e a cultura dominante oferece empregos e melhoria das condições econômicas. Estão eles, portanto, tão sujeitos à sociedade de consumo quanto qualquer outro habitante urbano, dada a grande proximidade e vinculação.

Os Terena demonstram ter consciência de pertencer a uma minoria étnica, com padrões culturais distintos, mas também revelam a necessidade de participar ativamente do processo de desenvolvimento sócio-econômico da região em que vivem. Fazem questão de possuir e exibir os documentos necessários ao cidadão, até mesmo o certificado de reservista. Em período eleitoral, são procurados por políticos, devido ao significativo número de eleitores.

A influência dos meios de comunicação é revelada também pela presença de antenas parabólicas na aldeia. A Figura 1.1 mostra as antenas parabólicas situadas ao lado de casas de uma mesma família. Uma das casas era feita de taquaruçu e se incendiou em 1997, sendo reconstruída em tábuas. As antenas parabólicas foram salvas do incêndio. Na Figura 1.2, ao lado de uma cozinha com paredes de taquaruçu. pode-se ver um botijão de gás, o que ilustra o quanto os moradores estão dependentes desse bem de consumo.

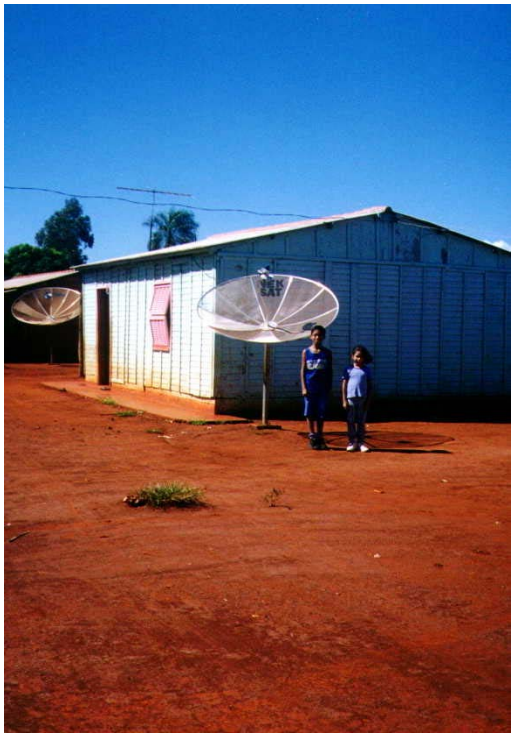


Figura 1.1. Antenas parabólicas ao lado de uma casa. As antenas remontam à época em que a casa ainda era feita de taquaruçu.

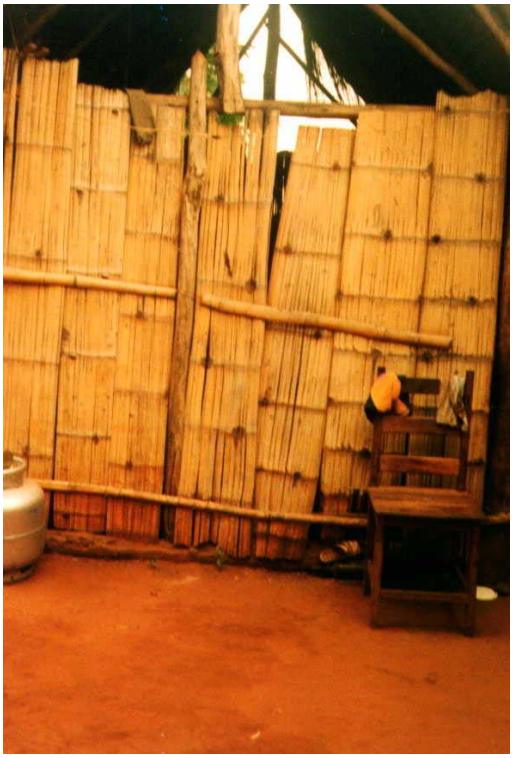


Figura 1.2. Botijão de gás ao lado de cozinha com paredes de taquaruçu.

1.5. A ALDEIA TERERÉ

A aldeia Tereré foi fundada na década de 1970 em terra doada por Sidrônio Antunes de Andrade ao cacique João Loureiro Figueredo.

Vicente de Brito, José Pereira Martins e Porfírio (filho de Vicente), colonizaram a região. Em 1926, Sidrônio Antunes de Andrade, genro de Porfírio, repartiu a fazenda São Bento, com a finalidade de criar um novo povoado, mas somente em 1942 pôde concretizar seu projeto. Elevada a distrito em 1.º de dezembro de 1948, localiza-se no centro do estado, a uma altitude de 484 m e com área de 5 300 km^2. A população em 1996 era de 18 144 habitantes (IBGE, 1996, *apud* MATO GROSSO DO SUL, 1997).

As primeiras famílias a se instalarem na aldeia Tereré foram Figueredo, Batista, Gabriel, Custódio e Clementino. Essas famílias, oriundas das aldeias Buriti e Córrego do Meio, ali se fixaram buscando maior acesso a empregos, atendimento médico e escolas.

Os Terena são conhecidos como excelentes agricultores, mas devido ao pouco espaço disponível na aldeia, buscam alternativas nesse contexto ambiental. A população mais jovem trabalha em diversos locais, seja fazendo pequenos serviços e reparos em residências ou trabalhando como domésticas. Algumas empresas próximas também utilizam mão-de-obra indígena. Os mais velhos ocupam-se da educação das crianças.

Como no restante da sociedade brasileira — porém de modo mais acentuado, como costuma ocorrer entre os indígenas —, os residentes nesta aldeia encontram problemas de educação, saúde, emprego, saneamento básico e principalmente espaço para desenvolver suas atividades agrícolas, pois habitam uma área de apenas dez hectares.

A aldeia Tereré conta hoje com uma razoável infra-estrutura, com rede de energia elétrica e telefone público. A escola bilíngüe funciona em dois períodos e conta com dois professores Terena. Há duas salas de aula, sendo uma de alvenaria e outra construída segundo o modelo Terena (Figura 1.3). Ao lado da escola foi construído o "redondo", um espaço que é símbolo da cultura. Na Figura 1,4 vêm-se homens da aldeia preparando carne em espetos para a comemoração do Dia do Índio, em 19 de abril de 1998, dentro do "redondo" com paredes de taquaruçu, visto à distância na Figura 1.5. Segundo informação verbal recebida, esse tipo de construção deriva da aldeia Terena original, que era formada por grandes casas distribuídas regularmente, onde viviam em média dez famílias.

Figura 1.3. Escola de alvenaria e "redondos" de taquaruçu batido. Fotografia realizada na comemoração do Dia do Índio, em 19 de abril de 1998.

Figura 1.4. Vista interna de um "redondo". Os homens da aldeia preparam churrasco para a comemoração do Dia do Índio. Todas as festas contam com a participação de todos os moradores.

Figura 1.5. Vista exterior de "redondo". A fotografia anterior (Figura 1.4) foi tomada no interior da construção da esquerda.

Figura 1.6. Alguns dos moradores da aldeia, congregados em roda de tereré.

A população da aldeia, em sua rotina, reúne-se em pequenos grupos familiares para a "roda de tereré" (Figura 1.6), assim como para jogos de futebol (Figura 1.8) e para a confecção de cerâmica. Tereré é um tipo específico de erva-mate, com o qual se prepara uma infusão em água gelada e que é sorvida através de um canudo metálico chamado "bomba" (semelhante ao do chimarrão). As pessoas acomodam-se próximas umas às outras e, enquanto conversam descontraidamente, bebem tereré, como se observa na Figura 1.6. A roda de tereré fotografada é formada pelo *koixomuneti*, seus netos e bisnetos. Ao fundo, à direita, vê-se a casa que pertence ao *koixomuneti* e sua esposa. À esquerda, em alvenaria (melhor observada na Figura 1.7), a casa de oração do *koixomuneti*, lugar onde recebe pessoas para "consultas", orações, benzeduras e pajelança, e também para indicar remédios que fabrica com raízes e ervas. Ele, segundo sua própria informação, benze até mordida de "bicho ruim" (cobra), tanto que salvou seu filho (hoje cacique da aldeia Tereré), que foi picado de cobra venenosa na adolescência e atualmente só tem como seqüela a pouca visão e uma freqüente inflamação no olho direito. A procura da população circunvizinha pela bênção e raizadas do pajé é grande; em todas as visitas à aldeia sempre foi observada essa procura que, segundo ele, já trouxe visitantes até de Pernambuco.

É oportuno comparar o *koixomuneti* da aldeia Tereré com o que é descrito por Carvalho (1996, p. 53), autora que se refere a uma certa hereditariedade, existente no passado, na iniciação do xamã, o qual era escolhido por parente xamã, que se encarregava de sua aprendizagem desde a infância. A autora informa que a *koixomuneti* da aldeia Bananal, Andrelina, não prepara seu sucessor. O mesmo ocorre na aldeia Tereré.

O atual *koixomuneti* em Tereré exerce essa função desde a criação da aldeia. Seu avô desempenhou a mesma função na aldeia Buriti, mas não o escolheu nem lhe forneceu ensinamentos. Nem seu pai nem seus tios exerceram esse papel, mas ele, quando jovem, teve um sonho em que se viu indicado. Todos os ensinamentos para as diferentes curas, incluindo as receitas das raizadas, lhe foram revelados também em sonho. Atualmente com 87 anos, não escolheu seu sucessor e não se preocupa como esse papel será exercido após sua morte. Afirma que o sonho revelará seu sucessor e através do sonho ele aprenderá todo o necessário. Tais aspectos permitem pensar nesta cultura como dinâmica, por permitir reelaborações e reinterpretações a partir de um saber que advém de um poder transcendental.

Figura 1.7. Vista parcial da aldeia. A construção de alvenaria situada logo atrás do "redondo" é a residência do *koixomuneti*, ao lado da qual fica sua casa de oração.

Figura 1.8. Campo de futebol, localizado na entrada da aldeia e muito utilizado pelos moradores, tanto em times masculinos quanto femininos.

Saliente-se que ele é bastante respeitado e solicitado na aldeia: está sempre visitando as famílias e abençoando as crianças; aos domingos pela manhã visita todas as casas; várias pessoas afirmaram que em casos de doença procuram o médico paralelamente a ele. Duas cerimônias de pajelança foram observadas durante o período desta pesquisa: uma, durante a cerimônia do Dia do Índio; outra, na Sexta-feira Santa, dia em que o *koixomuneti* não dorme, pois, segundo ele, Deus está morto e é ele quem defende seu povo com rezas e *purunga*[3]. A Sexta-feira Santa é também o dia em que "olha sorte" de todas as pessoas que o procuram. Sua esposa prepara algumas raizadas e participa das rezas, mas não é considerada *koixomuneti*.

À época de realização desta pesquisa, o levantamento mais recente disponível sobre a aldeia Tereré era o efetuado por Reis (1994), que revelava uma população de 311 pessoas (Tabela 1.1), sendo 174 do sexo masculino e 137 do feminino, perfazendo 61 famílias.

Tabela 1.1. Distribuição populacional da aldeia Tereré, por faixa etária.

Faixa etária (anos)	Até 10	11 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	Acima de 60	Total
População	108	80	50	34	19	8	12	311
%	34,7	25,7	16,1	10,9	6,2	2,6	3,8	100

Fonte: REIS, C. R. P. *Levantamento demográfico da população da Aldeia Tereré.* Campo Grande, 1994. Trabalho de Conclusão de Curso – Geografia. Universidade Católica Dom Bosco.

Quanto às atividades econômicas dessa população,

> 100 são estudantes de 1.º e 2.º graus; 38 são donas de casa; 32 desenvolvem trabalhos braçais; 19 trabalham no abatedouro de aves da Ceval; 118 trabalham como domésticas; 12 são aposentados; 10 trabalham em fazendas da região e 19 desenvolvem outras atividades. Das pessoas com idade superior a 15 anos, 122 são alfabetizadas e 45 são analfabetas. (REIS, 1994, p. 27)

A autora descreve também o material utilizado na construção das residências, entre outras características:

> 32 casas são de alvenaria; 12 de taquaruçu batido e 3 de outros materiais. [...] 3 têm apenas um cômodo; 16 têm 2; 8 têm 3; 19 têm 4 e 15 têm mais de 4 cômodos. [...] Somente 3 casas não possuem energia elétrica e 2 são

[3] Porongo, fruto do porongueiro, com que se fazem cuias.

> abastecidas com água de poço. Fossas sépticas atendem a 44 casas e em 17 o destino dos dejetos é a céu aberto. As famílias que queimam ou enterram o lixo perfazem um total de 57, 3 não se preocupam com isso e apenas uma tem acesso à coleta de lixo. (REIS, 1994, p. 32)

O número de crianças na aldeia é elevado, parecendo não existir preocupação com o controle de natalidade. Não existe idade determinada para o casamento, e tampouco a necessidade de casamento para que se tenham filhos. Atualmente, o casamento religioso é semelhante ao da cultura não-índia, ou os cônjuges simplesmente passam a morar juntos quando constroem uma casa. Segundo informado, o casamento antigamente consistia numa cerimônia em que os jovens sentavam-se em rede e tinham os pés cobertos com uma folhagem específica, enquanto os mais velhos da aldeia ficavam à volta dando conselhos.

Figura 1.9. Água que escorre por um quintal onde brincam crianças. Adultos descansam sob a sombra de árvores.

Figura 1.10. Área de lavagem de utensílios de cozinha, numa residência. A água resultante dessa limpeza une-se à água proveniente da lavagem de roupas e àquela utilizada no banheiro.

Figura 1.11. As roupas são lavadas em tábuas inclinadas.

Figura 1.12. Espaço entre residências. Ao fundo, tábuas sem cobertura delimitam um banheiro.

Figura 1.13. Uma moradora e seu filho caçula. Ao fundo, vê-se sua casa e, à esquerda, a de sua mãe. Note-se, no terreno, a água que corre constantemente e, à direita, o lixo sendo queimado.

Figura 1.14. A filha mais velha da moradora retratada na figura anterior posa com seu primeiro filho, que tem a mesma idade do irmão caçula.

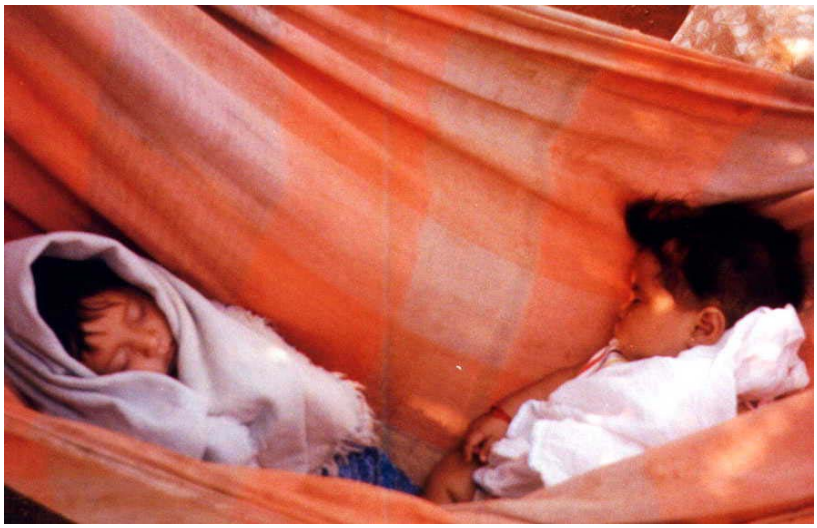


Figura 1.15. Tio e sobrinho, de mesma idade (descritos na figura anterior) dormindo em rede sob os cuidados da mãe do último. O número de crianças na aldeia é elevado.

A Figura 1.16 mostra a casa do cacique, a qual tem na fachada os desenhos de um índio (à direita) e de São Sebastião, o padroeiro (à esquerda). Novamente, tem-se aí uma mescla no significado cultural, com reelaboração advinda da fragmentação dos poderes: de um lado, o sistema original; de outro, o santo do catolicismo.

Nas festividades, há apresentação da dança do bate-pau, em que participam exclusivamente homens, e da siputrema, dançada exclusivamente por mulheres (Figuras 1.17 e 1.18), com acompanhamentos musicais específicos (Figura 1.19). A comunidade demonstra grande orgulho por suas danças. No Dia do Índio as festividades duram o dia inteiro e estendem-se pela noite. As Figuras 1.17 a 1.19 mostram danças de crianças e jovens, que são também apresentadas pelos adultos à noite. Segundo informação verbal, a dança do bate-pau se refere às antigas metades endogâmicas Shumono e Sukirikiono, ou os vermelhos e os azuis, e por isso os participantes são divididos em dois grupos, cada um tendo uma dessas cores pintada no rosto e em metade do bastão que cada um carrega. Oliveira (1960) refere-se à dança do bate-pau como tendo sido reavivada pelos funcionários do antigo Serviço de Proteção aos Índios, como tentativa de defender a cultura indígena. No entanto, Altenfelder Silva (1949) informa que essa dança teve origem mítica, quando um *koixomuneti*, durante invocações xamanísticas, sonhou com um Kohitchoti-Kipahé (personagem vestido com uma espécie de manto). Ao acordar, ensinou a dança, que a partir de então vem sendo realizada.

As dificuldades vivenciadas pelos moradores da aldeia são inúmeras, não apenas por viverem na periferia de uma cidade do interior, como também por enfrentarem discriminações em relação a sua etnia. O capitão Santos, cacique da aldeia e filho do *koixomuneti*, relata que quando a aldeia foi criada as pessoas do bairro vizinho freqüentemente fechavam o caminho de acesso à cidade. Atualmente, apesar da superação dessas dificuldades, as limitações econômicas impedem um maior crescimento da aldeia.

Figura 1.16. A casa do cacique, com desenhos referentes a dois sistemas culturais ladeando a mesma porta de entrada.

Figura 1.17. Dança do bate-pau.

Figura 1.18. Dança da siputrema.

Figura 1.19. Acompanhamento musical das danças.

CAPÍTULO 2

A PROVA DE RORSCHACH

Este capítulo traz um levantamento bibliográfico sobre a prova de Rorschach, cobrindo desde dados biográficos de seu idealizador até os diferentes sistemas de notação e interpretação utilizados. Os diversos índices que compõem a prova serão apresentados à luz de diferentes autores.

2.1. HISTÓRICO

Hermann Rorschach (1884–1922) nasceu em Zurique, Suíça, e foi o idealizador do teste que leva seu nome. Vaz (1997) apresenta detalhadamente os dados biográficos de Rorschach, dos quais serão destacados alguns pontos.

> Era considerado um aluno ágil de raciocínio, dotado de elevado poder de síntese e, além de forte tendência às ciências exatas, era possuidor de muito talento para línguas estrangeiras e cultura humanística em geral. Já no curso secundário dedicava-se ao desenho, fazendo caricaturas em sala de aula, criando brincadeiras curiosas com borrões de tinta, que lhe valeram o apelido de Klex (desenhista de borrões, caricaturista). (VAZ, 1997, p. 3)

Devido a seus dotes artísticos, Rorschach hesitou entre a carreira artística e a médica, optando pela segunda com auxílio do biólogo Ernst Haeckel. Após cursar Medicina e especializar-se em Psiquiatria, passou a freqüentar o grupo psicanalítico de Zurique, junto a Bleuler, Jung, Maeder, Binswanger e Pfister. Em 1919, Rorschach torna-se o vice-presidente da Sociedade Suíça de Psicanálise. No entanto, "seu posicionamento em relação à Escola Psicanalítica de Freud era o de um não-ortodoxo", pois "via nela o risco de castração do espírito humano e um nivelamento prejudicial" (VAZ, 1997, p. 4).

Com o objetivo de melhor compreender os processos psíquicos, Jung criou o teste de associação de palavras, passando a utilizá-lo em psicóticos; Silberer privilegiou a lecanomancia (antigo método de adivinhação em que se olha fixamente uma bacia cheia de água); Pfister optou pelo criptograma. Rorschach, por sua vez, se interessou por Leonardo da Vinci, que em um de seus escritos relata sua percepção de novas formas ao observar paredes manchadas pela umidade, rachaduras em um muro ou mesmo nuvens (ANZIEU, 1979, p. 43-46).

Segundo Pereira, é atribuída a Rorschach

> [...] a primazia de ter utilizado manchas fortuitas de tinta para a investigação da personalidade. Antes dele, já haviam lançado mão do uso de tal técnica, entre outros: Leonardo da Vinci; Justino Kerner, em 1857; Binet e Simon, em 1895; Rybakoff, em 1913; Bartlett, em 1916. Verificavam, em geral, imaginação e criatividade, através das respostas obtidas às manchas. Rorschach no entanto foi mais além. Preocupando-se não tanto com *o que* a pessoas via, mas *como* via cada uma das figuras, relacionou tais observações às funções psíquicas. (PEREIRA, 1987, p. 3)

De acordo com Anzieu (1979, p. 45), Rorschach foi estimulado a essa associação de idéias com borrões a partir da leitura de obra de Dmitri Merejkowski sobre da Vinci. A originalidade de Rorschach estaria em haver "transformado a prova de manchas de tinta em teste de personalidade, e não mais de imaginação, e em ter encontrado a chave para a nova interpretação" (ANZIEU**,** 1979, p. 46).

O trabalho de Symon Hens, em 1917, deu novas diretrizes às pesquisas de Rorschach, que "elabora manchas cujos dois elementos de estruturação são eixo e simetria [...]; a partir daí, desenvolve um método de avaliação da personalidade diferente dos conhecidos até então" (PEREIRA, 1987, p. 4).

Em 1918, Rorschach elabora as pranchas do teste, que são reduzidas de quinze para dez por solicitação do editor. Descobre nas alterações de impressão efeitos de luminosidade que se somam aos determinantes cinestésicos e coloridos que já estudara como reflexos de vida emocional interiorizada, além do paralelismo entre as cores e a afetividade. Suas conclusões são publicadas em 1921 na obra Psychodiagnostik.

Rorschach morreu em 1922, de uma peritonite não-operável. A partir de então, o instrumento por ele criado passou a se expandir, recebendo diversos sistemas de classificação.

Portuondo (1976) se refere a quatro correntes iniciais de investigação a fazer uso do procedimento: a primeira foi seguida pelos alunos e colaboradores de Rorschach, sem variações quanto ao método ou aos símbolos utilizados; a segunda tratou de explicar principalmente os processos psicológicos; a terceira ampliou a técnica e introduziu novos elementos e símbolos; a última privilegiou a avaliação quantitativa, a qualitativa e as interpretações psicanalíticas do conteúdo.

Após o surgimento do método de Rorschach, outros borrões, denominados Séries Paralelas, foram desenvolvidos para utilização em retestes ou aplicações coletivas. Pereira (1987, p. 6) elucida que o "primeiro foi BeRo, elaborado pelo próprio Rorschach e seu amigo Behn", seguido por "FuRo Test, Z-Test, Teste de Harrower, o de Holtzman, TIFA, KaRo, e o elaborado por Parisi e Pes".

Atualmente, Vaz (1997) refere-se aos principais sistemas de classificação do método: os de Hermann Rorschach (de 1922) e Loosli-Usteri (de 1941), na Suíça; Ombredanne-Canivet (de 1960), na França; Klopfer (de 1942), na Inglaterra e América do Sul; Hertz (de 1944), Beck (de 1945), Rappaport (de 1946), Piotrowski (de 1957) e Exner (de 1974 e 1995), nos Estados Unidos; Endara (de 1961), no Equador; e Aníbal Silveira (de 1961), no Brasil.

Pereira (1987) esclarece que, no Brasil, Ulysses Pernambucano fazia uso do teste já em 1927 e Helena Antipoff em 1929. Existem no país grandes pesquisadores que se dedicam ao estudo da prova de Rorschach e que desenvolvem trabalhos baseados na realidade nacional, participando ativamente da Sociedade Internacional de Rorschach. Dentre esses trabalhos, têm-se as publicações de Isabel Adrados, Monique Augras, Margarida Windholz, André Jacquemin, Alba Guerra e Cícero Vaz, além das pesquisas, citadas na Revista ALAR, de Marli Appel da Silva, Ana Maria Teresa Benevides Pereira, Lúcia Coelho, Roberto Fazzani Neto, Neide Bottim, Hilda Clotilde Morana, Simone Brunhani, Neiva Domingues Machado e Maria da Penha Lima Coutinho, entre outros.

Vaz (1997, p. 8) faz destaque às publicações de Cícero Cristiano de Souza – *O método de Rorschach*, de 1953 – e de Aníbal Silveira – *A prova de Rorschach*, de 1985 –, complementando: "Criteriosos, objetivos, cada um com características particulares em seu sistema de classificação, cientificamente elaborados."

Visando promover a divulgação, estudar o método e incentivar pesquisas, funcionam ativamente no Brasil a Sociedade Brasileira de Rorschach e Outros Métodos Projetivos, com sede em Ribeirão Preto, e a Sociedade Rorschach de São Paulo, em São

Paulo. Em Campo Grande, capital sul-mato-grossense, funciona desde 1994 o Núcleo de Rorschach de Mato Grosso do Sul.

Steiner elucida que os cursos regulares de especialização na Sociedade Rorschach de São Paulo foram iniciados por Lúcia Coelho em 1966:

> Antropólogos e sociólogos procuraram também pelos cursos. Várias pesquisas já haviam sido realizadas com o Psicodiagnóstico com os índios Kaigang (Brasil), pelo etnólogo Herbert Baldus, com a colaboração de Aniela Ginsberg e Cícero de Souza – membros da Sociedade de Rorschach. (STEINER, 1996/1997, p. 25)

2.2. ÍNDICES PRINCIPAIS

No teste de Rorschach, o estímulo que é apresentado exige do sujeito algo mais que um "reconhecimento", diferentemente do que sucede em sua percepção essencial dos fatos, uma vez que no teste ele não encontra imediatamente uma semelhança entre aquilo que vê e suas experiências passadas. Torna-se então necessária uma "interpretação", que ocorre sempre que o indivíduo se defronta com situações novas, não-habituais, que requerem compreensão adequada dos elementos que a constituem e que portanto exigem uma maior participação de recursos mais subjetivos.

O sujeito, frente às manchas ambíguas apresentadas nas pranchas, tem a liberdade de oferecer qualquer tipo de resposta, de relacionar qualquer porção da prancha, de utilizar em seus conceitos os elementos do estímulo que desejar: as tonalidades de luz, o colorido, as formas, a perspectiva.

Tal liberdade nem sempre facilita seu trabalho, uma vez que o indivíduo não conta, como em sua vida cotidiana e social, com diretrizes mais ou menos pré-estabelecidas de comportamento, com estereótipos ou normas de conduta. Ele está só diante do desconhecido e, desse modo, precisa agir segundo suas concepções mais profundas, revelando assim, através da seleção perceptual, os dinamismos mais característicos de seu eu, ou as disposições específicas de sua personalidade.

Quadro 2.1. Comparação dos sistemas de notação do teste de Rorschach, compilada por Silveira em 1949 (revisão em 1963).

Autores		*Rorschach*	*Binder Bohm*	*Endara (1954)*	*Mira* (1925)* *Salas (1944)*	*Loosli Usteri (1958)*	*Monnier*	*Ombredane*	*Guirdham*	*Vernon*	*Beck*	*Klopfer*	*Piotrowski*	*Rapaport*	*Rorschach (translat.)*	*Bohm (1951)*	*Ombredane e Canivet (1947)*	*Székely (1941)* *Cerqueira* (1945)*	*A. Silveira (1953)*	*Leme Lopes (1943)*	*C.C. de Sousa (1953)*	*Veit (1943)*	*A. Silveira (1943)*
Modalidades		G DG D Dd Dzw Do	G DG D D Dzw Do	W WS DW D Dd DS Dds	G DG D Kd*,Dd Dzw Do	G DG D Dd Dbl Do	G DG D Dd Dim Do	G DG D Dd Dbl Do	G DG D Dd Dzw Do	G DG D Dd Ds Do	W Ws DW D Dd Ds Dds (x)	W W,S DW,W D d Dd S	W DW D d S	W Ws DW D Dd Dr S	W DW D Dd S Do	G GS PG P Pp S PpS Po	T PT P Pp Ppi,Ppe Pim Pre	T TS PT P Pp S Po,pi*	G GS PG P p S p’	G DG D Dd Di	G Gs DG D Dd Ds Dds (x)	T DT D Dd Di Do	G GE PG P p E p’
Determinantes	**Comuns**	B Bkl F FFb FbF Fb	B Bkl F FFb FbF Fb	M Bkl FM m F FC CF C Cn	B F FFb FbF Fb	K Kp FK k F FC CF C	K F FC CF C	K Kp Kan Kob F FC CF C	B F FFb FbF Fb	B F FFb FbF Fb	M F FC CF C	M FM m F FC CF C Cn	M FM m F FC CF C Cn	M (FM) F FC CF C	M Ms F FC CF C	K Kp F FC CF C	M Mp Man Mr F FC CF C Cn	M F FC CF C	M m m’ F FC CF C nC	M FM m F FC CF C	M FM m F FC CF C Cn	M Ci F FC CF C	M m m’ F FC CF C nC
	Luminosidade e perspectiva	F(Fb)	F(Fb) FHd HdF Hd	Cw Fc,cF c C’ Fc’ c’ FK KF,kF K,k	F(Fb)	F(C) (C)F (C) FClob ClobF Clob	ClO	F(C) FE EF E FClob ClobF Clob	F(Fb) F(Ch) (Ch)F (Ch)	F(Fb) FCH CHF CH	FT TF T FY YF Y V,FV	Fc,FC’ cF,C’F c C’ FK Fk KF kF K,k	Fc’ c’ Cw Fc c	F(C) FCh ChF Ch FC’ C’F	F(C)	Clob F(C) FClob ClobF Clob	FClob ClobF Clob FGr GrF Gr	F(C)	C’ L l l’ Ps ps ps’	F(C) Cles Fc,FK cF,KF c,K k	C’ FK K Fc c k	F(C)	C’ L l l’ Ps ps ps’

Fonte: Silveira (1985, p. 25-26).

Existem vários sistemas de classificação do teste de Rorschach. Em cada um deles, os diferentes autores utilizam-se de símbolos específicos. O Quadro 2.1 mostra o sistema de notação de Silveira, datado de 1949 e revisado em 1963, apresentado em comparação com as notações de outros sistemas.

O sistema de notação e as abreviaturas desenvolvidas por Silveira apresentam algumas divergências em relação aos de outros autores, apesar de "conservar tanto quanto possível a nomenclatura originária de Rorschach. [...] Rorschach empregou a título provisório, para segmentos de manchas, as qualificações Detail e Kleindetail; por isso os pesquisadores em geral traduzem ou usam essas designações" (SILVEIRA, 1985, p. 23). Esse autor dá como justificativa da substituição das categorias *D* e *Dd* a "de respeitar o gênio da língua; usamos então para aquelas categorias os símbolos *P* e *p* respectivamente, pois que detalhe não é vernáculo, e significa pormenor" (SILVEIRA, 1985, p. 23).

Descrevem-se sucintamente, a seguir, os significados dos índices que foram utilizados para interpretar os protocolos dos indivíduos que tomaram parte na presente pesquisa. (Serão aqui apresentados apenas os índices que constam nos protocolos; os demais serão omitidos.)

2.2.1. Número de respostas

O número de respostas (*R*) apresentadas indica a riqueza do material associativo e a flexibilidade do sujeito. Em relação a esse índice os autores não apresentam discordâncias.

2.2.2. Tempo de reação

O tempo de reação (*T/R*) médio para a execução da prova é considerado por Rorschach (1967) como oscilando de 20 a 30 minutos, o que resulta em uma média de reação de 1,5 minuto por prancha. Para Silveira (1985), um tempo de reação inicial (*TRI*) superior a 60 segundos é indicativo de inibição do trabalho mental.

2.2.3. Índice de elaboração

O índice de elaboração (*Elab.*) foi utilizado primeiramente por Beck, que o denominou *Z*, levando em consideração a complexidade maior ou menor envolvida na integração do percepto, o que equivaleria à maior ou menor energia de elaboração a ser empregada pelo sujeito. Conforme Coelho (1980, p. 179), "*Elab*. afere a capacidade de percepção de relações não evidentes em si mesmas, de conceituação e de abstração, em suma, de elaboração intelectual em sentido estrito". Silveira complementa:

> De acordo com o que foi postulado por Beck, o fundamental para que ocorra o fator em causa é que duas áreas ou mais, ou ainda mancha e espaço em branco, sejam associadas na interpretação, de modo a constituir conceito. No caso de o conceito resultar simplesmente de configuração da mancha, sem nenhum trabalho de construção, não haverá Elab. (SILVEIRA, 1985, p. 171)

2.2.4. Modalidade

A modalidade (função intelectual da observação) indica o modo como o sujeito distribui sua atenção pelo ambiente, sua maneira pessoal de captar os dados ambientais, seu modo de percepção. É encontrada através da localização do percepto. Segundo Silveira (1985, p. 134), trata-se da maneira como apuramos esses elementos "e de que modo contribuem tais componentes para aferir as ligações intelectuais para com o meio externo".

São considerados os seguintes índices de modalidade primários:

- **Respostas globais** (***G***): São aquelas que se referem à totalidade da prancha e indicam a capacidade de perceber e apreender as situações de forma mais ampla. Tais respostas são generalizações com que se extraem das situações observadas noções mais amplas. Segundo Rorschach (1967, p. 61), o número de *G* é utilizado como indicador "da energia disposicional da atividade associativa e, freqüentemente, como indicador do gosto consciente ou inconsciente pelas realizações mais complicadas".

  Para Bohm (1970), as respostas *G* "devem ser abundantes". A porcentagem esperada é de 20% a 30%, segundo Portuondo (1976), Adrados (1978) e Vaz (1997); de 25% para cada protocolo, na concepção de Silveira (1985); e com valor médio de 21%, para Coelho e Sálvia (1998).
- **Respostas de pormenor primário** (***P***): São aquelas que se referem à seleção de um setor da prancha freqüentemente percebido por diferentes probandos. Denota a capacidade de captar os aspectos óbvios e mais evidentes das situações, indicando uma percepção mais concreta e objetiva da realidade.

  Para Portuondo (1976), a porcentagem esperada deve variar de 60% a 70%; para Adrados (1978), de 45% a 55%; Silveira (1985) considera um valor médio de 60%; Vaz (1997), uma faixa de 40% a 55%; Coelho e Sálvia (1998), 68%.
- **Respostas de pormenor secundário** (***p***): São aquelas em que o sujeito seleciona uma parte da mancha, mas cuja freqüência é reduzida. Indicam a capacidade de captar as minúcias e detalhes menos evidentes das experiências e estímulos do meio.

"Elaboração minuciosa dos eventos [...] traduzindo um trabalho mental analítico", informa Coelho (1980, p. 118).

Para Portuondo (1976), a ocorrência deve estar compreendida entre 0 e 11% em relação às outras modalidades; Adrados (1978) aponta uma proporção ideal compreendida entre 10% e 15% para os detalhes inusuais. Para Silveira (1985), a porcentagem esperada é de 10%; para Vaz (1997), deve ser considerada entre 10% a 15% para as respostas de detalhe incomum. Um valor médio de 6% é atribuído por Coelho e Sálvia (1998).

Também existem índices de modalidade secundários, que não são considerados por alguns autores como uma categoria específica de localização, formando, em vez disso, uma categoria associada ou combinada às demais. Consideraremos aqui apenas os dois deles que compareceram nos testes aplicados:

- **Resposta de espaço** (***E***): São aquelas que se referem apenas ao borrão, e não à mancha de tinta. Segundo Zulliger (*apud* PORTUONDO, 1976), relaciona agressividade com as respostas de espaço. Para Adrados (1978), as respostas de espaço em branco implicam em tendências oposicionistas. De acordo com Beck (*apud* COELHO, 1980, p. 118), "em indivíduos inteligentes expressa resolução e perseverança [...] enquanto que nos menos inteligentes representa teimosia e obstinação". Para Vaz (1997), tem significado de sinal de ansiedade situacional.
- **Respostas globais com espaço** (***GE***): Ocorrem quando se seleciona, além da mancha de tinta, alguma região de espaço em branco. Muitos autores incluem essa modalidade nas respostas de espaço, mas Coelho (1980, p. 120) assim a diferencia: "Utilização de energia mental maior que aquela exigida por G, bem como não-obstrução das realizações mentais em conseqüência de injunções negativas".

Para Silveira (1985), os índices de modalidade secundários devem perfazer 5% do protocolo. Para Coelho e Sálvia (1998), o valor médio de *E* é 3%; o de *GE*, 2%.

2.3. DETERMINANTES

Os determinantes indicam quais fatores motivaram a resposta dos sujeitos. Constituem, segundo Bohm (1970), o núcleo do teste. São subdivididos em respostas de forma, cor, luminosidade (claro-escuro), movimento e perspectiva.

De modo objetivo, Coelho (1980, p. 124) apresenta "os setores da personalidade e níveis funcionais que os fatores aferem" (Quadro 2.2).

Quadro 2.2. Setores da personalidade e níveis funcionais que os fatores aferem.

Setores	**Inteligência**		**Conação**	**Afetividade**	
	Contato com a realidade	**Capacidade intrínseca**	**Atividade no meio externo**	**Nível intrínseco**	**Contato emocional**
Categorias	**Perspectiva**	**Movimento**	**Forma**	**Cor**	**Luminosidade**
Nível 3	*ps'*	*m'*	*F*	*C*	*l'*
Nível 2	*Ps*	*M*	*F–*	*CF*	*L*
Nível 1	*Ps*	*M*	*F+*	*FC*	*L, C'*

Fonte: COELHO, L. *Epilepsia e personalidade.* São Paulo: Ática, 1980. p. 124.

2.3.1. Forma

As respostas de forma (*F*) são as mais freqüentes e são assim classificadas quando a percepção do sujeito se detém exclusivamente na configuração da forma do que foi percebido, sendo excluídos outros determinantes. A forma também se acha presente em outros determinantes, mas é ali considerada apenas quando só ela determina a percepção.

O teste é composto de manchas ambíguas e simétricas, como explica Coelho:

> Na realidade, os borrões não são informes, mas assumem formas não preconcebidas. Não apresentam configurações logicamente predeterminadas. Assim, a apresentação das manchas ao probando, para que ele nos diga com o que se parecem, provoca o trabalho mental em fase construtiva, que depende da indução e da dedução (respectivamente elaboração intelectual generalizadora, e elaboração intelectual sistematizadora) e reflete, no adulto normal, a evocação da experiência (ressonância afetiva) fundamentalmente baseada na forma. (COELHO, 1980, p. 126)

Bohm (1970), Portuondo (1976), Adrados (1978), Coelho (1980), Silveira (1985) e Vaz (1997) são unânimes ao considerar as respostas *F* como uma expressão lógica, racional, que indica a percepção do ambiente de modo suficiente e acurado. Isso é alcançado com o amadurecimento psicológico. No entanto, o grau de contato com essa

realidade pode ser objetivo ou se apresentar distorcido, situações em que surgem as respostas *F*+ e *F*–. Para atribuir a uma resposta o seu valor, é utilizado um critério estatístico que determina se uma resposta é bem vista (*F*+) ou mal vista (*F*–). Coelho esclarece:

> Utilizamos o processo estatístico tal como o fazem Beck, Hertz, Rorschach e Silveira, entre outros, e não o processo de julgamento do observador, adotado por Klopfer, Kelley, Rappaport e outros. Portanto, a percentagem das formas no psicograma mede os traços mais partilhados com os dos outros indivíduos, e que pouco contribuem para os distinguir dos demais. (COELHO, 1980, p. 127)

Portuondo (1976) atribui os valores de *F* de modo que se encontrem entre 60% e 70% do total de respostas; os de *F*+, de modo que estejam entre 70% e 80% do total das respostas *F*. Adrados (1978) atribui como porcentagens ideais de F aquelas que oscilam em torno de 50%, devendo as *F*+ ficar entre 75% e 80%. Silveira (1985) atribui para *F* um valor compreendido entre 56% e 72% e, para *F*+, valores compreendidos entre 82,5% e 92,5%. A expectativa para Coelho e Sálvia (1998) é de 58,9% a 71,1% para as respostas *F* e de 80% a 88,6% para as respostas *F*+.

2.3.2. Respostas de movimento

Trata-se das respostas de movimento humano (*M*), de movimento animal (*m*) e de movimento de forças da natureza (*m'*).

Rorschach (*apud* BOHM, 1970) assinala que as "respostas de movimento são o ponto mais delicado de toda a prova [...] produzidos por imagens mnêmicas de movimentos anteriormente vistos, representados ou executados". Portuondo (1976, p. 134) acrescenta que "as respostas de movimento são os melhores índices da capacidade de introversão e de produção criadora." Adrados (1978) considera que representam a fantasia interna criadora e, sobre as respostas M, afirma:

> É difícil encontrar este tipo de respostas em pessoas de mentalidade primitiva, naquelas que agem constritivamente ou nas que sofrem de certas doenças orgânicas do cérebro. A ausência destas respostas em tais pessoas não quer dizer que não possuam vida interior; muitas vezes se trata, unicamente, de impossibilidade de usar sua capacidade produtiva para criações atuais. (ADRADOS, 1978, p. 50)

Klopfer e Sender (1936) atribuem às respostas *m* a "representação da influência de camadas mais profundas e instintivas da personalidade" e às *m'* situações em que o sujeito "experimenta seus impulsos como forças hostis e incontroláveis que operam contra ele e parecem ser um reflexo das tensões internas da personalidade que as sofre".

Coelho (1980) atribui às respostas M um sistema de valores próprio, autonomia e autoconhecimento; às *m*, as noções mais fantasiosas e menos integradas à realidade objetiva; às *m'*, o sentimento de impotência ou de irresponsabilidade ante as exigências ambientais.

Silveira (1985, p. 119) adota os graus de energia de movimento de Piotrowski**,** o qual "estabeleceu a relativa independência entre a cinestesia em extensão e atitudes auto-afirmativas, por um lado e, por outro, entre a de flexão e as tendências para ceder e para resignar-se". São seis os graus nessa escala de movimento: movimento agressivo; movimento global do corpo; movimento parcial do corpo; movimento contido ou retido; movimento ativo, porém em obediência à força de gravidade; movimento de completa submissão, passivo. Para Silveira (1985), o interesse acerca da energia mental na escala de movimento reside em precisar condições implícitas e manifestas da personalidade.

Ainda quanto às respostas de movimento, Vaz (1997) corrobora que as respostas *M* significam a expressão da imaginação criadora, da empatia e das funções integradoras da personalidade; quanto às *m*, afirma que são uma característica da infância, atribuindo às *m'* um sinal de conflito entre o esquema de valores interno e o sócio-cultural.

2.3.3. Respostas de cor

As respostas em que o sujeito refere os tons cromáticos são consideradas por todos os autores como expressão da afetividade. São divididas em respostas em que se dá prioridade à forma acompanhada pela cor (*FC*), respostas em que a percepção da forma é secundária à cor (*CF*) e aquelas que recorrem exclusivamente à cor (*C*).

Bohm (1970) e Portuondo (1976) as diferenciam, atribuindo às *FC* a adaptação do sentimento na situação, considerando as *CF* como afetividades mais lábeis e vendo as *C* como a pura descarga dos afetos, a impulsividade. Adrados (1978) também as diferencia, tomando as respostas *FC* como a expressão do grau de concordância emocional com a realidade externa, as *CF* como as de sujeitos em que a subjetividade é mais importante que a objetividade e a inteligência já não controla as emoções, e considerando que as respostas *C* também expressam a impulsividade. Coelho (1980) e Silveira (1985) atribuem às *FC* um

modo mais amadurecido e adequado de reação afetiva; consideram que as *CF* indicam menor subordinação ao mundo real, denotando reações afetivas mais egocêntricas, impulsivas e instáveis, e que as *C* representam a liberação da carga afetiva de modo excessivamente egocêntrico e impulsivo, sem qualquer consideração com o outro ou o meio. Para Vaz (1997), a resposta *FC* revela capacidade de relacionamento afetivo-emocional adequado; na *CF*, o sistema emocional se mobiliza com a mínima intensidade de estímulo; na resposta *C*, considera haver descontrole afetivo-emocional.

2.3.4. Respostas de luminosidade

Neste quarto determinante de respostas, os autores apresentam divergências quanto aos tons acromáticos, ou de claro-escuro. Para a maioria dos autores, esse determinante abrange as respostas de sombreado, textura e perspectiva, ao contrário de Silveira (1985), que as distingue atribuindo-lhes dinâmicas psicológicas diferentes: a luminosidade expressa a dinâmica emocional, que é um processo diferenciado da afetividade, por ser um setor da personalidade; a perspectiva, por sua vez, expressa o contato intelectual em relação ao mundo. Nos parágrafos seguintes, será exposta apenas a concepção de Silveira sobre esses determinantes.

Série luminosidade – dinâmica emocional:

- ***L***: São as respostas construídas dentro da mancha e que não constam no mapa de localização. "É o efeito de adaptação emocional às situações — e emocional, para nós, inclui necessariamente o concurso inicial do mundo objetivo" (SILVEIRA, 1985, p. 127).
- ***C'***: São utilizadas as cores branco, preto ou cinza como respostas. Refletem "o elemento emotivo, porém não como traço exclusivo, individual, e sim como experiência emocional, isto é, resultante do amadurecimento psicológico e portanto de adaptação cultural" (SILVEIRA, 1985, p. 127).
- ***l***: A diferença de tons serve a associações a pêlos, relevo ou textura. Tais respostas indicam reações emocionais mais imaturas e subjetivas.
- ***l'***: Resposta caracterizada pela ausência de forma e por associação a transparência, brilho, sujeira. Indica reações emocionais muito primárias, subjetivas e com menor participação intelectual.

Série perspectiva – esfera intelectual extrínseca, avaliação da observação e elaboração intelectuais em relação ao meio:

- ***Ps***: É percebida a tridimensionalidade na mancha, com formas bem delimitadas. Essa resposta é considerada como reveladora da capacidade de compreensão dos diferentes papéis sociais, autoconceito e atitude crítica. Considera-se que o sujeito deva ter noção de seu autoconceito (*M*) para, a partir disso, poder estabelecer comparação satisfatória e adequada de si com os que o cercam.
- ***ps***: Sensação de tridimensionalidade e com formas vagas, havendo predomínio da distância. Essa ocorrência é interpretada como sentimento de insegurança frente aos demais.
- ***ps'***: Nenhuma forma ou sensação da tridimensionalidade. Indica sentimento de ansiedade mais intrínseca e difusa.

2.4. RELAÇÃO PARA COM A MÉDIA INTELECTUAL

A relação para com a média intelectual (*RMI*), índice elaborado por Silveira (1985), traduz o grau de adaptabilidade à realidade externa, sendo composto por três outros índices (%*F*+, %*V* e %*A*), que expressam três modos distintos de contato com a realidade exterior. Coelho (1980, p. 175) corrobora o significado do índice *RMI* ao informar que este "permite aferir a natureza do dinamismo subjetivo e o grau de maturidade psicológica relativo ao processo contínuo e progressivo da adaptação do ser humano às exigências da realidade objetiva". O valor atribuído por Silveira (1985) a esse índice vai de 45% a 55% do protocolo. Para Coelho e Sálvia (1998), varia de 43,7% a 52,3%.

Como o índice *F* já foi abordado, serão agora esclarecidos os outros dois índices que compõem o *RMI*: as respostas vulgares (*V*) e respostas animais (*A*).

2.4.1. Respostas vulgares (*V*)

Não há discordância quanto ao significado desse índice entre os autores. Embora as várias escolas adotem conceitos próximos para ele, cada autor delimita sua incidência, considerando existirem vulgares universais, como morcego no global das pranchas I e V, figuras humanas no P1 da prancha III, couro ou tapete no P1 da prancha VI e animais em P1 da prancha VIII; podendo ocorrer outras respostas vulgares específicas, dependendo dos grupos estudados. Bohm (1970) esclarece que as respostas vulgares foram introduzidas por Rorschach relativamente tarde, uma vez que inicialmente ele se preocupou apenas com as respostas originais. Para Bohm (1970, p. 59), as respostas *V* são

"exponentes de uma norma de grupo [...] e dependem amplamente dos fatores ambientais e da chamada mentalidade do povo (o caráter nacional)". Segundo Portuondo (1976, p. 165), "as respostas populares, como é lógico, exigem pouca flexibilidade perceptual e capacidade associativa". Atribui a elas um valor esperado de 20% a 25% do protocolo de adultos. Adrados (1978, p. 110) detém-se na freqüência de grupo: "Existem respostas que em um grupo, cultura ou país podem ser consideradas populares, o mesmo não acontecendo em outros grupos." Coelho (1980, p. 172) complementa esclarecendo que "quando o indivíduo aprende determinadas normas de conduta social e assimila o significado abstrato das expectativas alheias, estas acabam por se integrar em sua personalidade, facilitando sua integração na comunidade."

2.4.2. Resposta animais (*A*)

Esse índice entra no cômputo dos conteúdos das respostas e, quando elevado, tem significado de estereotipia, segundo todos os autores aqui apresentados. Silveira (1985, p. 168) valoriza esse índice, apontando: "Parece-nos que o dinamismo emocional, intimamente ligado ao processo de amadurecimento psicológico, possa explicar a seleção de figura animal ante os estímulos da prova."

O índice RMI tem o objetivo de permitir compreender a maneira pela qual ocorre a adaptação à realidade externa, compreensão essa feita através da análise dos três diferentes índices. Coelho (1980, p. 176) acrescenta: "Além disso, os desvios apurados em cada um dos fatores do índice nos auxiliarão a elucidar a patogênese dos distúrbios que interferem no ajustamento do indivíduo às injunções do ambiente." Pereira (1987, p. 62) objetivamente completa que "o índice *RMI* é composto de um representante de cada uma das esferas da personalidade: lógica intelectual (%*V*) – esfera intelectual; capacidade de atenção (%*F*+) – esfera conativa e ligação emocional (%*A*) – esfera afetiva".

2.5. OUTROS ÍNDICES

2.5.1. Índice de conação e índice lambda

Silveira (1985) também criou o índice conativo, ou de conação (*con.*), que corresponde à avaliação da disposição subjetiva relativa à ação, mas que não se confunde com ação explícita. Para que a ação se objetive, é necessário haver disposição para tanto, e

é isso que evidencia tal índice. Paralelamente à conação, é utilizado o índice lambda de Beck, que indica o quanto o sujeito pode dispor de seus recursos subjetivos, tanto intelectuais como afetivo e emocionais.

2.5.2. Índice de afetividade

O índice de afetividade (*Af*), proposto por Klopfer e Kelley, por Beck e por Silveira, é obtido pela comparação das respostas apresentadas nas pranchas VIII, IX e X. Segundo Silveira (1985, p. 216), visa-se avaliar com esse índice a sensibilidade afetiva no convívio interpessoal: "A reação ante as figuras coloridas em que não há mescla com os tons preto e cinza-escuro constitui melhor índice de reação afetiva, pois não há possibilidade de interferência deliberada do examinando."

2.5.3. Índice de impulsividade

O índice de impulsividade (*Imp.*) verifica se os dinamismos subjetivos desencadeados pelas disposições afetivas obedecem a impulsos primitivos e pouco elaborados ou a sentimentos mais aceitáveis socialmente.

2.6. OS CONTEÚDOS

É impossível fazer uma análise dos conteúdos desvinculada dos demais elementos do psicograma, visto que estão mais ligados a estruturas adaptativas e defensivas do que às reveladoras de personalidade. Os conteúdos dizem respeito aos interesses pelo ambiente, aumentando portanto com o nível cultural e não propriamente com o nível intelectual (COELHO, 1980).

As categorias de conteúdo mais freqüentes são: *A*, *pA*, *H*, *pH* e *an*. A porcentagem de *H* (respostas de conteúdo humano) indica o interesse em apreciar o comportamento das pessoas. Quanto mais semelhantes as respostas H ao sujeito, maior a probabilidade de auto-aceitação; quanto mais distantes, maior a dificuldade de relacionamento.

Na Sociedade Rorschach de São Paulo, a interpretação das categorias de conteúdo, embora seguindo normas semelhantes àquelas preconizadas por Piotrowski (1957), relativas à interdependência de fatores no psicograma, fundamenta-se na "Teoria das imagens", inicialmente concebida por Laffite (1869-1894) e ulteriormente aperfeiçoada

por Silveira (1985) a partir de dados fornecidos pela neuropsicologia e antropologia. Tal concepção teórica apresenta pontos em comum com a "teoria das hipóteses", elaborada por Bruner *et al*. (1962), referente ao processo de categorização do pensamento.

Na interpretação dos estímulos do teste de Rorschach, a palavra ou expressão que define uma categoria de conteúdo não designa uma situação isolada, relativa a um objeto ou a um ser particular, mas se refere a uma classe de experiência identificada pelo grupo social, ainda que percebida e sentida no nível de uma consciência individual.

O estudo isolado do conteúdo verbal utiliza um produto acabado da formação de um conceito, deixando de lado o processo da percepção e da elaboração do estímulo, processo esse que faz parte integrante da expressão de uma categoria formal. Nesse sentido, Mucchielli (1968) comenta que, embora atraente, a interpretação de protocolos pautada apenas na interpretação dos conteúdos é arbitrária e seu valor é duvidoso e limitado.

Outro aspecto da técnica que deve ser cuidadosamente avaliado é o do conteúdo simbólico. Nos próximos parágrafos serão apresentados os conteúdos simbólicos, tal como sugeridos por Bohm (1970), Portuondo (1976) e Vaz (1997). O propósito dessa apresentação é ampliar a análise qualitativa. Tal interpretação de cada uma das pranchas, saliente-se, não obedecerá rigidamente a padrões, mas apenas os tomará como referência básica.

— Prancha I

A interpretação sugerida por Bohm (1970, p. 131) para a essa prancha é "reação a uma situação nova". Portuondo (1976, p. 219) considera que "a chamamos de meio ambiente num sentido mais reduzido e próximo – imediato". Segundo Adrados (1978, p. 97), "oferece-nos indicações sobre como o examinando reage perante uma situação nova." Vaz a interpreta como um estímulo capaz de

> [...] indicar se o examinando adapta-se com facilidade ou não a uma nova situação; de mobilizar, intensificando ou despertando sentimentos de insegurança, ansiedade e frustração; de provocar perturbação em pessoas que têm dificuldades no relacionamento com a figura materna e com figuras femininas em geral. (VAZ, 1997, p. 111)

— Prancha II

Segundo Bohm (1970, p. 134) "pode mobilizar vivências e sentimentos infantis e também provocar associações sexuais". Portuondo (1976, p. 219) lhe atribui a "culpabilidade sexual" e associa também "com suas manchas vermelhas, o primeiro indício de qualquer tipo de angústia". Segundo Vaz (1997, p. 112), essa prancha pode representar, para algumas pessoas, ameaça, perigo e excitação, além de ser também a "que exige mais de suas condições afetivo-emocionais do que das lógicas, e que pode mobilizar sentimentos de perda e dificuldades relativas aos primeiros anos de vida".

— Prancha III

Para Bohm (1970), essa prancha se refere com freqüência a temas de identificação sexual e interesse pelas relações sociais. Segundo Portuondo (1976, p. 220), é a prancha da "normalidade", por ser nela comum a percepção de pessoas. Vaz (1997, p. 112) considera que representa aspectos do relacionamento interpessoal: "Dificuldades surgidas aqui, quase sempre apontam para problemas de relacionamento humano, de integração com pessoas."

— Prancha IV

Para Bohm (1970, p. 138) a prancha IV "tem relação com a imago paterna e simbolismo de autoridade inapelável. Provoca problemas de atividade e passividade". Para Portuondo (1976, p. 221) e Vaz (1997, p. 112) também tem o simbolismo de figura paterna, de quem desempenha papéis de autoridade.

— Prancha V

Os autores são unânimes ao atribuir a essa prancha a atitude perante a realidade. Isso se deve ao fato de o percepto "morcego" ser muito comum, e também por ser esta uma das pranchas mais configuradas. Portuondo (1976, p. 221) sugere que essa prancha deveria ser retirada do teste, reduzindo-o a nove pranchas com as devidas retificações estatísticas, devido a seu "pouco valor".

— Prancha VI

Aqui também os autores são unânimes em afirmar que essa prancha normalmente desperta conteúdos relacionados à sexualidade. Bohm (1970, p. 142) atribui-lhe também simbolismo religioso.

— Prancha VII

Mais uma vez, há aqui homogeneidade entre os autores, ao considerarem que essa prancha facilmente desperta associações com a figura materna. Bohm (1970, p. 145) a vê também como relacionada com "as experiências de contato mais precoces".

— Prancha VIII

Bohm (1970, p. 148) a considera "expressão geral de movimentos instintivos". Portuondo (1976, p. 222) a chama de "lâmina da afetividade", assim justificando: "classicamente tem sido a lâmina assinalada por Rorschach (e outros) como ideal para que se produza nela, em toda sua extensão, o choque cromático, sendo, portanto, útil para investigar a intensidade da vida afetiva."

Quanto ao simbolismo dessa prancha, Vaz (1997, p. 113) expõe que: "Pode representar, para o examinando, o mundo externo provocando suas emoções e afetos, seu relacionamento social e afetivo e, enfim, pela presença dos animais, como ele (examinando) é capaz de funcionar com os seus instintos e seu senso de iniciativa".

— Prancha IX

Bohm (1970) não atribui conteúdos simbólicos às pranchas IX e X. Portuondo (1976, p. 223) se refere à prancha IX como "lâmina da sublimação", justificando que "suas cores variadas e difusas, assim como a forma indefinida, são mais difíceis de elaborar". Vaz (1997, p. 114) considera que "mobiliza conflitos, tensões e angústias existenciais que a pessoa não está conseguindo elaborar, ou com eles conviver".

— Prancha X

Para Portuondo (1976, p. 223), "a esta lâmina também chamamos de meio ambiente (em um sentido mais amplo e remoto), e junto à I nos resulta muito útil para avaliar a sensibilidade e dificuldades do sujeito frente ao mundo externo da vida real." Vaz (1997, p. 114) a ela se refere como "cartão do relacionamento social": "É o cartão síntese do Rorschach; propriamente ele congrega, numa visão só, os estímulos dos demais, quer quanto à cor, quer quanto à própria distribuição das manchas."

2.7. FENÔMENOS ESPECIAIS

Os fenômenos especiais, ou mecanismos inusuais de reação, indicam as diferentes maneiras de reação do sujeito na prova de Rorschach. Esses fenômenos podem ou não estar presentes nos protocolos e nos auxiliam a avaliar as características peculiares do sujeito, permitindo captar, de modo abrangente e integrativo com todo o protocolo, essas expressões subjetivas. As considerações expostas a seguir se restringirão apenas aos mecanismos apresentados pelos sujeitos estudados e em função da freqüência com que ocorreram, ou seja, do mecanismo apresentado pelo maior número de sujeitos para o de menor utilização.

2.7.1. Inibição e rejeição

É o aumento do tempo de reação (ultrapassando 60 segundos). Nesta pesquisa, isso ocorreu com os sujeitos 1, 2, 4, 5, 6, 8, 10 e 13. Coelho (1980, p. 181) afirma que tanto a inibição como a rejeição "resultam de graus diversos de alteração do trabalho mental, mas traduzem uma dinâmica subjetiva semelhante". A autora considera que esse mecanismo indica bloqueio tanto emocional (intrínseco) quanto afetivo (extrínseco), como também retração da capacidade de exteriorizar os sentimentos ou o pensamento. Vaz (1997, p. 108), quanto ao choque de reação por dilatação, complementa: "Indica sentimento de incapacidade e minusvalia [...] e é mais freqüente em casos de depressão acentuadamente grave."

2.7.2. Crítica à mancha

Ocorre quando o sujeito aponta "defeitos" ou aspectos que poderiam ser corrigidos nos borrões ou na prancha como um todo. Foi apresentada pelos sujeitos 2, 3, 5, 9, 10 e 13. Portuondo (1976, p. 188) considera que "esta crítica é um índice de prudência, reserva, angústia, e se encontra especialmente em pessoas com falta de imaginação e pedantes", opinião também compartilhada por Bohm (1970). Coelho (1980, p. 183) considera como alteração intrínseca a "dificuldade de abstração" e como desvio extrínseco a "insegurança afetivo emocional", além de "dificuldade em selecionar as reações pertinentes à situação". Para Vaz (1997) é típica de defesas paranóides.

2.7.3. Referência à própria experiência

Consiste em o sujeito fazer referência a si mesmo ou a alguma experiência vivida. Foi manifestada pelos sujeitos 2, 3, 5, 9, 10 e 13. Para Bohm (1970, p. 109) "têm,

em geral, caráter de egocentrismo infantil", interpretação compartilhada por Portuondo (1976). Coelho (1980, p. 182) atribui-lhe a "prevalência de fantasias infantis ligadas a nexos emocionais primários" como alteração intrínseca, a "deficiência do raciocínio lógico" como desvio extrínseco e o "desencadeamento imediato das reações subjetivas".

2.7.4. Condensação

Ocorre quando o sujeito tem duas percepções diferentes em pontos distintos e faz uma combinação absurda na construção da associação. Foi apresentada pelos sujeitos 2, 5 e 9. Para Coelho (1980, p. 180), a alteração intrínseca provocada é "desvio do pensamento lógico; deficiência do juízo da realidade", além de "desencadeamento precipitado dos impulsos".

2.7.5. Respostas alternativas e interrogativas

Ocorrem quando o sujeito oferece para uma mesma área várias respostas semelhantes, ou quando indaga o examinador acerca da própria resposta. Portuondo (1976) considera essas ocorrências como traço de insegurança geral e atributo para diagnóstico diferencial entre demência orgânica e oligofrenia. Coelho (1980, p. 183) corrobora essa interpretação ao atribuir como alterações intrínsecas "a insegurança afetiva, necessidade exagerada de aprovação e de submissão aos demais" e como desvio extrínseco "a dificuldade em elaborar ou em comunicar o pensamento", além de "carência de autonomia".

2.7.6. Simetria

Nessa situação, o sujeito faz referência à simetria ou demonstra preocupação com o eixo central do borrão. Foi apresentada pelos sujeitos 6 e 9. Bohm (1970) e Portuondo (1976) consideram que a ocorrência ocasional (como foi o caso nesta pesquisa) tem pouca importância e quase sempre é um sintoma de choque. Coelho (1980, p. 179) aponta como alteração intrínseca a "carência de espontaneidade na expressão dos afetos" e, no nível extrínseco, "cautela no modo de atuar no ambiente, e relutância em deduzir conclusões sem antes efetuar verificações indutivas precisas".

2.7.7. Repetição, perseveração ou estereotipia

Ocorrem quando a mesma resposta é repetida, quer na mesma prancha, quer em pranchas diferentes. Quando o conteúdo ou localização é repetido por mais de três vezes, é chamado perseveração ou estereotipia. Foi apresentada pelo sujeito 10. Tanto

Bohm (1970) quanto Portuondo (1976) atribuem a esse mecanismo um infantilismo psíquico. Coelho (1980, p. 180) considera como alteração intrínseca a "manutenção exagerada da atenção" e como desvio extrínseco a "prevalência do apego e falta de flexibilidade mental".

2.7.8. Outros mecanismos

Outros mecanismos inusuais foram apresentados pelos treze idosos que participaram da pesquisa: desvitalização, concretismo, indução, fragmentação, fabulação, condensação fabulatória e liberação de resposta. Embora não tenham sido manifestados por vários dos sujeitos, tais mecanismos podem indicar características específicas e importantes para o grupo estudado.

CAPÍTULO 3

ESTUDOS TRANSCULTURAIS

Neste capítulo serão apresentados estudos transculturais que fizeram uso de testes projetivos como instrumento e que permitiram ampliar o conhecimento sobre diversos grupos sociais. Algumas das aplicações de testes de Rorschach em distintas culturas serão apenas citadas, privilegiando-se a descrição daquelas que enfocam o teste aplicado em indígenas de várias etnias. O número de publicações disponíveis sobre o tema é ainda restrito.

3.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE TÉCNICAS PROJETIVAS

Nas publicações atuais, predominam os trabalhos ligados à atividade clínica. Numerosas comunicações versam sobre os aspectos técnicos e normativos das diferentes técnicas psicológicas, sobre as perspectivas teóricas, os campos de aplicação e as investigações empíricas ou experimentais que dizem respeito a questões teóricas e metodológicas sobre os processos psíquicos investigados através de provas projetivas.

As formas de comunicação e de simbolização estudadas em antropologia e os processos evolutivos do psiquismo humano oferecem, através de estudos transculturais, informações valiosas sobre a natureza dos processos examinados por meio de várias técnicas projetivas, além de suscitarem novas questões relacionadas aos diversos níveis de interpretação.

Considera-se que o dinamismo das formas e práticas simbólicas reside no sentido estruturante de seus significados, isto é, no conteúdo de suas imagens, que divergem e se transformam de acordo com as diferentes situações sociais. É na

manipulação individualizada que os símbolos coletivos passam a adquirir significados diversos, segundo as posições sociais, individuais ou de classe.

Se as funções biológicas são universais, os símbolos que expressam essas necessidades humanas estão relacionados com as configurações culturais. Estudos psicológicos desses fatores têm sido efetuados, objetivando a compreensão desses símbolos, como também de diferenças e semelhanças intra e interculturais. Dentre esses estudos, destacamos os seguintes, em que foi utilizado o teste de apercepção temática (TAT):

- *Projections culturelles dans le test des trois personnages*, de Backes-Thomas (1990);
- *Representação de gênero em homens descendentes de imigrantes japoneses e portugueses*, de Racera e Jacquemin (1997);
- *Bororo: identidade em construção*, de Grubits (1994), e *Psicossemiótica na construção da identidade infantil: um estudo da produção artística de crianças Guarani-Kaiowá*, de Grubits e Darrault-Harris (2001)
- *TAT em descendentes de portugueses, japoneses e espanhóis: ênfase nas "preocupações interpessoais básicas" e na necessidade de realização*, de Jacquemin e Mingorance (1997). Esses autores explicitam: "Tendo em vista a importância da cultura na formação da personalidade, muitas vezes a nível inconsciente, as técnicas projetivas oferecem uma contribuição valiosa para a compreensão da interação personalidade-cultura." (JACQUEMIN; MINGORANCE, 1997, p. 208).

3.2. RORSCHACH TRANSCULTURAL

De Vos (1987, p. 56-67) apresenta um interessante trabalho a respeito de estresse e processo de aculturação, discorrendo sobre o valor da interpretação simbólica encontrado no teste de Rorschach. No final de suas investigações sobre negros e chineses nos Estados Unidos, e sobre o fenômeno de estresse no processo de aculturação de árabes e japoneses nesse país, acabou por interrogar-se sobre o valor da interpretação do material simbólico desse teste em diferentes culturas como tendo o mesmo significado em termos de personalidade, uma vez que as diferenças que encontrou no nível dos conteúdos possivelmente se devessem mais a determinantes culturais influenciando a percepção do que a estados psicológicos subjacentes.

Farooqi (1987, p. 88-95) examinou os protocolos de estudantes paquistanesas de 16 a 18 anos, analisando suas respostas vulgares, tendo administrado procedimentos baseados em Klopfer. Nesse trabalho, foram analisadas as respostas prancha a prancha, sem que se encontrassem diferenças significativas.

Mattlar *et al*. (1987, p. 95-103) apresentam estudo normativo feito na Finlândia, que comparou vários sistemas de avaliação do teste de Rorschach em relação a respostas vulgares. O estudo fez uso das avaliações dos seguintes autores: Ames, Hertz, Beck, Klopfer, Piotrowski e Exner (Estados Unidos); Rorschach, Oberholzer, Loosli-Usteri, Anzieu e Mons (Europa). Constatou-se que, de modo geral, o número de respostas populares em diferentes grupos sócio-profissionais foi bastante elevado.

Akitani (1987, p. 104-108), procurando avaliar a influência das transformações culturais ocorridas no Japão, aplicou Rorschach em um grupo urbano e em outro rural, não obtendo diferenças significativas nas respostas vulgares, mas constatando que a única resposta vulgar específica da cultura japonesa e que ainda permanece como tal é "flor", na prancha VIII. A análise completa do psicograma de Rorschach, aplicado em mulheres de diferentes grupos de idade revelou não haver diferenças significativas entre tais grupos, apesar das modificações sociais observadas no Japão durante o século XX.

Na Escócia, Mahmood (1987, p. 119-125) realizou uma investigação em psiquiatria transcultural com homens esquizofrênicos crônicos paquistaneses. Os resultados das respostas formais negativas, respostas de cor, contaminação e confabulação diferiram daqueles obtidos com homens normais de mesma faixa etária e classe social.

Ruy Coelho, em viagem de pesquisas antropológicas feita de 1947 a 1948, colheu em Honduras protocolos de Rorschach entre os Caraíbas Negros[4], descendentes de escravos náufragos que haviam aprendido a língua dos indígenas locais e viveram vários anos guerreando com estes. Os referidos protocolos foram classificados de acordo com o sistema de Aníbal Silveira e de Bruno Klopfer, sendo identificadas as seguintes características de personalidade: predomínio intelectual sobre as reações de afeto; adaptação emocional a condições socioculturais; prevalência de concepções religiosas em atitudes básicas de valor; capacidade para controle de impulso e integração em relações interpessoais; predominância da observação abstrata e elevada capacidade para elaboração intelectual; instabilidade conativa. As discrepâncias identificadas diziam respeito à

[4] COELHO, Ruy. *Le concept de l'âme chez les Caraïbes Noirs*. Paris: Musée de l'Homme, 1952.

persistência de características infantis na personalidade dos indivíduos adultos e ao contato que mantêm com a realidade externa (COELHO; COELHO, [197-]).

O trabalho de Gampel (1990, p. 58-64) versou sobre a realidade sócio-cultural de adolescentes etíopes em Israel e o impacto da violência no psiquismo destes. O autor concluiu que para melhor entender o espaço inter e intra-subjetivo desses adolescentes será necessário pesquisar mais sobre sua cultura, tradições, normas e formas de educação, visto que a obediência ao pai, a inteligência e a paciência para suportar abusos e ofensas se tornaram mecanismos de defesa e condição de sobrevivência. Uma das hipóteses levantadas, através das respostas de movimento animal é que esses adolescentes entraram em contato com o próprio mundo interno e nesse mundo obtiveram prazer e segurança. Os reais comportamentos que vivenciaram os levaram a confrontar-se repentinamente com um mundo violento, agressivo, destrutivo, que os assusta. Assim, as respostas de movimento humano refletem essa experiência.

O teste de Rorschach transcultural preocupa-se com aspectos clínicos que são acentuados pela influência cultural, como aponta Gonzáles-Puell (1990, p. 161-165) ao estudar dois grupos totalizando 120 pacientes adultos portadores e não-portadores de câncer que consultaram centros de diagnóstico em Liège (França), Bruxelas (Bélgica) e Lima (Peru). As diferenças individuais expressaram formas variadas de angústia e modos de defesa: os sucessos na utilização de mecanismos de adaptação mostraram-se distintos, assim como as capacidades em lidar com a angústia. Com essas constatações, o autor reflete acerca da importância de se levar em consideração uma abordagem psicossocial e cultural no tratamento. Nesse sentido, há relevância em observar a personalidade dos sujeitos através de teste projetivo, permitindo um acompanhamento psicológico de qualidade, que responda às necessidade de pessoas portadoras de câncer.

No Brasil, Vaz (1995, p. 93-109) desenvolveu interessante pesquisa aplicando o teste de Rorschach em 107 adolescentes de ambos os sexos, residentes no Rio Grande do Sul e de origem portuguesa, afro-brasileira, alemã, israelita e italiana. Os resultados indicaram que os de origem afro-brasileira não apresentavam sinais indicadores de ansiedade e preocupação com desempenho e capacidade de produção, diferentemente dos adolescentes de outras origens. O autor indaga se esse fato estaria relacionado a um processo de dependência originado no período de escravidão.

3.3. O TESTE DE RORSCHACH APLICADO EM POPULAÇÕES INDÍGENAS

Os efeitos da aculturação nos traços de personalidade em indivíduos das etnias Chiricahua e Mescalero Apache, na América do Norte, foi estudado por Boyer (1987). Nesse estudo, o autor demonstra como o resultado da aculturação é refletido no teste de Rorschach e, para explicar como poderiam ser relacionadas tais diferenças de personalidade a este processo, utiliza-se de teorias psicanalíticas. O autor esclarece que os dados foram colhidos em 1959 e 1960, sendo que as estruturas sociais, padrões de socialização, comportamento, valores e vestimenta das duas etnias eram bastante parecidos, quando não idênticos. No entanto, os dois grupos passaram por diferentes experiências de aculturação: os Mescalero Apache viveram em reservas, mas apesar das privações e humilhações puderam manter alguns padrões e desenvolver uma lenta aculturação, apresentando traços de personalidade semelhantes aos de seus antepassados. Os Chiricahua, ao contrário, foram transportados primeiramente para redutos na Flórida e separados de suas famílias, permanecendo cativos por mais de um quarto de século, para posteriormente terem liberdade nas planícies de Oklahoma. Ao contrário dos Mescalero, seu processo de aculturação foi mais rápido, levando-os a adquirir traços de personalidade semelhantes aos dos brancos, além de uma dinâmica depressiva.

No Brasil, indígenas das nações Krahó, Karajá e Xavante, da região Amazônica, também foram submetidos à prova de Rorschach. Seus protocolos foram cedidos pela Universidade de Goiânia a pesquisadores italianos interessados em evidenciar semelhanças e diferenças entre culturas tão diferentes como a amazônica e a européia. Pes *et al.* (1993) analisaram esses protocolos segundo a Escola Romana de Rorschach e elegeram as respostas vulgares, modo de percepção e conteúdos, por serem os índices suscetíveis de avaliação estatística fidedigna. Basearam-se em 39 protocolos de indivíduos Krahó (cuja população é de aproximadamente 900 indivíduos), 40 de indivíduos Karajá (com população de aproximadamente 1 100 indivíduos) e 38 da etnia Xavante (população de aproximadamente 4 000 indivíduos). Com esse estudo transcultural comparado, concluíram que as respostas vulgares são as que melhor evidenciam as diferenças culturais entre as tribos amazônicas e a cultura européia. Os autores apresentam gráficos e tabelas que melhor esclarecem as diferenças encontradas entre as tribos, fazendo comparações

pertinentes aos achados em cada uma das pranchas com os resultados obtidos em trabalhos europeus.

Vaz (1997) apresenta um estudo comparativo de que participaram 26 índios Tükuna e 26 indivíduos brancos submetidos ao teste de Rorschach. Os Tükuna habitam as margens dos rios Javari e Alto Solimões, desde a fronteira do Brasil com o Peru e a Colômbia até o município de Beruri, no estado do Amazonas. Em suas conclusões, Vaz rejeita a hipótese de que esses indígenas tenham nível de hostilidade mais elevado que os brancos pesquisados, uma vez que o teste indicou que os dois grupos são semelhantes, não havendo sinais de hostilidade como traço de personalidade. Outra conclusão dessa pesquisa é que a ansiedade situacional (não-constante), vivenciada como sentimentos não-permanentes de insegurança, apreensão e temor diante do desconhecido ou dificuldade a ser transposta, é mais elevada nos Tükuna do que nos brancos. Outra diferença é que há nos índios submetidos ao teste o uso predominante da percepção voltada ao concreto, aos elementos básicos do cotidiano, com os problemas típicos da região: caça, pesca, animais ferozes e insetos venenosos. Não houve diferença significativa entre os dois grupos no número de respostas, no tempo de reação e na duração; no entanto, esses resultados foram ambos superiores aos da população do Rio Grande do Sul. O autor conclui que isso se deve à ausência de preocupação constante com horário para trabalho sistemático, como em indústria ou comércio.

CAPÍTULO 4

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1. OBJETIVOS

Os objetivos principais deste trabalho, a serem focalizados segundo critérios formais de investigação psicológica, são:

- Identificar as características da dinâmica psicológica subjacente à forma de se relacionar do povo Terena, cuja origem cultural é tão diversa da cultura nacional circundante.
- Analisar como os idosos dessa nação indígena poderiam apresentar um esforço maior na preservação de sua tradição com características específicas, ante o impacto da aculturação.

Dada a grande complexidade dessas questões, buscou-se aferir tais aspectos indiretamente, mediante um instrumento bastante abrangente com relação à dinâmica mental: o teste de Rorschach. Inúmeras dificuldades se apresentaram:

- A escolha da população a ser estudada, uma vez que os Terena compõem um grupo social amplo, de aproximadamente 20 mil pessoas. Cobrir toda essa população evidentemente requereria um esforço que ultrapassaria a perspectiva de uma pesquisa de mestrado.
- O aprofundamento de noções relativas à confiabilidade e validade de um instrumento psicológico. Para o alcance pretendido neste trabalho, optou-se por ater esse aspecto a uma discussão crítica.

– A difícil questão de analisar os resultados da prova sem que a análise resvalasse para uma categorização de dimensão psicopatológica. É nesse aspecto que a presente investigação se insere no campo da Saúde Mental. Neste trabalho, a preocupação foi muito mais de proceder a uma reflexão sobre a relatividade do significado das diferentes variáveis do teste de Rorschach do que utilizá-lo como teste de verificação de "normalidade/patologia". Assim, embora levando em conta as dificuldades que se acrescentam à generalização dos resultados, foram trabalhadas as dimensões qualitativas do teste, visando apreender aspectos passíveis de correlação com aqueles considerados usuais em nossa cultura.

Também por essas razões é que se escolheu um grupo de idosos. É razoável supor que nesses indivíduos as marcas da cultura original se façam presentes de modo mais acentuado do que naqueles que desde a infância sofreram influência estranha. Foram incluídos todos os idosos da aldeia escolhida, visto que participam ativamente da vida comunitária. Ainda que essas opções não excluam possíveis patologias cerebrais, sabe-se que doenças demenciais ou próprias do comprometimento ligado à senectude patológica tornam-se gradualmente devastadoras em qualquer grupo humano, arrastando os acometidos a um estado de invalidade psíquica. Partiu-se então do pressuposto que, no grupo escolhido, a incidência dessas patologias não difere das taxas em outras populações de mesma faixa etária.

4.2. MÉTODO

4.2.1. Sujeitos

Este estudo qualitativo foi realizado com 13 idosos Terena (oito mulheres e cinco homens) da aldeia Tereré, com idades de 63 a 87 anos.

Há nessa aldeia 15 pessoas com idade superior a 60 anos. Duas delas não foram incluídas na amostra: uma mulher de 87 anos e um homem de 79. A primeira estava acometida de fortes dores nas gengivas desde janeiro de 1998, o que a impedia de falar e comer alimentos sólidos. Apresentava-se constantemente com um pano a cobrir-lhe a boca, pois a entrada de ar aumentava-lhe a dor. Ao procurar atendimento médico, foram-lhe prescritos analgésicos. O outro não-participante era portador de vitiligo. Chegou a ter contato com as duas primeiras pranchas, nada respondeu, levantou-se e apoiou-se na

parede, alegando que tinha ficado com a vista turva e muito tonto. Ao ser procurado em outras oportunidades, recusou-se. Em dezembro de 1998, mudou-se da aldeia para um bairro da cidade de Sidrolândia.

Dos sujeitos estudados, apenas dois cursaram a primeira série do ensino fundamental e o restante não possuía qualquer escolaridade. Atualmente todos residem na aldeia Tereré, mas nasceram em diferentes aldeias e, por diversos motivos, mudaram-se para ali.

4.2.2. Material

O recurso material essencial consistiu nas pranchas do teste de Rorschach e material de anotação (folha de respostas, fichas de cálculo). Foram também utilizadas máquina fotográfica e câmara de vídeo, para registrar pessoas, festas e a disposição das casas.

As dez pranchas que compõem o teste de Rorschach contêm manchas simétricas e ambíguas. Cinco pranchas (I, IV, V, VI e VII) são monocromáticas, apresentando apenas imagens em preto, branco e cinza. As cinco pranchas restantes (II, III, VIII, IX e X) são coloridas, sendo as duas primeiras acrescidas do vermelho e as três últimas matizadas em tons suaves com verde, alaranjado, rosa, azul, amarelo e cinza.

Para a aplicação do teste, é necessário material para anotação das respostas (o uso de gravador não é um recurso padronizado no método), cabendo ao examinador a habilidade de registrar não apenas as respostas, como também o tempo, a posição em que o sujeito posiciona as pranchas, os comentários por ele feitos e também suas expressões e aspectos de comportamento. O registro deve ser o mais literal possível. Apesar de não haver limite de tempo nem tampouco de respostas, é necessário o uso de cronômetro para delimitar o tempo de reação, que é aquele utilizado pelo sujeito para elaborar o percepto e comunicá-lo. Marca-se também o tempo de resposta, ou seja, quanto tempo o sujeito permanece com cada prancha fazendo associações e comunicando-as ao examinador. A folha de localização é material impresso padronizado que contém reproduções reduzidas de todas as pranchas. É utilizada para marcar exatamente o que foi visto pelo probando em cada uma das pranchas.

A prova de Rorschach é utilizada mundialmente como instrumento estável e objetivo no estudo da personalidade humana. Compreende duas fases: execução e

elaboração. A primeira compõe-se das associações livres e do inquérito; a fase de elaboração compreende a classificação das respostas, avaliação, súmula e análise.

4.2.3. Procedimento

Os protocolos foram aplicados segundo a norma-padrão, de janeiro a julho de 1998. O local de aplicação foi a própria aldeia, nas moradias dos sujeitos, normalmente na frente ou fundo das casas, em bancos, conforme a disposição dos sujeitos. Uma aplicação ocorreu numa cozinha; outra, na casa de oração do pajé (*koixomuneti*). Antes de cada aplicação foram feitas visitas a cada um dos sujeitos para estabelecimento de *rapport*.

Rorschach (1967) salienta a importância de não se perder de vista o conjunto de cada protocolo, reconhecendo que os fatores emocionais podem deslocar o limite entre a percepção e a interpretação. De nada adianta, portanto, qualquer interpretação de dados isolados, visto que podem não representar o conjunto do probando. É necessária a verificação de todo o conjunto quantitativo de dados para posteriormente efetuar-se a avaliação qualitativa.

Para avaliação dos protocolos de Rorschach, dentre os diversos métodos disponíveis, foi utilizado aquele elaborado por Silveira (1985) e aperfeiçoado por Coelho (1980), autora de formação consistente e rigorosa. As fases de classificação, montagem dos psicogramas e análise dos dados foram realizadas pela autora do presente trabalho.

Cada protocolo de Rorschach foi classificado de acordo com a análise de cada resposta nele contida e, em conjunto, os protocolos forneceram subsídios para apurar os três principais itens que compõem a classificação: Modalidade (onde foi visto), Determinante (o que determinou a construção daquela imagem) e Conteúdo (o que foi visto), podendo ainda ser verificadas as respostas vulgares (freqüência) e o índice *Elab*. (capacidade de relacionar elementos e experiências entre si), embora esses dois últimos itens não sejam comuns a todas as respostas, ao contrário dos três primeiros.

Nem todos os quesitos citados no Capítulo 2 foram evidenciados em todas as avaliações de protocolos, mas em cada um será possível observar o modo de reação do sujeito, levando em consideração os setores intelectual, afetivo-emocional e de disposição intrínseca para a ação. Desse modo, serão obtidos dados de funcionamento únicos, bem como evidenciadas as semelhanças e diferenças entre os sujeitos do mesmo grupo estudado, o que permitirá então traçar um perfil do que se repete, do que é comum.

O tratamento estatístico dos dados consistiu de média aritmética simples e desvio-padrão. Os gráficos foram construídos a partir dos índices já apresentados no Capítulo 2, resultando portanto da média aritmética simples do conjunto desses índices.

CAPÍTULO 5

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já mencionado, a aplicação e classificação dos protocolos obedeceram ao sistema de Silveira (1985). No entanto, não foi possível utilizar como parâmetro comparativo o *Estudo estatístico dos fatores do Rorschach em população normal*, elaborado por Coelho e Sálvia (1998), segundo o critério teórico de "harmonia psíquica", estabelecido por Silveira e até hoje desenvolvido por Coelho. A população estudada pelos referidos autores não corresponde à população média brasileira, mas sim àqueles indivíduos cujo comportamento observado por Silveira ou Coelho, no decorrer de dez anos, apresentou integração psíquica ao ambiente sem desvios graves de conduta ou de personalidade, quer de ordem dinâmica quer estrutural. O estudo de Coelho e Sálvia (1998) foi realizado com 100 examinandos, dos quais 49 já haviam sido avaliados por Silveira, aos quais Coelho acrescentou outros 51, sendo que 47 do total eram do sexo feminino e 53 do masculino. A idade média do grupo foi de 28 anos, com amplitude de 19 a 60 anos. Quanto ao grau de escolaridade, 82% tinham curso universitário completo ou em andamento, 12% tinham curso secundário e 6% cursos técnicos. Todos os examinandos pertenciam à classe média.

Esses dados evidenciam as diferenças em relação à população Terena estudada no presente trabalho, composta de 13 indivíduos, sendo 8 (61,5%) do sexo feminino e 5 (38,5%) do masculino. A idade média do grupo Terena estudado foi de 74 anos, com amplitude de 63 a 87 anos. Em relação à escolaridade, 15,4% haviam freqüentado a 1.ª série do ensino fundamental e 84.6% não haviam tido acesso à escolarização. Todos pertenciam à classe baixa.

Torna-se evidente a impossibilidade de comparar as duas populações acima citadas. Foram procurados estudos desenvolvidos com o teste de Rorschach em população

brasileira de idosos, mas tais fontes, se existem, não estiveram acessíveis durante a execução desta investigação. Adrados (1976) apresenta ampla pesquisa acerca de protocolos de adolescentes, traçando um perfil psicológico ligado à atividade clínica; quanto a probandos idosos, apenas apresenta casos de aplicação de Rorschach (ADRADOS, 1978), e não uma pesquisa abrangente como a realizada com adolescentes. Dentre os vários trabalhos encontrados, nenhum havia sido desenvolvido com a terceira idade.

É importante ressaltar que, para os autores pesquisados, as respostas possuem significados próximos, o que permite atribuir-lhes sentidos mais gerais.

Passaremos agora à tentativa de compreender o grupo estudado em suas peculiaridades, sem quaisquer preocupações com critérios comparativos.

Tabela 5.1. Identificação da amostra. Idosos da etnia Terena residentes na Aldeia Tereré, Sidrolândia, MS. Janeiro a julho de 1998.

Protocolo*	Nome	Sexo	Idade	Estado civil	Escolaridade	Aldeia de origem
1	J.A.C.	F	73	viúva	nenhuma	Cachoeirinha
2	J.B.F.	M	87	casado	nenhuma	Buriti
3	R.C.	F	79	separada	nenhuma	Buriti
4	C.C.S.	M	63	viúvo	nenhuma	Buriti
5	G.S.	M	77	separado	nenhuma	Buriti
6	D.S.	F	68	separada	nenhuma	Buriti
7	S.M.S.	F	66	viúva	1ª série	Buriti
8	A.G.D.	M	64	casado	1ª série	Anastácio
9	B.C.R.	F	83	separada	nenhuma	Buriti
10	F.A.F.	F	78	casada	nenhuma	Fazenda Esperança
11	B.G.S.	F	69	casada	nenhuma	Buriti
12	I.G.S.	M	81	casado	nenhuma	Aquidauana
13	G.A.	F	72	casada	nenhuma	Buriti

* A numeração dos protocolos indica a seqüência em que os testes foram aplicados.

Na população estudada (Tabela 5.1) predominam indivíduos do sexo feminino, sem escolarização, casados e nascidos na aldeia Buriti. Os homens possuem as idades-limites, sendo de 63 anos a mínima e de 87 a máxima.

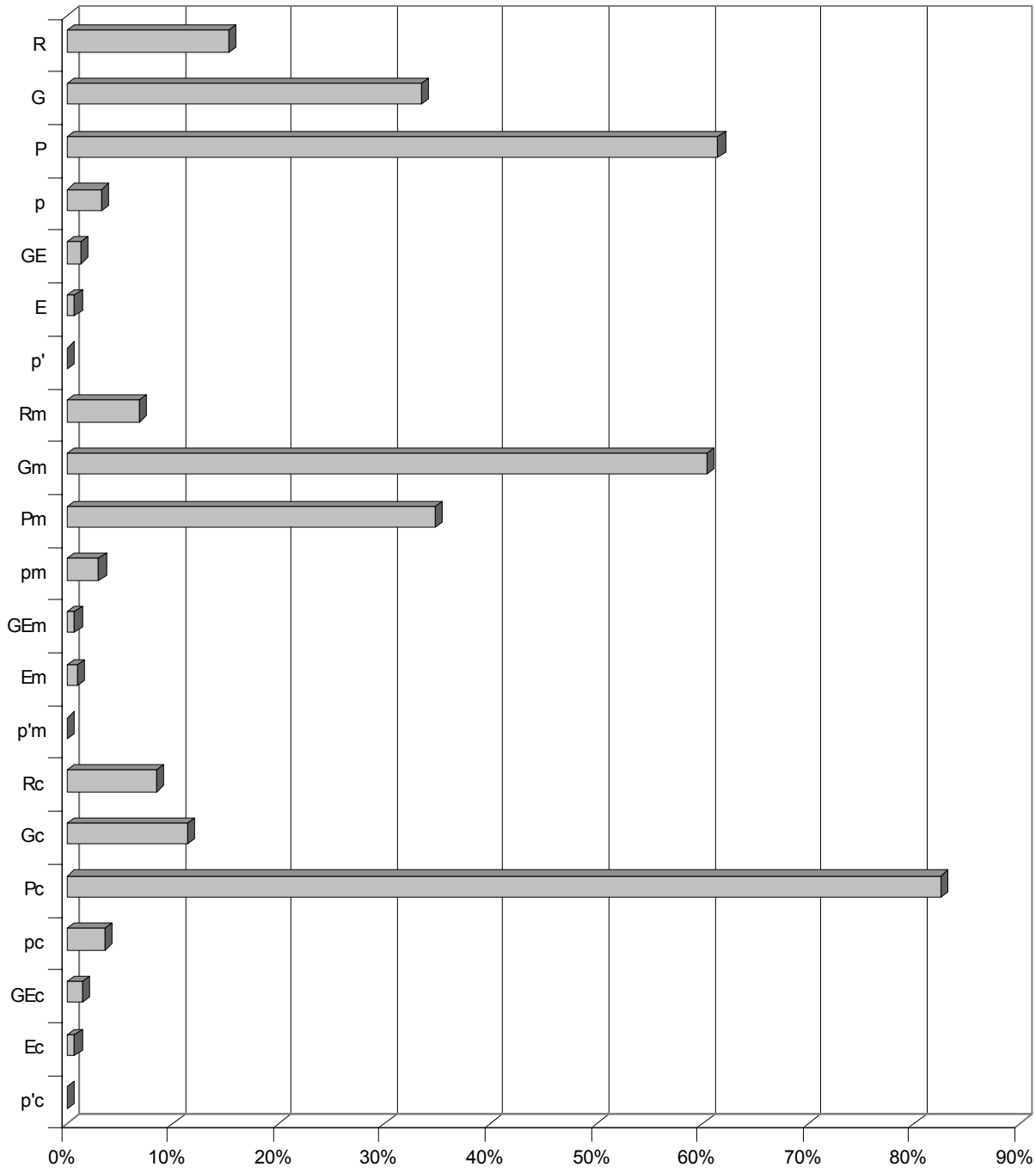


Gráfico 5.1. Relação entre as modalidades de respostas. Teste de Rorschach aplicado a idosos da etnia Terena residentes na Aldeia Tereré, Sidrolândia, MS. Janeiro a julho de 1998.

Como indica o Gráfico 5.1, o número médio de respostas (*R*), que exprime a capacidade associativa, obtido no grupo estudado foi de 15,31 (6,92 para as pranchas monocromáticas e 8,54 para as coloridas). O grupo demonstrou maior responsividade em situações de impacto afetivo.

O estudo das modalidades permite identificar o modo como o grupo atende aos diversos estímulos da realidade externa, ou seja, a maneira como a observação ou a inteligência constituem um instrumento flexível que permite ao indivíduo abordar e selecionar determinados aspectos das experiências.

Atribui-se à medida %*G* a capacidade de planejamento e generalização. Como mostra o Gráfico 5.2, esta se apresenta mais elevada nas situações de tomada de decisão (que ocorrem nas pranchas monocromáticas). Os valores médios encontrados para %*Gm*, de 60,44, e para %*Gc*, de 11,34, são acompanhados respectivamente de valores de *DP* de 23,14 e 11,36, indicando uma maior faixa de valores de *Gm*.

O inverso ocorre com a medida %*P*, considerada como a capacidade de observar os aspectos práticos da realidade cotidiana. Para esse índice, o valor mais alto foi encontrado em pranchas coloridas: %*Pm* de 34,80 e %*Pc* de 82,52, com valores de *DP* respectivos de 22,19 e 12,06. Os sujeitos estudados revelaram-se mais capazes de observar os aspectos mais evidentes do cotidiano nas situações de impacto afetivo.

Os outros índices (%*p*, %*GE*, %*E*, %*p'*) apresentam homogeneidade e baixos valores, tanto nas pranchas monocromáticas quanto nas coloridas (Gráfico 5.2). Apenas três sujeitos ofereceram respostas *pm*, o mesmo ocorrendo com as *pc*. Houve apenas uma resposta *GE* e uma *E*. Nenhuma resposta *p'* ocorreu (Gráfico 5.1).

Com base nos dados, talvez se possa afirmar que, ao atentar para os diversos estímulos ambientais, o idoso Terena consegue apreciar de modo adequado e objetivo os aspectos mais evidentes, da ordem concreta, que se acham presentes nas experiências afetivas; ao passo que nas situações cotidianas de tomada de decisão sua apreciação é mais genérica em relação ao significado das experiências — atitude indispensável para a atividade de criação e planejamento —, não se detendo em minúcias dos acontecimentos ou análise mais profunda e demorada.

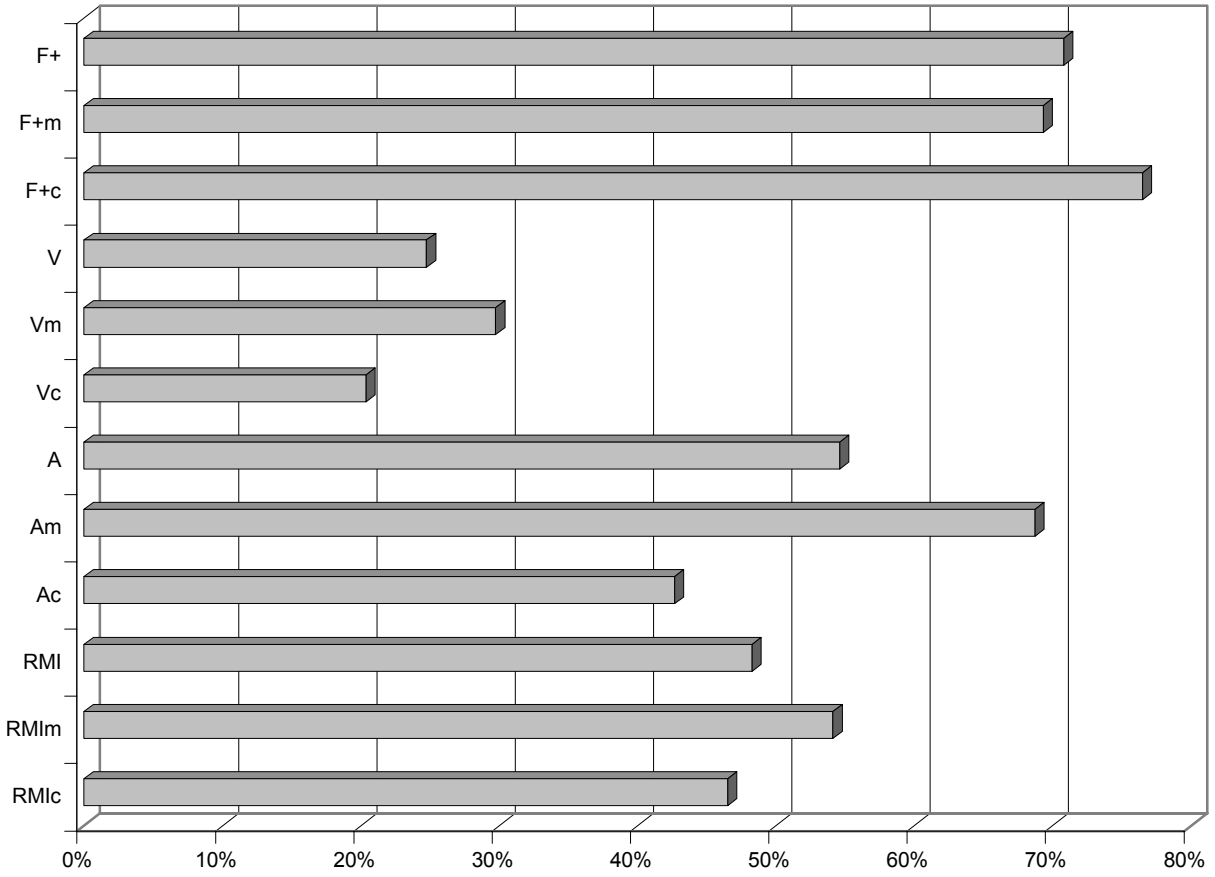


Gráfico 5.2. Adaptação à realidade. Teste de Rorschach aplicado a idosos da etnia Terena residentes na Aldeia Tereré, Sidrolândia, MS. Janeiro a julho de 1998.

Os examinandos revelaram distribuir adequadamente sua atenção às implicações gerais e abstratas dos fatos, assim como para aqueles menos evidentes, que exigem esforço mental. O tipo de respostas *G* encontrado com maior incidência refere-se ao imediato simples, e a presença de respostas *P* revelou a capacidade de captação de aspectos concretos da existência cotidiana, sendo este um aspecto positivo ao convívio social. Isso é corroborado pela atitude observada por esses idosos em sua participação comunitária, que é ativa e não-excludente, uma vez que são úteis e necessários na sociedade à qual pertencem.

É possível que esse aspecto tenha relação com a estrutura primitiva de classes sociais desse povo, a qual, segundo Mangolim (comunicação pessoal), perdura com as adaptações impostas pelo convívio com a sociedade nacional envolvente. No entanto, essa é uma hipótese que não pode ser confirmada pela presente pesquisa, em que a coleta de dados se limitou a parte da população de uma única aldeia.

Quanto às classes sociais, indivíduos que obtiveram *Pc* elevado no teste — o que revela capacidade de apreciação de aspectos mais concretos do cotidiano — parecem corresponder a membros da classe *unati* (chefes), de capitães de aldeia e pajés.

Aqueles com *Gm* elevado revelam dispor de capacidade de apreciação genérica e planejamento, o que corresponde aos *shuna'asheti* (guerreiros), que hoje vão negociar em prol da comunidade junto aos poderes constituídos.

Os que obtiveram alto índice de respostas *p*, por sua vez, parecem corresponder aos *wahere-shave*, pessoas comuns que habitam a aldeia.

Já os indivíduos que tenderam a oferecer respostas *E*, aqui interpretadas como reveladoras de oposicionismo, parecem corresponder aos da classe *kauti* (escravos), sendo hoje os de alguma forma excluídos da comunidade, mesmo que por vontade própria para residir em outro local, e também aqueles que se submetem a subempregos em fazendas ou nas cidades, como mão-de-obra pouco qualificada.

No teste de Rorschach, a ligação cognitiva com a realidade pressupõe ao mesmo tempo atenção, ligação emotiva e pensamento lógico. Tais aspectos do trabalho mental podem ser medidos através de três elementos do psicograma: %*F*+, %*A* e %*V*.

A média entre as somas das porcentagens de respostas animais, de formas bem vistas e de respostas vulgares fornece o índice *RMI* de Silveira (1985), que exprime a aceitação da realidade objetiva e o modo característico de cada indivíduo realizar o exame

cognitivo. Obtiveram-se *RMIm* de 54,14, com *DP* de 12,10, e *RMIc* de 46,53, com *DP* de 12,60.

A grandeza %*F*+ é aqui analisada como medida do contato objetivo e adequado com os estímulos externos, alcançado através do controle consciente e da atenção. Dada a extrema importância desse fator como medida de adaptação à realidade, consideram-se isoladamente as porcentagens de formas bem vistas nas pranchas monocromáticas e coloridas. Os resultados foram os seguintes: %*F*+*m* de 69,35, com *DP* 21,05; o valor mínimo foi 33,33, em dois sujeitos; o valor máximo foi 100, também em dois sujeitos. A medida %*F*+*c* foi 76,50, com *DP* de 20,87, sendo o valor mínimo encontrado o de 33,33, em apenas um sujeito, e o valor máximo de 100, em quatro sujeitos.

O valor de %*F*+ se mostrou mais elevado como um todo nas pranchas coloridas, o que parece indicar que os sujeitos, quando envolvidos afetivamente de modo direto nas situações, passam a julgar os fatos com maior objetividade e pensamento lógico.

Em relação ao exame objetivo da realidade externa, um maior número de sujeitos adotou atitude excessivamente rígida e impessoal perante incitações afetivas intensas (%*F*+ = 100, em quatro sujeitos), reagindo porém de modo mais subjetivo em situações que envolvessem decisão. Esse resultado é corroborado pelo fato, observado na aldeia, de as decisões sobre qualquer assunto que diga respeito a todos não serem alcançadas com base na opinião maioria, mas sim com base na totalidade: todo assunto que tenha relação com o grupo é discutido exaustivamente até que todos cheguem à mesma conclusão. Inexiste vitória da maioria, e sim pensamento grupal, mesmo que a discussão para alcançá-lo se alongue por vários dias. O pensamento, portanto, é da totalidade do grupo, e não da maioria.

Quanto à medida %*A*, que reflete a ligação emocional com a realidade, obteve-se para as pranchas monocromáticas uma média de 68,72, com *DP* de 25,92, e para as pranchas coloridas 42,69, com *DP* de 23,76. Algumas dessas respostas foram dadas no idioma Terena, pelo fato de o probando não saber o nome do animal em português; outro probando, por não ter uma percepção clara do animal, referiu-se a ele como sendo da Amazônia ou do Nordeste, e não de Mato Grosso do Sul; outra ouviu o canto da seriema enquanto estava sendo submetida ao Rorschach e comentou que “quando a seriema canta na baixada é chuva na certa”.

O predomínio das respostas animais sobre as outras variáveis parece indicar que os indivíduos desse grupo estabelecem também uma ligação emocional com o ambiente.

Apresentam também susceptibilidade aos estímulos ambientais, os quais parecem ser elaborados intelectualmente de modo original e criador: voltam-se para o ambiente e estabelecem com ele uma ligação emocional, não revelando dificuldade em submeter-se às exigências da realidade externa.

As capacidades de apreender o consenso geral, de utilizar a lógica nos domínios de valores admitidos pela coletividade e de desenvolver adaptação do ponto de vista intelectual são medidas pela grandeza %*V*. A média dessa grandeza, %*Vm*, foi de 29,76, com *DP* de 15,74; para %*Vc*, obteve-se o valor 20,39, com *DP* de 10,64. O grupo parece demonstrar que mantém adequado juízo lógico, bem como padrões adequados de pensamento e conduta.

A observação de um número maior de casos poderia fornecer dados para estabelecer as respostas vulgares específicas para essa sociedade. As respostas vulgares, banais ou populares oferecidas a cada uma das pranchas podem ser interpretadas como revelando a habilidade de percepção das coisas em consonância com as normas e padrões da coletividade a que pertence o indivíduo.

Como exposto no Capítulo 2, as respostas vulgares dependem de fatores ambientais, variando, por isso, em diferentes grupos. Na Tabela 5.2 estão apresentadas as respostas vulgares obtidas, segundo os critérios de Silveira (1985). Vaz (1997) não apresenta respostas vulgares para as pranchas VII e IX, e Adrados (1978) não as apresenta para as pranchas IV, VII e IX.

Tabela 5.2. Distribuição dos números totais de respostas e de respostas vulgares por prancha. Teste de Rorschach aplicado a idosos da etnia Terena residentes na Aldeia Tereré, Sidrolândia, MS. Janeiro a julho de 1998.

Pranchas	**I**	**II**	**III**	**IV**	**V**	**VI**	**VII**	**VIII**	**IX**	**X**
Total de respostas	22	19	19	18	15	16	20	25	22	24
Respostas vulgares	8	3	5	5	9	0	3	7	2	3
% respostas vulgares	37%	16%	26%	28%	60%	0	15%	28%	9%	13%

Pode-se observar na Tabela 5.2 que a maior porcentagem de respostas vulgares ocorreu na prancha V, que possui o significado simbólico de realidade, por ser a figura mais estruturada. Esse resultado pode estar significando que os sujeitos mantêm certa

uniformidade em seu modo de percepção da realidade, bem como no grau de participação no pensamento do grupo a que pertencem.

Ao contrário, não houve para a prancha VI qualquer resposta considerada vulgar, apesar de o serem aquelas localizadas como “couro”, “pele” ou “tapete”. A grande maioria dos autores mencionados atribui significado simbólico sexual a essa prancha. Convém lembrar que os sujeitos possuem idade avançada e, em virtude disso, talvez a sexualidade tenha para eles outra conotação, que aqui não comparece como respostas vulgares, uma vez que couro e pele de animal fazem parte da cultura e do cotidiano do idoso Terena. Pode-se questionar também se essa não-percepção de respostas vulgares se deve ao fato de não haver (aparentemente) repressão da sexualidade e de os papéis sexuais serem bem definidos (como já descrito no sistema de leis dos Terena, no Capítulo 1). Tudo indica que, para eles, ter um filho é “dom” e ter muitos é melhor. Talvez se possa dizer que o conceito de vida sexual está ligado a gerar “mais Terena”, o que se correlaciona com a pouca censura existente em relação ao indivíduo casado que tem filhos com outras mulheres.

Bohm (1970) considera que, além do simbolismo sexual, também o aspecto religioso é estimulado pela prancha VI. Esse aspecto passa a ser relevante quando se percebe que, dos quatro sujeitos que ofereceram respostas de conteúdo religioso, três o fizeram nessa prancha, com respostas elaboradas de “igreja” e “cruz”, perfazendo 19% das respostas dadas na prancha VI e indicando a influência do catolicismo. Das respostas restantes, 44% corresponderam a animais, 32% a conteúdos humanos e 5% a vaso de flor. Talvez se possa afirmar que o aspecto religioso é, para os Terena, variado e amplo, não havendo um único Deus ou deuses, pois não são idólatras, nem tampouco um culto específico. Em vez disso, referem-se às manifestações do todo, como, por exemplo: o Sol é enviado do bem, assim como a Lua. Os Terena se auto-referem como *Poké’e* (MANGOLIM, 1997), ou seja, ‘terra’, e como ‘terra’ sua religiosidade é abrangente, o que dificulta a eleição de um símbolo único ou comum a uma maioria.

As respostas vulgares também foram numerosas (Tabela 5.2) na prancha I, que tem o significado simbólico de reação ao primeiro contato, ou seja, ‘quem sou à primeira vista’. Das 22 respostas dadas a essa prancha, 36% foram de “morcego”, em percepção global. Provavelmente isso se deva ao fato de nada revelar além do comum. Outros 36% foram referentes a animais que fazem parte de seu cotidiano, como cigarra, jacaré e sapo, com provável significado de cotidiano, revelado já no primeiro contato. Outros 14%

tiveram percepções de conteúdo humano, talvez demonstrando sensibilidade e tato nos novos contatos sociais, principalmente no caso do sujeito 7, que descreveu com riqueza de detalhes o vestido (*P4*). Das respostas, 9% couberam a conteúdos de natureza que também fazem parte do cotidiano do grupo; 5% das respostas estiveram mescladas de elementos não-pertencentes à cultura original Terena, ou seja, cachorros pisando em botijão de gás. Percebe-se, e já num primeiro contato, que as marcas da aculturação existem e são significativas.

Na interpretação dos estímulos do teste de Rorschach, a palavra ou expressão que define uma categoria de conteúdo não designa uma situação isolada, relativa a um objeto ou a um ser particular, mas se refere a uma classe de experiência identificada pelo grupo social, ainda que percebida e sentida no nível da consciência individual. Por esse motivo, optou-se por interpretar outros conteúdos de respostas nessa parte da discussão, que já apresenta conteúdos trabalhados nas respostas animais e vulgares.

Tabela 5.3. Distribuição de conteúdos e sujeitos. Teste de Rorschach aplicado a idosos da etnia Terena residentes na Aldeia Tereré, Sidrolândia, MS. Janeiro a julho de 1998.

Conteúdos	Número de sujeitos
Animal	13
Botânica	10
Humano	9
Anatomia	8
Vestuário	5
Religioso	4
Arquitetura, objeto, paisagem	3
Sangue, nuvem	2
Geográfico, alimento, sexo, natureza	1

A Tabela 5.3 lista todos os conteúdos que ocorreram e o número de sujeitos que a eles se referiram. Nota-se que, em seguida aos animais, foram evocados conteúdos ligados à botânica (e de fato os Terena são povo de tradição agrícola), vindo em seguida aqueles relacionados à anatomia e ao vestuário, o que provavelmente está ligado à preocupação do indivíduo consigo mesmo, com o próprio corpo e com o que o futuro lhe reserva. Ainda nesse aspecto é interessante mencionar que a percepção objetiva dos elementos relacionados à religião se mostra reduzida (30%), embora sejam numerosas as referências místicas na aldeia: não só várias casas possuem ao lado uma capela para oração, como estão em construção as edificações denominadas “redondos”, que são

símbolos Terena. O pajé visita constantemente as casas para benzer, principalmente as crianças, e faz raizadas para diversos males. Talvez se possa refletir que um povo tão ligado à agricultura e à vegetação em geral tenha a natureza como sua cosmologia e, para tal, utiliza-se de conteúdos de botânica com conotação mítica religiosa.

Os índices de afetividade, impulsividade, conação e lambda, elaborados por Silveira (1985), são aqui apresentados no Gráfico 5.3 e interpretados a seguir, sem todavia haver intenção de comparar o grupo Terena com grupos não-Terena.

O índice de afetividade é a relação entre as respostas dadas para as pranchas coloridas e aquelas fornecidas para as pranchas monocromáticas. O índice de afetividade mais baixo foi 1,0 (em quatro protocolos); o mais alto, 1,85 (em um protocolo), com média de 1,24 e *DP* de 0,24. Esses resultados parecem indicar que os indivíduos aqui estudados revelam-se normalmente receptivos aos estímulos afetivos do ambiente, manifestando adequadamente seus sentimentos, uma vez que levam em conta as necessidades alheias, denotando tato e sensibilidade em suas relações interpessoais, sem desprezar a espontaneidade.

Em relação à impulsividade, os resultados parecem indicar que os sujeitos podem controlar adequadamente seus impulsos primários no comportamento manifesto. Tal controle, segundo Mangolim (1993), está ligado a uma tática de sobrevivência que os levou a aceitar regras e manter elementos de coesão enquanto povo, ou seja, uma ampla reflexão, planejamento e controle da impulsividade.

O índice de conação, de Silveira (1985), se refere à capacidade subjetiva para a ação, sendo obtido pela subtração de %*F*+ do total de fatores que absorvem a conação, ou seja, as respostas de luminosidade, movimento, cor e perspectiva. O índice fornece uma informação quantitativa da liberdade de ação. O grupo Terena pesquisado apresentou *Conm* médio de 54,29, com *DP* de 30,14 e *Conc* médio de 32,21 e *DP* de 26,39. Talvez se possa afirmar que demonstram ser mais acessíveis aos imperativos da realidade objetiva e prática e menos instáveis em suas atividades.

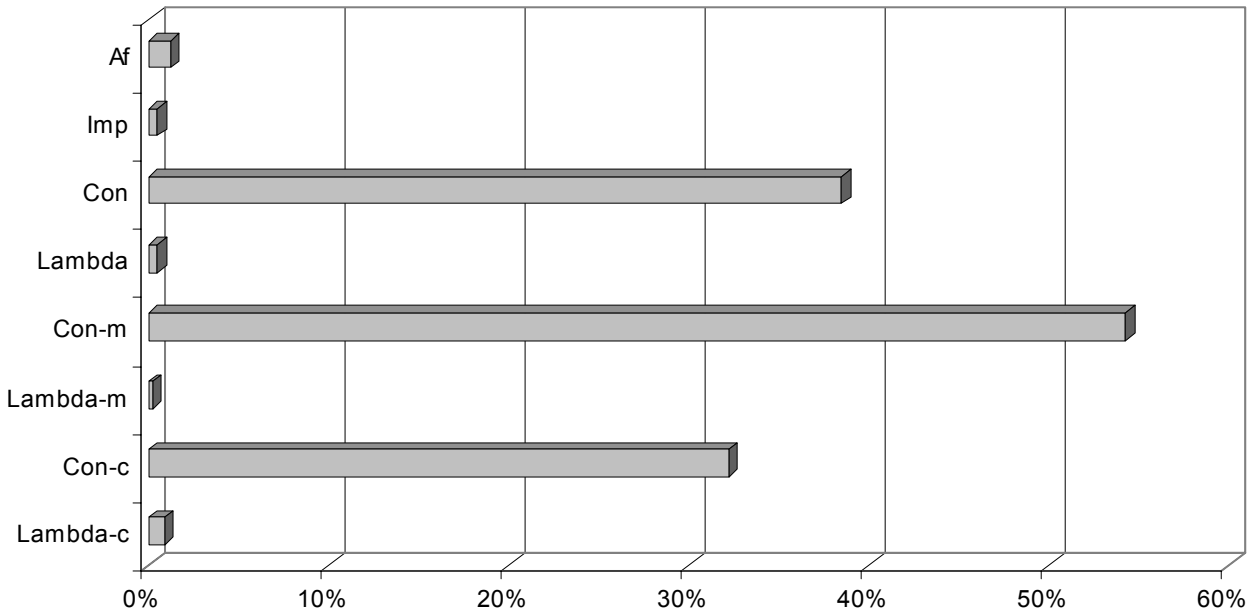


Gráfico 5.3. Índices de afetividade, conação e lambda. Teste de Rorschach aplicado a idosos da etnia Terena residentes na Aldeia Tereré, Sidrolândia, MS. Janeiro a julho de 1998.

O índice lambda permite avaliar o grau em que o sujeito apela para seus recursos subjetivos em seu contato com a realidade. Foi obtido para lambda-*m* o valor 0,24, com *DP* de 0,28; para lambda-*c*, 0,92, com *DP* de 0,56. Isso parece indicar que o grupo estudado utiliza seus recursos subjetivos em face da realidade externa, revelando maleabilidade em suas reações. É oportuno ter em mente, mais uma vez, a atitude dos membros dessa comunidade quando necessitam de uma decisão grupal: nessas situações, as discussões são amplas e todos têm direito a manifestar sua opinião, até que seja alcançado o pensamento grupal, não sendo demonstrados ressentimentos em relação aos resultados.

Quanto à distribuição dos fatores determinantes nos protocolos (Gráfico 5.4), houve três protocolos com respostas de movimento humano (*M*), 11 de movimento animal (*m*) e nenhum com resposta de movimento subjetivo (*m'*), da seguinte forma:

M > *m* > *m'*: 1 protocolo

M = *m* > *m'*: 2 protocolos

M < *m* > *m'*: 10 protocolos

As três respostas de movimento humano (*M*) ocorreram na prancha IX, não havendo menção a nenhum movimento agressivo. O sujeito 2 percebeu "homem segurando galhada de cervo" (*P adj*); o sujeito 4, "homem agachado em cima de flor" (*GE*); o sujeito 5 atribui à prancha um movimento flexor (*P3*) de homem encostando o queixo no próprio peito. Percebe-se que a relação do humano é vista pelos sujeitos em relação à natureza (como em "cervo" e "flores") e também consigo mesmo, de modo mais reflexivo. É interessante salientar que esses três sujeitos são do sexo masculino, analfabetos e oriundos da mesma aldeia (Buriti). Quanto ao estado civil, o sujeito 2 é casado, o 4 é viúvo e o 5 é separado.

É interessante que dos cinco sujeitos do sexo masculino que participaram da pesquisa, três forneceram respostas *M*. Quanto aos outros dois, um é alfabetizado e o outro é oriundo de outra aldeia (Aquidauana). Parece haver a relação entre *M*, sexo masculino e proveniência da mesma aldeia. Essas respostas foram mobilizadas pela prancha IX, que tem o significado de conflitos, tensões e angústias existenciais.

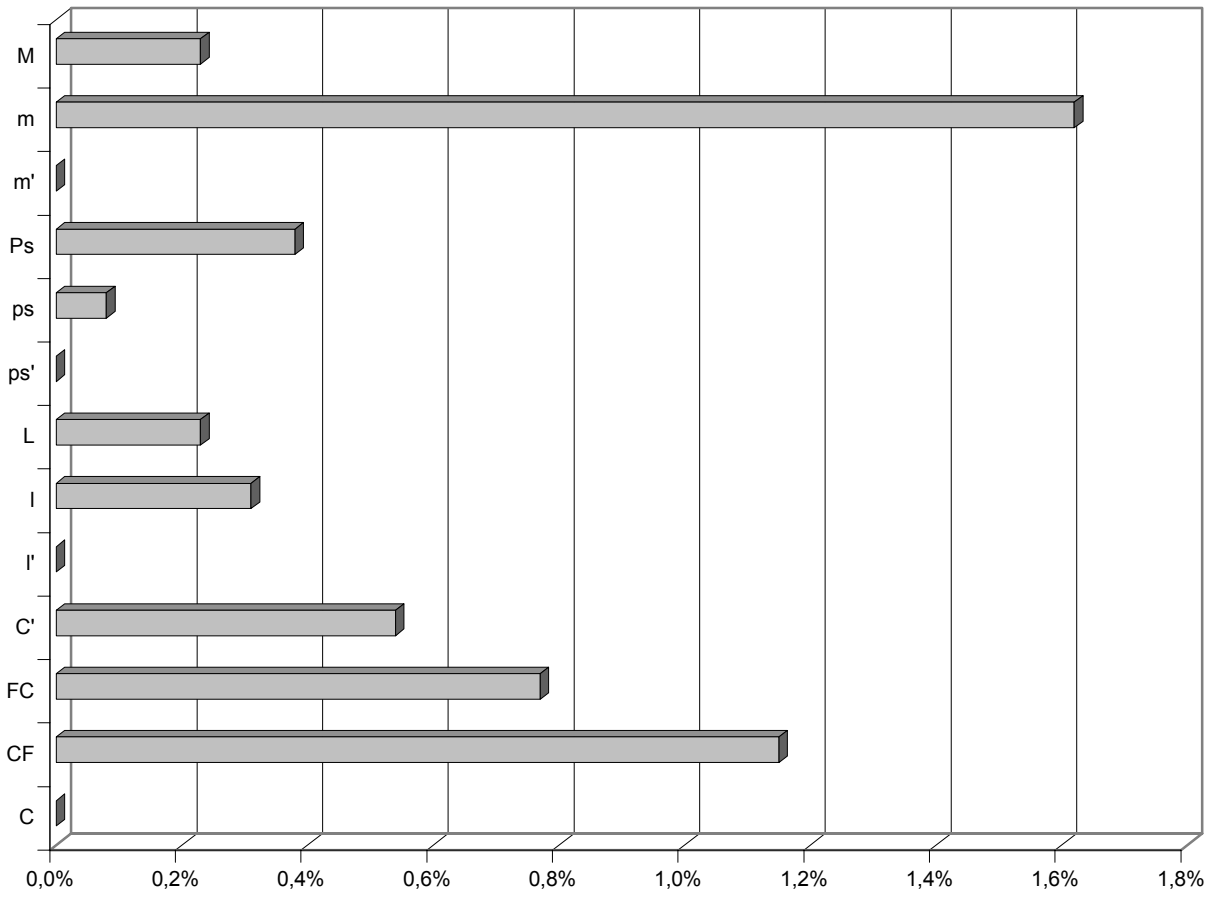


Gráfico 5.4. Fatores determinantes. Teste de Rorschach aplicado a idosos da etnia Terena residentes na Aldeia Tereré, Sidrolândia, MS. Janeiro a julho de 1998.

Saliente-se que nessa cultura o domínio e o poder são atribuídos ao homem, cabendo a ele a autonomia e a decisão, e à mulher um papel mais submisso, como já citado no Capítulo 2. Talvez se possa refletir que, na sociedade Terena, onde as divisões de trabalho, de atividades e de papéis são bem definidas para cada sexo, a ocorrência de respostas *M* predomina nos protocolos de homens. Suas respostas de movimento humano têm relação, predominantemente, entre homem e natureza, e provavelmente não cabe à mulher esse tipo de resposta.

Das 19 respostas de movimento animal (*m*), 21% foram dadas por homens, sendo que o sujeito 2 também teve percepção de movimento humano, diferentemente dos outros dois. Os outros 79% das respostas *m* foram oferecidos por mulheres. Uma vez que houve predomínio das respostas *m* sobre as *M* ($M < m$), pode-se inferir que a interpretação dada pelos autores (imaturidade emocional, fantasias infantis e atitudes básicas da primeira infância) passa a ter sentido nessa cultura em que as mulheres são submissas, mas mantêm atitudes básicas adquiridas na infância. Talvez a restrição da auto-afirmação, aferida pelas respostas *m*, se deva ao papel social estabelecido na comunidade. Ao considerar-se $M < m + m'$ como ocorrendo predominantemente em respostas femininas, talvez se possa pensar que as concepções pessoais que norteiam o comportamento dessas mulheres ainda sejam aspectos primitivos da personalidade e estejam ligados às fantasias infantis. Portanto, no uso das funções intelectuais destinadas à auto-observação e ao autoconhecimento, prevalecem noções mais subjetivas e distantes da realidade objetiva.

Não houve nenhuma resposta de movimento subjetivo (*m'*), categoria que revela sentimentos de impotência e insegurança. Tal ausência não permite afirmar, porém, que os sujeitos não tenham esses sentimentos.

O determinante *Ps* como forma bem definida pode ser indicativo da atitude psicológica de busca de uma definição de posição no ambiente social, e também de afastamento do indivíduo das situações, para proceder a uma comparação com a finalidade de definir melhor seu papel. Essa atitude deve ser acompanhada de autoconhecimento, para que não surjam sentimentos de inferioridade. Tais sentimentos de autonomia e autoconhecimento podem ser avaliados pelas respostas de cinestesia humana (*M*). Percebe-se que as respostas *Ps* foram oferecidas por apenas três sujeitos (um homem e duas mulheres). As únicas respostas *M* provieram de três homens.

Os dados parecem demonstrar que na população estudada há falta de autonomia e autoconhecimento suficiente para que os indivíduos se compararem com os demais, havendo necessidade de melhor definição pessoal. Indaga-se se isso ocorre apenas em relação a seus pares ou também em relação aos não-indígenas, devido à proximidade existente.

Na série luminosidade, que afere a dinâmica emocional, obtiveram-se nove respostas, sendo 77,8% de *C'*, que traduz assimilação emocional dos valores culturais, e 22,2% de *L*, que traduz maior sensibilidade de caráter mais pessoal. Provavelmente pode-se afirmar que a adaptação emocional dos Terena não decorre de um traço individual, mas de um processo resultante do amadurecimento psicológico obtido a partir da assimilação, desde a infância, de experiências do mundo ocorridas em um contexto cultural. De modo geral, o determinante *C'* corresponde ao trabalho mental de indução, em que o indivíduo associa e assimila os vários dados de suas experiências através de uma observação concreta, direta e menos ligada à elaboração abstrata, como ocorre com a categoria *L*. Esse dado parece ter ressonância com a já citada tradição experimental, em que os sujeitos se mostram muito cautelosos diante do estrangeiro, permanecendo em silêncio e em observação, sendo este seu instrumental de reserva para proteger-se de invasões em sua cultura. De início, nada é dito; as respostas, quando ocorrem, são evasivas. Somente após uma detida análise sobre o estrangeiro é que os fatos elucidativos passam a ser relatados. Parece provável supor que os integrantes do grupo estudado se comunicam entre si com formas imaginárias (por exemplo, o sonho, a lenda, a discrição do não-falado mas compreendido) e não com formas reais.

As respostas de cor bem definidas relacionam-se com a exteriorização dos afetos (espontaneidade), levando-se em consideração as circunstâncias do meio e o outro. As respostas de cinestesia e de cor são respostas intrínsecas, isto é, o referencial é o próprio indivíduo; as de perspectiva são extrínsecas, ou seja, o referencial passa a ser o meio externo.

Os sujeitos aqui estudados parecem revelar-se normalmente receptivos aos estímulos afetivos do ambiente, manifestando adequadamente seus sentimentos, uma vez que levam em conta as necessidades alheias. Denotam tato e sensibilidade em suas relações interpessoais, sendo isso percebido através das respostas de cor.

Pelo predomínio de *CF* sobre *FC*, talvez se possa afirmar que o grupo estudado apresenta certa instabilidade afetiva, com reações pouco apropriadas às situações, ou seja, reações precipitadas. A análise das *FC* parece indicar que o grupo também denota capacidade de entusiasmo e espontaneidade, mas também sugestionabilidade.

Há provável tendência do grupo estudado a reagir intensamente no plano afetivo (*CF*), tendência essa não superada pelo senso de adaptação aos estímulos ambientais (*FC*), que tampouco encontra compensação na autodeterminação ou na reflexão do tipo adulto, que nesse caso ocorre em nível reduzido (*M*).

O número total de respostas dos 13 sujeitos foi 199, sendo 130 (65%) delas respostas de forma e as restantes 69 destinadas aos demais determinantes. Dessas 69 respostas, 25 (36%) foram de cor. As respostas preponderantemente usadas se relacionaram com flores e árvores, seguidas por aquelas referentes a roupas, pássaros, sangue e, finalmente, luzes.

Salienta-se que o sujeito 1 respondeu na prancha II "Papai Noel" e na prancha X "árvore de Natal"; o sujeito 7 percebeu na prancha II uma coleira de cachorro colorida, fazendo uso, desse modo, de símbolos pertencentes à cultura nacional envolvente. Tais respostas remetem à reelaboração cultural vivenciada por essa cultura.

CONCLUSÕES

Os estudos sobre a nação Terena referidos neste trabalho descrevem aspectos de um povo agricultor, de índole pacífica e que vem apresentando descaracterização e reelaboração de seus valores enquanto grupo étnico.

Os resultados obtidos com a aplicação do teste de Rorschach na aldeia Tereré não podem ser tomados como indicativos gerais que caracterizem irrestritamente os idosos da nação Terena, e menos ainda a totalidade dessa nação indígena, cuja população é superior a 17 mil pessoas aldeadas.

Foi possível, porém, extrair as seguintes conclusões:

- Ao atentar para os diversos estímulos ambientais, os sujeitos estudados conseguem apreciar de modo adequado e objetivo os aspectos mais evidentes, de ordem concreta, das experiências afetivas. Já nas situações cotidianas de tomada de decisão, têm apreciação mais genérica do significado das experiências, não se detendo em minúcias dos acontecimentos ou em análises mais profundas.
- Quando se envolvem nas situações afetivamente, de modo direto, passam a julgar os fatos com maior objetividade.
- Apresentam susceptibilidade aos estímulos ambientais, os quais parecem ser elaborados intelectualmente de modo original, mas não desprezam a preocupação de adaptar-se às solicitações externas. Voltam-se para o ambiente e estabelecem com ele uma ligação emocional, não revelando dificuldade em submeter-se às exigências da realidade externa.
- As marcas da aculturação se manifestam na capacidade que possuem em utilizar a lógica nos domínios de valores admitidos pela coletividade circunvizinha.
- Possuem a natureza como sua cosmologia e, para tal, utilizam-se de conteúdos de botânica com conotação mítico-religiosa.

- Receptivos aos estímulos afetivo-ambientais, manifestam os sentimentos com sensibilidade, espontaneidade, entusiasmo e sugestionabilidade.
- Possuem controle da impulsividade.
- A autonomia, o poder e o domínio são atributos masculinos.
- As concepções que norteiam seu comportamento evidenciam aspectos mais primitivos da personalidade.
- Cautelosos, permanecem em silêncio e observação, sendo este seu instrumental de reserva e defesa.
- Utilizam-se de formas imaginárias de comunicação, como sonhos e lendas.

Os idosos Terena da aldeia Tereré, que passaram por uma fragmentação do sistema original devido ao contato interétnico, demonstram ter reelaborado e reinterpretado o significado cultural, fato esse que corrobora que a cultura é dinâmica.

Almeja-se que este trabalho, por seu caráter pioneiro, possa servir de referencial para a continuidade de estudos dessa natureza, tanto mais específicos quanto mais abrangentes, seja da nação Terena ou de outras nações indígenas, em diferentes países.

Enquanto isso, no Brasil, e em Mato Grosso do Sul em particular, deseja-se que este estudo possa promover pesquisas semelhantes em nossos "Mares de Xaraés", permitindo que alcancemos um conhecimento mais completo sobre *visóneu* – 'nosso pensamento'.

REFERÊNCIAS

ABREU, Ieda. Os pajés do Brasil não entendem essa sabedoria dos brancos. *Caros Amigos*, ano 2, n. 16, p. 14-15, jul. 1998.

ADRADOS, Isabel. *Rorschach na adolescência normal e patológica.* Petrópolis: Vozes, 1976.

ADRADOS, Isabel. *Teoria e prática do teste de Rorschach.* Petrópolis: Vozes, 1978.

AKITANI, Tatsuko. Popular response of Japanese and their culture. *Rorschachiana XVI*, São Paulo, n. 63, p.104-118, 1987.

ALTENFELDER SILVA, Fernando. Mudança cultural dos Terena. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v. 2, 1949.

ALTENFELDER SILVA, Fernando. Religião Terena. In: SCHADEN, Egon. *Leituras de etnologia brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

ANDERSON, H.; G. *Técnicas projetivas do diagnóstico psicológico.* São Paulo: Mestre Jou, 1967.

ANZIEU, Didier. *Os métodos projetivos.* Rio de Janeiro: Campus, 1979.

BACKES-THOMAS, Madeleine. Projections culturelles dans le test des trois personages. *Rorschachiana XVII*, Paris, n. 64, p. 50-52, 1990.

BALDUS, Herbert. Lendas dos índios Tereno. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v. 4, p. 217-232, 1950.

BALDUS, Herbert. Entre índios norte-americanos. *Anhembi*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 224-241, jan. 1951.

BOHM, Ewald. *Vademecum del test de Rorschach.* Madrid: Morata, 1970.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BOYER, L. Bryce. Effects of acculturation on the personality trits of aged Chiricahua and Mescalero Apaches: a Rorschach study. *Rorschachiana XVI*, São Paulo, n. 63, p. 67-73, 1987.

BRANDÃO, Carlos. *Identidade & etnia.* São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRUNER, Jerome. *Actos de significado*: para uma psicologia cultural. Lisboa: Edições 70, 1990.

BRUNER, J.; GOODNOW, J.; AUSTIN, A. *A study of thinking.* New York: Science, 1962.

CARVALHO, Edgard de Assis. *As alternativas dos vencidos*: índios Terena no estado de São Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

CARVALHO, Fernanda. *Koixomuneti e outros curadores*: xamanismo e práticas de cura entre os Terena. 1996. 143 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

CASTELNAU, Francis. *Expedição às regiões centrais da América do Sul.* São Paulo: Nacional, 1949. tomo 2. Tradução de: *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro a Lima et de Lima au Para*: histoire du voyage. Paris, 1850. 6 v.

COELHO, Lúcia. *Epilepsia e personalidade.* São Paulo: Ática, 1980.

COELHO, Lúcia; SÁLVIA, Manoel Carlos. *Estudo estatístico dos fatores do Rorschach em população normal.* São Paulo: Sociedade Rorschach de São Paulo, 1998.

COELHO, Lúcia Maria Salvia; COELHO, Ruy Galvão de Andrada. *Características psicológicas dos Caraíbas Negros à luz da prova de Rorschach*. São Paulo: Sociedade Rorschach de São Paulo, [197-]. Apostila.

DE VOS, George. A comparison of acculturative stress: Arab and Japanese. *Rorschachiana XVI*, São Paulo, n. 63, p. 56-67, 1987.

FAROOQI, Ghazala. Popular responses of Pakistani female students on Rorschach. *Rorschachiana XVI*, São Paulo, n. 63, p. 88-95, 1987.

FRANCISCO, Célio; FRANCISCO, Marta. *Pequeno dicionário da língua Terena*. Campo Grande: Ruy Barbosa, 1997.

GAMPEL, Yolanda. Des adolescents ethiopiens en Israel: catastrophe sociale et sentiment de soi-meme. *Rorschachiana XVII*, Paris, n. 64, p. 58-63, 1990.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro: Zahar , 1978.

GONZÁLES-PUELL, Samuel. Le test de Rorschach dans un groupe de malades cancereux: approuche interculturelle. *Rorschachiana XVII*, Paris, n. 64, p. 161-165, 1990.

GRUBITS, Sonia. *Bororo*: identidade em construção. Campo Grande, UCDB; CECITEC, 1994.

GRUBITS, Sonia; DARRAULT-HARRIS, Ivan. *Psicossemiótica na construção da identidade infantil*: um estudo da produção artística de crianças Guarani-Kaiowá. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice, 1990.

JACQUEMIN, A.; MINGORANCE, R. TAT em descendentes de portugueses, japoneses e espanhóis: ênfase nas "preocupações interpessoais básicas" e na necessidade de realização. In: ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE RORSCHACH E OUTROS MÉTODOS PROJETIVOS, 2., 1997, Ribeirão Preto. *Anais*... São Paulo, 1997. p. 208.

KLOPFER, B., SENDER, S. A system of refined scoring symbols. *Rorschach Res. Exch*., n. 1, p. 19-22, 1936.

LAFFITE, P. *Cours de philosophie première.* Paris: Émile Bouillon, 1869-1894. 4 v. tome 1.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura*: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LÉVI-STRAUSS, Claude. On dual organization in South America. *América Indígena*, México, v. 4, n. 1, p. 37-47, 1944.

MAHMOOD, Zahid. Diagnostic validity of the Rorschach technique in a cross-cultural setting. *Rorschachiana XVI*, São Paulo, n. 63 p. 119-125, 1987.

MANGOLIM, Olívio. *Povos indígenas no Mato Grosso do Sul*: viveremos por mais 500 anos. Campo Grande, CIMI-MS, 1993.

MANGOLIM, Olívio. *Espaço e vida dos índios Terena da aldeia Limão Verde.* Campo Grande: UCDB, set. 1997. (Estudos Periódicos do Mestrado em Educação da UCDB, 5.)

MATO GROSSO DO SUL. *Dados sócio-econômicos municipais de Mato Grosso do Sul*: 1990-96. Campo Grande: Secretaria de Estado e Finanças, Orçamento e Planejamento de Mato Grosso do Sul, maio 1997.

MATTLAR, C.; RUNAR, K.; ALANEN, E. The essential features of the Rorschach in cross-cultural context: A normative study. *Rorschachiana XVI*, São Paulo, n. 63, p. 95, 1987.

MUCCHIELLI, R. *La dinamique du Rorschach.* Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

OBERG, Kalervo. Organização social e lei Terena. *Terra Indígena*, ano 4, n. 33, p. 9-21, fev. 1985.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *O processo de assimilação dos Terena.* Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1960.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *Urbanização e tribalismo.* Rio de Janeiro: Zahar , 1968.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *O dualismo Terena*: leituras de etnologia brasileira. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976.

PES, P.; PARISI, S.; CORDESCHI, F.; FOCHESCHI, A.; PERRONE, M.; SPERANZA, M. Analisi di tre tribù amazoniche attraverso il test di Rorschach. *Studi Rorschachiani*, Roma, p. 119-130, 1993.

PEREIRA, Ana Maria. *Introdução ao método de Rorschach*. São Paulo: EPU; EDUSP. 1987.

PIOTROWSKI, Z. *Perceptanalysis*. New York: MacMillan, 1957.

PORTUONDO, Juan. *El psicodiagnostico de Rorschach en psicologia clínica.* Madrid: Biblioteca Nueva, 1976.

PUCCI, Maria Inés Figueroa. Investigación psicológica en las sciencis sociales. *Boletim da Sociedade Rorschach de São Paulo*, v. 8, n. 1, p. 11, jan./dez. 1995.

RACERA, E. F.; JACQUEMIN, A. Representações de gênero em homens descendentes de imigrantes japoneses e portugueses. In: ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE RORSCHACH E OUTROS MÉTODOS PROJETIVOS, 2., 1997, Ribeirão Preto. *Anais...* São Paulo, 1997. p.201.

REIS, Célia Regina Pirolo. *Levantamento demográfico da população da aldeia Tereré.* 1994. Trabalho de conclusão de curso (Geografia) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 1994.

RESINA JÚNIOR, José Fernandes. *Da aldeia do campo para a aldeia da cidade*: êxodo dos índios Terena para o perímetro urbano de Campo Grande, MS. 1997. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 1997.

RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RORSCHACH, Herman. *Psicodiagnóstico.* São Paulo: Mestre Jou, 1967.

SCHADEN, Egon. *Aculturação indígena.* São Paulo: EDUSP, 1969.

SGANZERLA, Alfredo. *A história do frei Mariano de Bagnaia, o missionário do Pantanal.* Campo Grande: FUCMT, 1992.

SILVEIRA, Aníbal. *Prova de Rorschach*: elaboração do psicograma. São Paulo: Brasileira, 1985.

STEINER, Maria Helena. Breve histórico da Sociedade Rorschach de São Paulo. *Boletim da Sociedade Rorschach de São Paulo*, v. 9, n. 1, jan./dez. 1996/97.

VAZ, Cícero. Anxiety, productivity, performance, and culture in the Rorschachs of a multiethnic group of adolescents. Rorschachiana, Germany, v. 22, p. 93, 1995.

VAZ, Cícero. *O Rorschach*: teoria e desempenho**.** São Paulo: Manole, 1997.

ANEXOS

PROTOCOLO 1

Nome: J. A. C.
Sexo: Feminino
Naturalidade: Aldeia Cachoeirinha
Estado civil: Viúva
Filiação: P. A. e B. C.

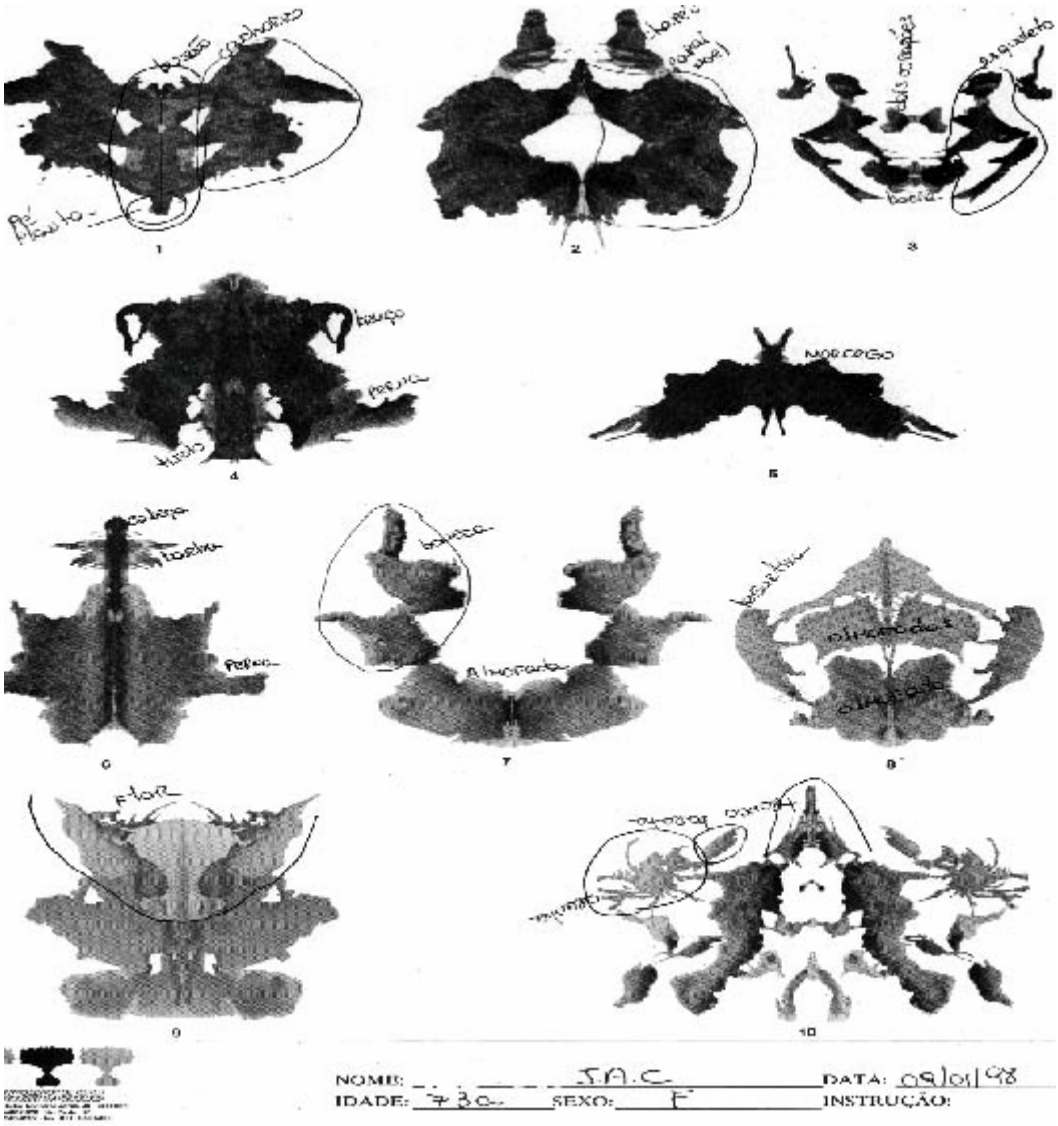
Idade: 73 anos
Sem escolaridade
Data da aplicação: 9/1/1998
Data de nascimento: 30/5/1925

Figura	Respostas	Classificação
I	(52s; 141 s) Essa figura não estou entendendo.	inibição
	1 - /\ Acho parecido com um pé de planta.	
	INQ.: [p31] É que falei que era um pé de planta. Não sei que planta que é essa aqui, mas é muito parecida com um pezinho de planta. É só por cauda dela que está aqui. Não tem as folhas da planta, é só um pé de planta. Ora, porque é parecido.	p F^0 bt.
	2 - /\ Tem também uma figurinha de orelha, carinha de bicho também, tem o corpo dele e até parece uma espécie de bujão. Eu acho assim.	G F^- A 1,0
	INQ.: [G] Nesse todo, o bicho que eu vi são dois cachorros, um de cada lado. Parece com cara de cachorro [P5], orelha [P8] e em baixo o rabinho dele [P6]. Esse resto é o corpo dele e tem as patinhas pisando nesse bujão [P4].	
	Parece um bujão de gás porque é redondo e tem até essa parte que separa o redondo da onde a gente pega para carregar. Eu acho assim pelo jeito que são dois cachorros em pé, pisando num bujão.	vaso $^+$
II	(17 s; 46 s) 1 - /\ Papai Noel, né? Os dois, né? São dois Papai Noel.	
	INQ.: [G] É por causa do chapéu do Papai Noel que parece, porque é vermelho que nem tá aqui [P2]. Não dá para ver o olho nem a boca dele; só o corpo [P1] e o pé dele [p25]. Eles estão de frente os dois e o rosto fica de lado e o corpo e pé também. O Papai Noel é gordo que nem tá aqui e o chapéu dele é vermelho assim. É assim que eu acho.	P F^+ H P FC vst. } 3,0
III	(18 s; 88 s) 1 - /\ É um esqueleto, os dois, né? E uma bacia.	
	INQ.: [P1] Esqueleto porque o jeito para mim está sendo de esqueleto e eles estão segurando uma bacia. Estão só com a mão na bacia. Acho que é de mulher porque está muito magrinho e por isso não é homem. É um esqueleto, e não uma pessoa, por causa do ombro assim [aponta] e muito magrinho, como se fosse só osso.	P F^+ H V

	2 – \/ Acho que não sei o que é isso aqui... Esse daqui é uma flor, né? São duas florzinhas. INQ.: [P2] Esse é a florzinha, são duas florzinhas vermelhas com o cabinho dela e a pétala bem bonita, mas não sei que tipo de flor é. 3 - /\ Para mim que são dois coraçõezinhos. INQ.: [P3] porque tá riscado quase igual um coração colado no outro. Só isso; acho que não tem mais nada que explicar não.	P CF bt P F^{-} Anat.
IV	(31 s; 78 s) 1 - /\ Agora, esse aqui, não estou sabendo o que é isso [examina a prancha]. Tem duas pernas e uma carinha de carneiro, só. INQ.: [G] Tem as duas pernas aqui [P2]. Os braços que isso tem estão aqui [P4]. Tem também a cabeça pequititinha de carneiro, acho que é de carneiro porque essa barba dele parece que é fofinha assim, acho que é, e também é bem pequena que nem de carneiro. Não sei explicar direito o que é isso; parece com a cabeça e barba de carneiro, com duas pernas, braços e sentado em cima de um tijolo [P1]. Não sei explicar o que é isso porque nunca vi, mas está sentado. Ele todo não é um carneiro, não sei o que é, só a cabeça é de carneiro, mas esse bicho sentado no tijolo é tudo isso. É tijolo porque tem o jeito e só pode ser para ele estar sentado em cima.	G F^{-} (l) A 2,0
V	(5 s; 16 s) 1 - /\ Morcego, né? Só. INQ.: [G] Ele tem orelha, pezinho e a asa bem grande. Ele é um morcego mesmo, não tem mais nada, é um morcego mesmo.	G F^{+} A V 1,0
VI	(26 s; 68 s) 1 - /\ Bonecão. É um bonecão, né? Parece que tem barba. Aqui é a figurinha sem braços nem pernas e tudo é o bonecão. INQ.: [G] Essa é a perna dele e aqui em cima os braços. Ele tem cabeça de gente [P7] e tem barbinha. Ele é só um pedaço [P5], que é esse do meio, e aqui para mim parece um pano cheio, bem fofinho que forma o bonecão todo. A barbinha dele também parece que é fofinha. Acho que é um bonecão porque é cheio de pano e a cara parece com a de gente e boneco parece com gente, só que é fofinho porque é cheio de pano. Não sei explicar do jeito que a senhora quer, mas isso parece que é pano porque é fofinho. É assim que estou vendo.	G F^{-} (l) H 2,5 desvitalizado
VII	(5 s; 39 s) 1 - /\ Boneca e o cabelo dela. É uma bonequinha, essa aqui. INQ.: [P2] São dois com formato de bonequinha com o rosto, trança e o corpinho dela.	P F^{+} H desvitalizado

	2 - /\ Aqui é outra almofadinha, só que em formato de passarinho com o bico e os pezinhos. INQ.: [P4] Eu não expliquei direito porque são duas almofadinhas, só que uma tem o formato de uma boneca e a outra tem o formato de um passarinho. Penso que é assim mesmo, porque parece que é muito fofinha todas as duas almofadinhas.	P F^{+} (l) A desvitalizado
VIII	(10 s; 71 s) 1 - /\ Esse é o bichinho papa-vento, os dois, ou é duas lagartixas. INQ.: [P1] A gente chama aqui de bicho papa-vento, mas vocês chamam de lagartixa, e aqui o jeito está sendo dele porque é mais larguinho aqui perto do pescoço e aqui ele tá subindo do jeito que ele sobe mesmo na parede da casa ou na árvore. 2 - /\ Aqui duas almofadinhas dependuradas. INQ.: [P5] Aqui é a almofadinha dependurada. São duas, uma do lado da outra, e estão dependuradas, só porque parece. Essa outra almofadinha [P2] é mais fofinha que a outra e tem o desenho da carinha de um porco. 3 – Esse eu não sei o que é isso aí. INQ.: [P4] Esse aqui eu não sei o que é, não. É só isso que eu sei explicar.	P m A P F^{0} (l) obj.
IX	(65 s; 82 s) 1 - /\ Esse não estou entendendo, não! Esse não vou acertar o que é, não, porque não sei dizer se é uma flor ou um bicho. INQ.: [P3 + E8] Acho que é uma flor que está abrindo. É daquela que tem um cacho que abre aqui e vai saindo as flores. Eu vejo no mato essa flor e fica assim pregada na árvore e vai abrindo e soltando isso aqui no meio. Nem sei como se chama essa flor. É só o jeito, por que a cor só lembra um pouco. A flor que eu tô falando parece com essa, mas a cor é um pouco diferente.	P(E) CF bt 5,0 ref. pp. exp.
X	(10 s; 51 s) 1 – \/ Árvore de natal. INQ.: [G] Aqui é a árvore de natal com o tronco, os galhos e as florzinhas. Acho parecido porque está tudo muito colorido. 2 – /\ Esse bichinho é aranha. INQ.: [P1] Aqui dos dois lados são duas aranhas, porque está com muita perna, igual o que está assim. 3 - /\ Esse bichinho é barata. INQ.: [P12] Aqui é a barata porque não tem perna como a aranha e acho que é assim só.	G FC rl 5,5 P_1 F^{+} A P F^{-} A

FOLHA DE LOCALIZAÇÃO DE RORSCHACH



Nome: J. A. C. Sexo: F

	Monocromáticas						Coloridas						
Dados	**I**	**IV**	**V**	**VI**	**VII**	**S**	**II**	**III**	**VIII**	**IX**	**X**	**S**	**T**
G	1	1	1	1		4					1	1	5
P					2	2	2	3	2	1	2	10	12
p	1					1							1
E										(1)		(1)	(1)
F+			1		2	3	1	1			1	3	6
F–	1	1		1		3		1			1	2	5
m									1			1	1
CF								1		1		2	2
V			1			1		1				1	2
A	1	1	1		1	4			1		2	3	7
H				1	1	2	1	1				2	4
an								1				1	1
bt	1					1		1		1		2	3
obj									1			1	1
vst							1					1	1
rl											1	1	1
T.r.i.	52 s	31 s	5 s	26 s	5 s		17 s	18 s	10 s	65 s	10 s		
Elab.	1,0	2,0	1,0	2,5	0	6,5	3,0	0	0	5,0	5,5	13,5	19,5
T	141 s	78 s	16 s	68 s	39 s	342 s	46 s	88 s	71 s	82 s	51 s	338 s	680 s
R	2	1	1	1	2	7	2	3	2	1	3	11	18

G:M	4:0	%F = 100	1:0	%F = 54,54	Gm = 57,14%
M:Ps	0:0	%F– = 50	0:0	%F– =	Pm = 28,57%
F+:F–	3:3	%F+ = 50	2:3	%F+ = 60	Pm = 14,28%
T/R	48,85	%V = 14,28	30,72	%V = 9,09	Gc = 9,09%
Elab./R	0,92	%A = 57,14	1,22	%A = 27,27	Pc = 90,90%
Perc	G2 p/		G P2		Gt = 27,77%
R.m.i.	40,47		32,12		Pt = 66,66%
Con.	50	%H = 28,57	14,54	%H = 18,18	pt = 5,55%
Lambda	0	H:pH = 2:0	0,83	H: pH = 2:0	

SÚMULA DO PROTOCOLO

Nome: J. A. C. Sexo: F Idade: 73

I – TIPO DO TRABALHO MENTAL

R = 18		T:	Qualidade de G:		
G = 5	%F = 72,22	T.r.: 37,77	Qualidade de P:		
GE =	%F+ = 54,54	Elab.:			
P = 12	%F– = 45,46	Elab./R: 1,08	Cont.	Pers.	Rej.
p = 1	%V = 11,11	Perc.:	Fab.	Pos.	Rev.
p' =	%A = 38,88	Suc.:			
E =(1)	%H = 22,22				
PG =		R.m.i. = 34,84			
GP =					
Observações:	Inibição (I)				
	Desvitalização (VI, VII)				
	Ref. pp. exp. (IX)				

II – FEITIO DA PERSONALIDADE

M =	Ps =	L =	FC = 2	C' =	G:R =
m = 1	ps =	l = (4)	CF = 2	nC =	G:M =
m' =	ps' =	l' =	C = 0	nC' =	M:C =
					M:Ps =
Af.: 1,57	(B: 0,5	K: 33,33)	Imp.: 0,83	Con.: 26,78	L (Beck): 0,38
(Ps + M):(L + C) = 0:0		Eq.: 0:3	Qualidade de M:		
(m + m'):(l + C') = 1:2		Eq'.: 1:3	Grau de M (Piotrowski):		
			Tipo de M:		

Harrower ( ):		R	M	m	FC	%F	%A	%an	chC	chL	In
Piotrowski ( ):		R	T	M	nC	%F+	Aut	Lib	Ppl	Rpt	%V
chC:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=
chL:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=

Qualidade de m:
Grau de m:
Tipo de m:

III – CONTEÚDO

A = 7	ab =	al =	an = 1	ant =	arq =	A:pA =
pA =	art =	bt = 3	ci =	fg =	ggr =	H:pH =
H = 4	ml =	mp =	nat =	nv =	obj = 1	A + H:pA + ph =
pH =	pz =	rl = 1	sg =	sx =	vst = 1	A + pA:H + pH =

PROTOCOLO 2

Nome: J. B. F.
Sexo: masculino
Naturalidade: Aldeia Buriti
Estado civil: casado
Filiação: J. L. F. e A. R.

Idade: 87 anos
Sem escolaridade
Data da aplicação: 12/1/1998
Data de nascimento: 24/6/1910

Figura	Respostas	Classificação
I	(54 s; 135 s)	
	[Virou a prancha e explorou-a toda, inclusive atrás.]	
	1 - /\ Esse tem tipo de um urubu.	*inibição*
	INQ.: [P2] É aqui que tá o urubu. É por causa da asa dele, porque a cabeça está meio diferente [P7].	P F^+ C' A
	Está aqui bem certo, só com a cabeça diferente, assim de lado com a cabeça a asa igual e o corpo. É por isso que é urubu, porque parece. Não! Não tem mais nada que parece, é por isso que é urubu.	
	2 - /\ Esse aqui... esse aqui tá de dois. Espera aí, deixa eu ver direito... Esse é gente e tem um monte que é de sapo também.	
	INQ.: [P4] Esse aqui é que falei que era gente porque é bem igual com o corpo, a cabeça atolada, porque não aparece o pescoço e tem o braço levantado, o pé dele está aqui embaixo, mas é diferente, porque tem a mão de sapo.	P F^+ H V
	A gente é igual, mas a mão é de sapo. Eles fazem diferente que é para a gente não conhecer. É gente com mão de sapo e por isso não dá para conhecer isso direito.	*Condensação. Projeção da intenção oculta de quem fez o desenho.*
II	(53 s; 177 s)	
	[Rodou a prancha em todos os lados; não a virou mais.]	
	1 - /\ Esse é diferente desse. Esse é um bicho e o outro não posso decifrar o que é esse daqui.	*inibição*
	INQ.: [P1] Desse lado tem um tipo de urso nordestino [direita]. É por causa da cabeça que conheci o urso. É nordestino porque é só lá no nordeste que tem desse tipo; aqui não tem. Só é por causa da cabeça dele e do corpo assim de urso que achei que era.	P F^+ A V
	2 - /\ Esse eu não peguei, porque está diferente, com cara de gente e o pé é de bicho.	

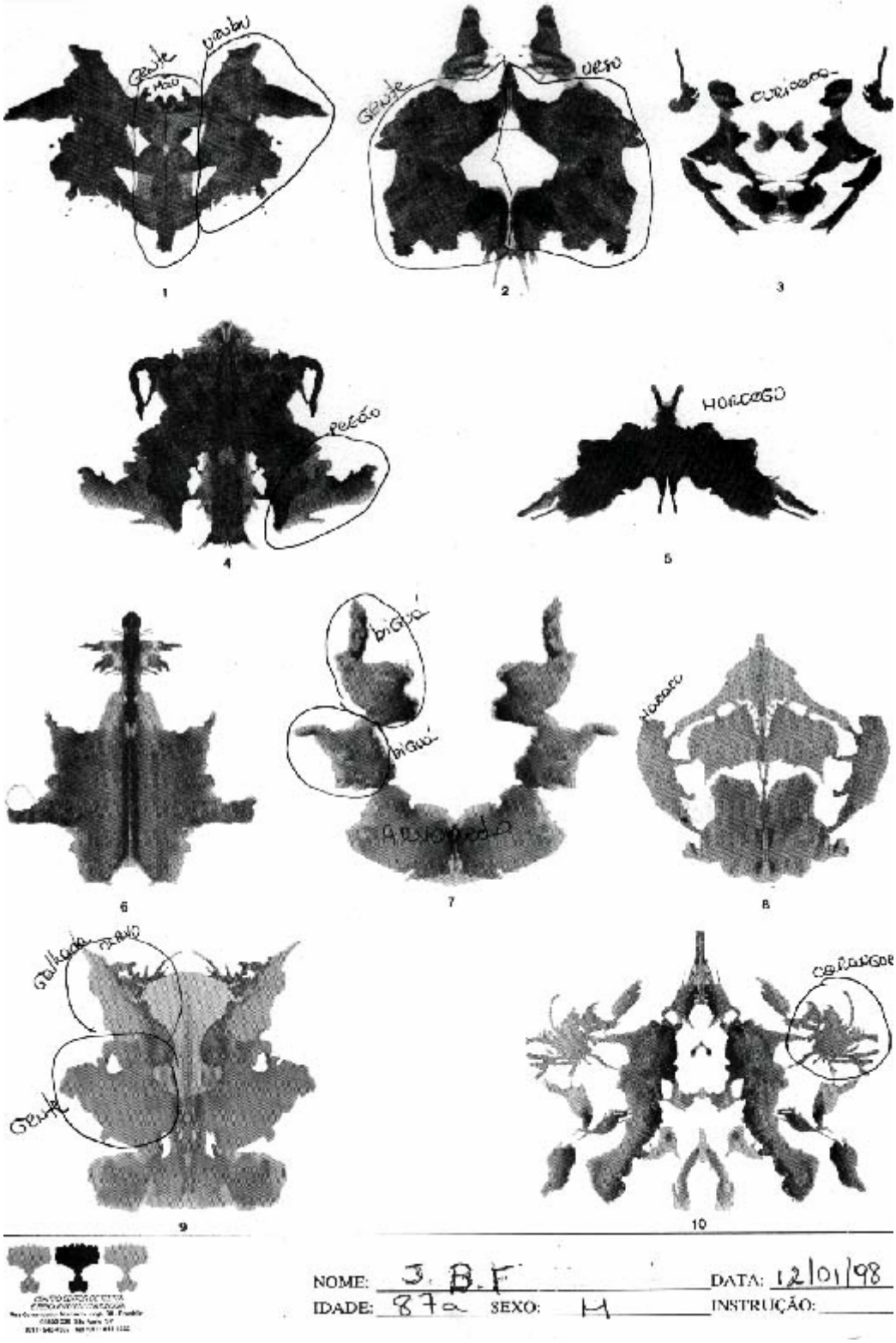
	INQ.: Desse outro lado [P1 esquerda] tem cara de gente [L] porque estou vendo a boca, o nariz e o olho dele. É uma gente esquisita porque tem dois pés [p22 e p25] e um pé é diferente do outro. Um dos pés até parece de gente, mas o outro é pé de bicho, só que não sei que bicho é. Não! Não é o pé do urso nordestino. O urso tá bem parecido e o rosto e corpo da gente também, mas um dos pés é que está diferente porque é mais comprido, chato e fino. Só.	P_1 F^+ (l) H *condensação crítica*
III	(37 s; 109 s) Agora esse é que tá bom. 1 - /\ Parece com curicaca. E como que pode ser um passarinho? [acena negativamente com a cabeça] Esse é o corpo de passarinho, mas a cabeça é que está diferente porque não parece com a de um passarinho. INQ.: [P1] Parece que são duas curicacas mesmo, porque o corpo é igual [p22] e o pé dele é do mesmo jeito que está aqui [P10], mas a cara não parece por causa desse bico aqui, que a da curicaca é diferente, porque tinha que ser mais fino e comprido.	P_1 F^+ A *crítica* *mecanismo de ater-se a detalhes que constróem o concreto*
IV	(121 s; 167 s) Agora que danô... 1 - /\ Esse aqui é diferente, eu nunca vi esse. Aqui não tem desse, só se tiver em outro lugar. Não tem, desse eu não conheço. Só estou vendo esse pezão, que não sei do que que é. INQ.: [P2] Esse não posso saber o que é. Só os dois pés dele que é muito grande e com o dedão levantado para cima. Nunca vi um pezão tão grande e ainda com esse dedão... Só pode ser de algum bicho, mas que não tem por essas bandas daqui, deve ser de algum outro lugar que eu nunca nem ouvi falar.	*inibição* P_2 F^+ pH V *detalhe do dedão*.
V	(1 s; 37 s) 1 - /\ Morcego, mas não é daqui, não! Não sei de onde é. Decerto que é nordestino, porque é diferente do daqui. Isso aqui é gente que tá dentro dele. INQ.: [G] Ele é bem grande, porque olha o tamanho da orelha dele, e também para carregar uma gente dentro dele tem que ser muito grande. Não é daqui mesmo, não. É um morcego mesmo, por causa das asas bem parecidas, das orelhas [P2], que são demais de grandes, do pé dele [P3] assim desse jeito. A gente que tá dentro dele eu não entendo direito, mas só parece o corpo dela [P7], como se 'tivesse dentro do corpo do morcegão e por isso que ficou grande assim. Por aqui não tem um bicho grande assim, não conheço, mas é bem parecido com o jeito que estou falando para a senhora. Não sei explicar o que a gente está fazendo dentro dele, mas ela está lá.	G F^+ A V 1,0 P F^+ H *condensação*

VI	(87 s; 132 s) Agora, do que que agora isso aqui é... Isso eu não conheço e nem imagino. Tem isso aqui embaixo, olha aí. Não deu para conhecer. [Repassagem] Esse aqui não sei a definição. Esse aqui não é nada.	Rejeição
VII	(20 s; 81 s) 1 - /\ Esse é aquele da lagoa — como chama? É tipo de um passarinho... de um pato... É o biguá! Esse daqui de baixo eu não sei, porque água não pode ser. Para dizer que é água, não é. INQ.: [P1] Esses são dois biguá e esses [P3] são mais dois biguá. São os quatro biguá e agora dá para ver que estão tudo sentado num arvoredo. Não era água mesmo: é um arvoredo bem grande. Ora, porque pelo jeito que eles estão sentados, só podem estar lá. Quando biguá senta desse jeito é em cima do arvoredo [P4]. A senhora já viu biguá? É igual a esse, porque é um tipo passarinho ou pato que tem o corpo assim pequeno, as pernas aqui não aparecem, mas o pescoço é bem comprido assim que ele ergue. A cabeça é do tamanho do pescoço e só a ponta do bico que é mais fina como está aqui. Isso aqui em baixo só pode ser arvoredo, porque é desse jeito que biguá senta. Ele não senta em outro canto porque gosta é de cima dos arvoredos, do jeito que está aqui.	G Ps pz 2,5 P F^+ A (biguá)
VIII	(85 s; 189 s) 1 - /\ Esse não pode ser... macaco não é. É muito diferente para ser macaco. Cachorro também não é. Toma. Esse daí eu não descobri. INQ.: [P1] Cachorro não é, porque está subindo e a cabeça dele está muito diferente. Do macaco a cabeça também está diferente; pode ser outro bicho que ainda não conheço. Se não fosse pela cabeça diferente, eu ia achar que era dois macacos subindo mas também não sei no quê. Se trocar a cabeça, eu acho que é macaco, porque está agarrado nesse troço e subindo que nem todo macaco faz, desse jeito. Tem até o rabo dele que ele também enrola para poder subir nas coisas, assim como tá.	*inibição* *Resposta alternativa crítica.* P_1 m A *Raciocínio por exclusão indutivo.*

IX	(70 s; 103 s) 1 - /\ Esse é gente que está segurando uma galhada de cervo; os dois lados do desenho. INQ.: [P1] Esse é gente, porque tem a cara de gente e o corpo também parece; só não aparecem os pés, mas as mãos estão aqui, segurando a galhada. Acho que está pesada porque a galhada é grande, quase que maior que a gente, e é por isso que está curvada para trás, para segurar assim [gesto], como que fazendo muita força, porque dependendo das galhadas elas pesam muito e tem que fazer assim para poder carregar, do jeitinho que está aparecendo aqui. O rosto fica para cima e até meio que apoia na barriga. É! Galhada de cervo é pesada. [P3] Essa é a galhada de cervo porque é parecida tem esses chifres assim, que se cruzam e vai para os dois lados, cheio de ponta. Nessa parte que fica junto da cabeça do cervo o chifre é grande, tudo junto, e quando vai chegando mais para as pontas vai afinando e ficando separado. [P6] Esse de baixo, aqui, eles põem de enfeite. Não é nada, não.	*Inibição.* P adj. M H 2,5 P F+ pA (galhada)
X	(53 s; 174 s) 1 - /\ Esse não sei como chama... Parece caranguejo d'água, mas tem demais de perna. Deve de ser da Amazônia e por isso é que é diferente. INQ.: [P1] Caranguejo é assim, com o corpo dele e muitas pernas. Aqui tem perna demais, não dá nem para o bicho andar. Nunca vi esse tipo de caranguejo pernudo por aqui. Esses bichos tem muito na Amazônia e que o povo nem conhece. Acho que é desse jeito que eu estou falando para a senhora.	*inibição* P F^{+}A V *Crítica.*

Obs.: O Sr. J. B. não ouve muito bem, tendo sido necessário falar alto com ele. Na aplicação do teste, não gostou quando solicitado a não interromper o procedimento para atender às pessoas que viessem se benzer, mas quando um de seus netos explicou melhor do que se tratava, ele concordou. Esse neto participou da aplicação para facilitar a comunicação entre nós, devido ao problema auditivo. Na repassagem, deu as mesmas respostas e rejeitou igualmente a prancha VI. Propôs fazer o teste falando na língua Terena, mas optou-se pelo português, uma vez que o neto informou que não conseguiria traduzir adequadamente, e que isso tomaria muito mais tempo.

FOLHA DE LOCALIZAÇÃO DE RORSCHACH



Nome: J. B. F. Sexo: M

	Monocromáticas						Coloridas						
Dados	**I**	**IV**	**V**	**VI**	**VII**	**S**	**II**	**III**	**VIII**	**IX**	**X**	**S**	**T**
G			1		1	2							2
P	2	1	1		1	5	2	1	1	2	1	7	12
F+	2	1	2		1	6	2	1		1	1	5	11
M										1		1	1
m									1			1	1
Ps					1	1							1
l							(1)					(1)	(1)
V	1	1	1			3	1				1	2	5
A	1		1		1	3	1	1	1		1	4	7
pA										1		1	1
pH		1				1							1
H	1		1			2	1			1		2	4
pz					1	1							1
T.r.i.	54s	121s	1s		20s		53s	37s	85s	70s	53s		
Elab.	0	0	1,0		2,5	3,5	0	0	0	2,5	0	2,5	6,0
T	135s	167s	37s		81s	420s	177s	109s	189s	103s	174s	752s	1172
R	2	1	2		2	7	2	1	1	2	1	7	14

G:M	2:0	%F = 85,71	0:1	%F = 71,42	Gm = 28,57
M:Ps	0:1	%F– =	1:0	%F– =	Pm = 71,42
F+:F–	0:6	%F+ = 100	0:5	%F+ = 100	
T/R	60	%V = 42,85	107	%V = 28,57	
Elab./R	0,5	%A = 42,85	0,35	%A = 71,42	
Perc	G P2		P2		
R.m.i.	61,9		66,66		
Con.	85,71	%H = 42,85	71,42	%H = 28,57	
Lambda	0,16	H:pH = 2:1	0,4	H:pH =	

SÚMULA DO PROTOCOLO

Nome: J. B. F. Sexo: M Idade: 87

I – TIPO DO TRABALHO MENTAL

R = 13		T:	Qualidade de G:		
G = 2	%F = 78,57	T.r.: 90,15	Qualidade de P:		
GE =	%F+ = 71,42	Elab.:			
P = 12	%F– = 28,58	Elab./R: 0,42	Cont.	Pers.	Rej.
p =	%V = 35,71	Perc.:	Fab.	Pos.	Rev.
p' =	%A =	Suc.:			
E =	%H = 35,71				
PG =		R.m.i. = 54,75			
GP =					
Observações:	Inibição (I, II, IV, VIII, IX)				

II – FEITIO DA PERSONALIDADE

M = 1	Ps = 1	L = (1)	FC =	C' =	G:R =
m = 1	ps =	l =	CF =	nC =	G:M =
m' =	ps' =	l' =	C =	nC' =	M:C =
					M:Ps =
Af.: 1	(B: 0,4	K: 28,57)	Imp.: 0,75	Con.: 49,99	L (Beck): 0,27
(Ps + M):(L + C) = 2:0,5		Eq.: 1:0	Qualidade de M:		
(m + m'):(l + C') = 1:0		Eq'.: 1,5:0	Grau de M (Piotrowski):		
			Tipo de M:		

Harrower ( ):		R	M	m	FC	%F	%A	%an	chC	chL	In
Piotrowski ( ):		R	T	M	nC	%F+	Aut	Lib	Ppl	Rpt	%V
chC:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=
chL:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=

Qualidade de m:
Grau de m:
Tipo de m:

III – CONTEÚDO

A = 7	ab =	al =	an =	ant =	arq =	A:pA =
pA = 1	art =	bt =	ci =	fg =	ggr =	H:pH =
H = 4	ml =	mp =	nat =	nv =	obj =	A + H:pA + ph =
pH = 1	pz = 1	rl =	sg =	sx =	vst =	A + pA:H + pH =

PROTOCOLO 3

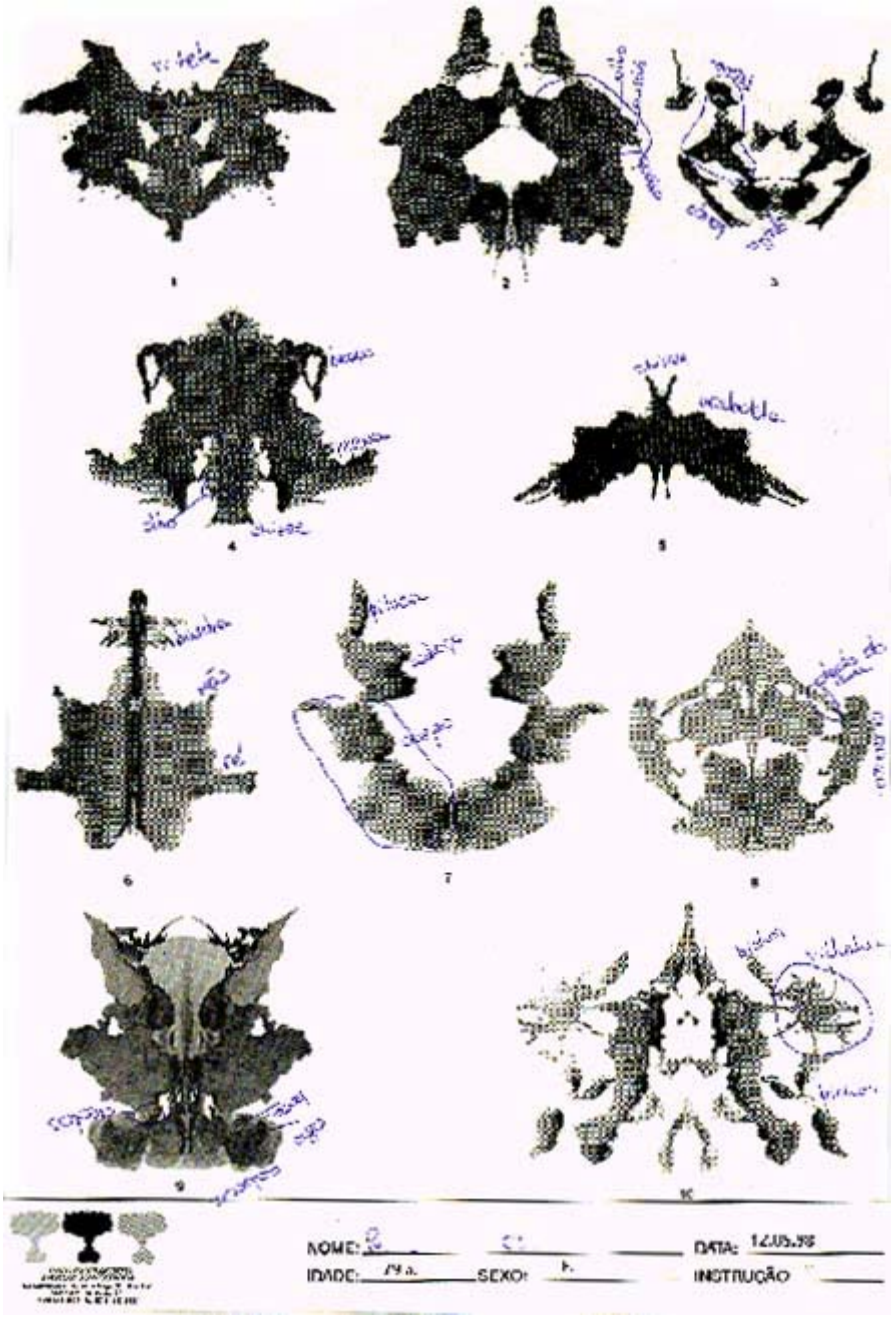
Nome: R. C.
Sexo: feminino
Naturalidade: Aldeia Buriti
Estado civil: Separada
Filiação: M. C. e B. C.

Idade: 79 anos
Sem escolaridade
Data da aplicação: 12/5/1998
Data de nascimento: 20/1/1919

Figuras	Respostas	Classificação
I	(9 s; 33 s) 1 - /\ É um bicho. Como se chama? Como é que é o nome daquele bicho que voa? No idioma é *vitête*. [Sua neta traduziu como 'morcego'.] INQ.: [G] É porque parece com ele que tem esse corpo e fica assim com as asas abertas. Para mim parece, só.	G F^+ A V 1,0
II	(47 s; 66 s) 1 - /\, V, /\, > Tem duas caras de bicho que não sei o que é, só sei que é queixudo e tá de lado. INQ.: [P7] É só a cara de um bicho que não conheço o nome dele nem no idioma. Ele é queixudo e tá de lado assim [mostra o perfil do rosto] e tem nariz pequeno, o fundo do olho e o queixo grande. Ele tá de lado e tem um do lado e outro do outro lado igual, não sei mas é bicho, só a cabeça dele.	P_7 F^+ pA
III	(20 s; 46 s) 1 - /\, V Não é macaco? Acho que é. INQ.: [P1] Sei por causa disso daqui que é o braço [P5] levantado assim [gesto]. Essa é a orelha [P4], que são as duas. São duas orelhas e o braço para cima e as pernas dele são essa daqui e essa daqui [P11]. Essa eu acertei, né?	P_1 F^- A *Respostas interrogativas.*
IV	(34 s; 49 s) 1 - @, /\ Agora sim apertou. É bicho, mas não sei qual que é. INQ.: [G] Ele tem um braço e outro braço [P4], e uma perna e a outra perna [P2] e tem cabeça [P1] com um olho bem grande. O corpo dele é esse tudo aqui e na cabeça tem até chifre na ponta. Será que é isso? É só.	G F^+ A 2,0 *Não faz crítica sobre a cabeça junto com os pés. (Concretismo.)*

V	(25 s; 48 s) 1 - /\ Esse não é borboleta é? INQ.: [G] É um tipo parecido, mas não sei qual é. Nunca vi borboleta com esses chifres [P6], assim nem com esse bico na ponta das asas [P10]. Nunca vi um bicho assim, que parece borboleta e não é.	G F^+ A V 1,0 *Crítica à prancha.* *Resp. interrogativa*
VI	(23 s; 52 s) 1 - /\ Não sei o nome desse bicho não. INQ.: [G] Sei que é bicho porque tem barba de bicho [P6] e perna de bicho [P9]. Tudo isso aqui é o corpo dele e tem até um braço [p25]. Não é porque a gente é Terena e viveu muito tempo no mato, que a gente tem que saber o nome de todo bicho. Esse eu não conheço, mas só pode de ser um bicho.	G F^- A 2,5
VII	(19 s; 42 s) 1 - /\ Isso não é cabeça? INQ.: [G] Tem outra cabeça aqui [P1], uma olhando pra a outra e aqui tá o corpo dela [P3+P4] e o outro de frente. Não, esse não é cabeça e corpo de bicho, são duas mulheres, ora, porque tem pituca [P5] no cabelo.	G F^+ H V 2,5 *Respostas interrogativas.*
VIII	(28 s; 72 s) 1 - /\ Que bicho que é? Tem orelha e bico: não é arara? INQ.: [P1] Só pode ser arara que tá pegando num pau e tem um rabo comprido. Esse pau [P22] é esquisito porque tem uma mãozinha e outra que é como uns dedos do pau. A arara não tem a mão assim, então essa mão e esses dedos é do pau. Agora não sei se é a mão do pau que tá segurando a arara ou se é a arara que tá segurando no pau que tem essa mão com dedo.	P_1 F^- A p F^+ bt } 3,0 *Falta crítica (concreta).* *Respostas interrogativas.*
IX	(39 s; 102 s) 1 - /\, V, /\, V, >,V Não tem duas cabeças aqui? INQ.: [P4] É porque tem a aparência de cabeça e tem até uma boca de cada lado e até o olho. Essa mãozinha aqui também é da gente dessa cabeça que tá assim com os dedos esticados como para pegar esse negócio daqui. Não é cabeça de bicho, não, é de gente: o olho e a boca e até os dedos é dessa gente. Esse outro que o dedo quer pegar, não sei o que é.	P_4 F^+ Ph V *Movimento em parte.* *Respostas interrogativas*
X	(14 s; 44 s) 1 - /\ Para mim é *váhaha*. INQ.: [P1] Isso é aranha em Terena e aqui tem duas *váhaha* porque elas estão pegando um monte de bichinho. A aranha pega tudo que é bicho pequeno para ela comer, do jeito que tá apresentado aqui. Os bichos não sei, não tem diferença de um para outro, é só aranha que faz assim.	P_1 m A

FOLHA DE LOCALIZAÇÃO DE RORSCHACH



Nome: R. C. Sexo: F

	Monocromáticas						Coloridas						
Dados	**I**	**IV**	**V**	**VI**	**VII**	**S**	**II**	**III**	**VIII**	**IX**	**X**	**S**	**T**
G	1	1	1	1	1	5						0	5
P							1	1	1	1	1	5	5
p									1			1	1
F+	1	1	1		1	4	1		1	1		3	7
F–				1		1		1	1			2	3
m											1	1	1
V	1		1		1	3				1		1	4
A	1	1	1	1		4		1	1		1	3	7
pA							1					1	1
pH										1		1	1
H					1	1							1
bt									1				1
T.r.i.	9s	34s	25s	23s	19s		47s	20s	28s	39s	14s		
Elab.	1,0	2,0	1,0	2,5	2,5	9,0	0	0	3,0	0	0	3,0	12,0
T	33s	49s	48s	52s	42s	224s	66s	46s	72s	102s	44s	330s	554s
R	1	1	1	1	1	5	1	1	2	1	1	6	11

G:M	5:0	%F = 100	0:1	%F = 83,33	Gm = 100
M:Ps	0:0	%F- =	0:0	%F- =	
F+:F–	1:4	%F+ = 80	2:3	%F+ = 60	Pc = 83,33
T/R	44,8	%V = 60	55	%V = 16,66	Pc = 16,66
Elab./R	1,8	%A = 80	0,5	%A = 66,66	
Perc	G7		P p2		G = 45,45
R.m.i.	73,33		47,77		P = 45,45
Con.	80	%H = 20	43,33	%H = 16,66	P = 9,09
Lambda	0	H:pH = 1:0	0,2	H:pH = 0:1	

SÚMULA DO PROTOCOLO

Nome: R. C. Sexo: F Idade: 79

I – TIPO DO TRABALHO MENTAL

R = 11		T:	Qualidade de G:		
G = 5	%F = 90,90	T.r.: 50,36	Qualidade de P:		
GE =	%F+ = 70	Elab.:			
P = 5	%F– = 30	Elab./R: 1,09	Cont.	Pers.	Rej.
p = 1	%V = 36,33	Perc.:	Fab.	Pos.	Rev.
p' =	%A = 72,72	Suc.: G3 p			
E =	%H = 18,18				
PG =		R.m.i. = 45,44			
GP =					
Observações:	Resp. interrogativa (III, V, VII, VIII, IX)				
	Concretismo (IV, VIII)				
	Crítica à prancha (V)				

II – FEITIO DA PERSONALIDADE

M =	Ps =	L =	FC =	C' =	G:R =
m = 1	ps =	l =	CF =	nC =	G:M =
m' =	ps' =	l' =	C =	nC' =	M:C =
					M:Ps =
Af.: 1,2	(B: 0,57	K: 36,36)	Imp.: 0,5	Con.: 60,9	L (Beck): 0,1
(Ps + M):(L + C) = 0:0		Eq.:0:0	Qualidade de M:		
(m + m'):(l + C') = 1:0		Eq'.: 1:0	Grau de M (Piotrowski):		
			Tipo de M:		

Harrower ( ):		R	M	m	FC	%F	%A	%an	chC	chL	In
Piotrowski ( ):		R	T	M	nC	%F+	Aut	Lib	Ppl	Rpt	%V
chC:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=
chL:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=

Qualidade de m:
Grau de m:
Tipo de m:

III – CONTEÚDO

A = 7	ab =	al =	an =	ant =	arq =	A:pA =
pA = 1	art =	bt = 1	ci =	fg =	ggr =	H:pH =
H = 1	ml =	mp =	nat =	nv =	obj =	A + H:pA + ph =
pH = 1	pz =	rl =	sg =	sx =	vst =	A + pA:H + pH =

PROTOCOLO 4

Nome: C. C. S.
Sexo: masculino
Naturalidade: Aldeia Buriti
Estado civil: viúvo
Filiação: M. C. e B. C. S.

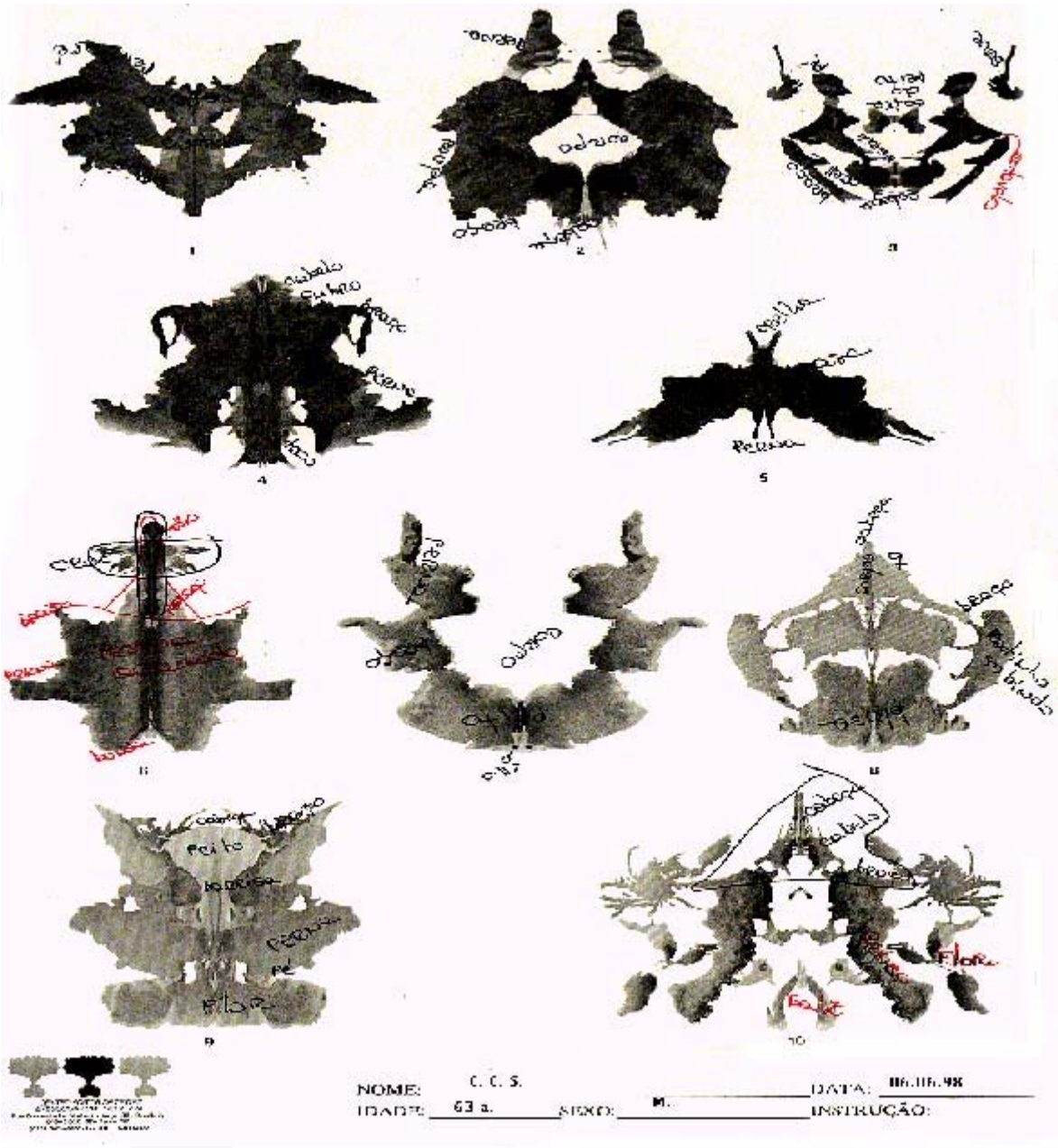
Idade: 63 anos
Sem escolaridade
Data da aplicação: 6/6/1998
Data de nascimento: 28/12/1934

Figuras	Respostas	Classificação
I	(52 s; 102 s) 1 - /\, \/, >, /\, \/ Parece que é um homem. INQ.: [G] Divulga bem um homem pelo jeito dele, porque tem braço, corpo [P4], a cintura e os quartos [quadril] e o pé nesse daqui [P7]. Tá bem divulgado.	*Inibição* G F^+ H 1,0
II	(31 s; 64 s) 1 - @, \/ Esse também divulga que é um homem. INQ.: [G] Ele tá todo aqui e é um homem também. A cabeça dele aqui [P3], os braços nesse toquinho [p22], o corpo [E5], o pé [P2]; esse escuro é a roupa dele[P1]. Parece, mas só aparece um pouco do corpo dele porque o resto tá coberto pela roupa escura, só.	GE C' H 4,5
III	(9 s; 17 s) 1 – V Para mim, eu acho que também é uma pessoa. INQ.: [G] O corpo não aparece direito. Só a caixa do peito [P3]; é mulher porque tem esse peito desse jeito, mas é meio esquisito porque o pé dela [P6] tá muito em cima; parece que tem perna curta. A cabeça tá direitinho [P8], inclusive o nariz, que é essa ponta. Do lado tem as duas orelhas e o braço que tá pra cima [P5], e esse cotovelo tá quebrado. É por isso que aparece separado aqui, e dele tá pingando o sangue aqui embaixo [P2], porque é que nem que sangue pingando do cotovelo dela, porque tá caindo do cotovelo e é da cor do sangue.	G F^+ H 5,5 P_2 CF sg *fragmentação*
IV	(11 s; 25 s) 1 - /\ Tá sentado em cima do toco. INQ.: [G] O toco é esse daqui [P1], porque parece e tem, parece, um bicho em cima. Não sei divulgar direito, mas acho que não é bicho, não. É outro homem que tem um pé muito grande [P2]. Eu tô divulgando como homem, mesmo porque tem braço, perna, ombro e até cabelo na cabeça e tá sentado num toco. Cabelo é só porque tá na cabeça, mais nada.	G F^+ H V 2,0 P F^+ bt *Descreve os detalhes*

V	(7 s; 19 s) 1 - /\ Aqui é um morcego. INQ.: [G] Parece com um morcego porque tem a orelha em cima, a asa que ele mostra bem igual, e a perna. Não tem diferença do morcego, não.	G F^+ A V 1,0
VI	(22 s; 67 s) 1 - /\ Cruz fincada numa catacumba. INQ.: [P2+P3] É a cruz que quando é fincada na catacumba fica desse jeito, mas aqui não aparece a catacumba, é só a cruz que, fincada, fica assim porque senão caía, e aí ela tá de pé. 2 - /\ Pessoa agachada. INQ.: [G – P6] Parece uma pessoa e tem até o olho nessa parte mais branca de dentro da cabeça [P7]. O ombro dele está aqui e os braços são só essas pontinhas [p25], as pernas ficam abertas como tá aqui [P9], e essa parte de baixo é a bunda dessa pessoa. Tá agachada do jeito que tá divulgado aqui.	Padj F^+ rl 2,5 G F^- (l) H 2,5 ↓ olho *Tensão do agachado?*
VII	(15 s; 65 s) 1 – \/ Divulga bem que é um velhinho. INQ.: [G] É velhinho porque o olho dele tá caído que nem de velho mesmo. O olho é esse risco mais escuro aqui [P11]. O velho tem a cabeça enterrada, não tem pescoço e a cabeça fica enterrada no peito [P4], com o corpo no meio [E7], os dois braços [P3] e as duas pernas [P1]. Divulga bem que é um velhinho porque o olho tá caído.	GE F^- H P L pH } 4,0 **Ele vem dando atenção a olho, por isso desdobrei.*
VIII	(12 s; 125 s) 1 - /\ Rato subindo no braço de mulher. INQ.: [P1+P4] É rato por causa da carinha pequena e o corpo que tá subindo. As perninhas dele tá umas na frente e outras atrás e se segurando no braço de uma mulher, porque tem o corpo no meio, os ombros caídos e as mãos que estão segurando os dois ratos. Divulga bem isso. Não! A mão da mulher tá assim e é o rato que está segurando na mão dela. 2 – V Blusa. INQ.: [P2] Parece com uma blusa com o lugar para pôr os braços e o lugar aberto embaixo no lugar para vestir pela cabeça. Não! Parece que é todo aberto em baixo e em cima é só um buraco pequeno para passar pela cabeça.	P_{adj} F^- Ph 3,0 P_1 M A V P F^+ (l) vst. ↓ detalhes
IX	(103 s; 155 s) 1 - /\ Homem agachado em cima de uma flor. INQ.: [G] É um homem com a cabeça nesse redondo em cima. Os braços estão para cima [P3], peito [E8], pernas abertas [P1] e o pé [p21]. Tá agachado porque as pernas tão abertas e tá agachado em cima de flor. Acho que não é só uma flor [P6]; deve ser quando cai um monte de flor da árvore no chão que fica assim, tudo da cor de flor mas a cor não muito viva, como que meio murcha porque a cor é meio mais clara, com umas partes mais brancas. Não é flor viva, não.	*Inibição* GE M H 5,0 p CF bt

X	(49 s; 125 s) 1 - /\ Uma pessoa. INQ.: [P11] É a cabeça de uma pessoa com o cabelo grande do lado da cabeça. Cabelo porque tá na cabeça e essa partezinha fininha divulga como que o braço dessa pessoa. 2 - /\ Tronco de madeira. INQ.: [P9] Divulga pelo feitio do tronco e porque ele tem uma raiz [P10] e um monte de flor e folha que nasce em cima de um tronco. No mato tem muito tronco que nasce flores por cima e cada uma tem uma cor diferente, e tem até folhas verdes como daqui e até a raiz fica fincada na terra.	P F^0 pH G CF nat. 5,5

FOLHA DE LOCALIZAÇÃO DE RORSCHACH



Nome:. C. C. S. Sexo: M

	Monocromáticas						Coloridas						
Dados	**I**	**IV**	**V**	**VI**	**VII**	**S**	**II**	**III**	**VIII**	**IX**	**X**	**S**	**T**
G	1	1	1	1		4		1			1	2	6
P		1		1	1	3		1	3	1	1	6	9
F+	1	2	1	1		5		1	1			2	7
F–				1	1	2			1			1	3
M										1		1	1
m									1			1	1
CF								1		1	1	3	3
l				(1)	1	1 (1)							1 (1)
V		1	1			2			1			1	3
A			1			1			1			1	2
pA													
pH					1	1			1		1	2	3
H	1	1		1	1	4	1	1		1		3	7
nat											1	1	1
sg									1			1	1
bt		1				1				1		1	2
vst										1		1	1
rl		1				1				1		1	2
T.r.i.	52s	11s	7s	22s	15s		31s	9s	12s	103s	49s		
Elab.	1,0	2,0	1,0	5,0	4,0	13,0	4,5	5,5	3,0	5,0	5,5	23,5	36,5
T	102s	25s	19s	67s	65s	278s	64s	17s	125s	155s	125s	486s	764s
R	1	2	1	2	2	8	1	2	3	2	2	10	18

G:M	4:0	%F = 87,5	2:1	%F = 40	Gm = 50
M:Ps	0:0	%F- =	1:0	%F- =	Gem = 12,5
F+:F–	2:5	%F+ = 71,4	1:2	%F+ = 66,66	Pm = 37,5
T/R	34,75	%V = 25	48,6	%V = 10	Gc = 20
Elab./R	1,62	%A = 12,5	2,35	%A = 10	Gec = 20
Perc	G/ GE3		G GE2		Pc = 60
R.m.i.	36,3		28,88		Gt = 33,33
Con.	58,9	%H = 62,5	-6,66	%H = 50	Get = 16,66
Lambda	0,14	H:pH = 4:1	1,5	H:pH = 3:2	Pt = 50

SÚMULA DO PROTOCOLO

Nome: C. C. S. Sexo: M Idade: 63

I – TIPO DO TRABALHO MENTAL

R = 18		T:	Qualidade de G:		
G = 6	%F = 61,11	T.r.: 42,44	Qualidade de P:		
GE = 3	%F+ = 70	Elab.:			
P = 9	%F– = 30	Elab./R: 2,02	Cont.	Pers.	Rej.
p =	%V = 16,66	Perc.:	Fab.	Pos.	Rev.
p' =	%A = 11,11	Suc.: G2 GE4			
E =	%H = 55,55				
PG =		R.m.i. = 32,59			
GP =					
Observações:	Inibição (I, IX)				
	Fragmentação (III)				
	Descrição detalhes (IV)				

II – FEITIO DA PERSONALIDADE

M = 1	Ps =	L = 1 (1)	FC =	C' = 1	G:R =
m = 1	ps =	l = (1)	CF = 3	nC =	G:M =
m' =	ps' =	l' =	C =	nC' =	M:C =
					M:Ps =
Af.: 1,25	(B: 0,63	K: 38,88)	Imp.: 0,42	Con.: 31,11	L (Beck): 0,63
(Ps + M):(L + C) =		Eq.:	Qualidade de M:		
(m + m'):(l + C') =		Eq'.:	Grau de M (Piotrowski):		
			Tipo de M:		

Harrower ( ):		R	M	m	FC	%F	%A	%an	chC	chL	In
Piotrowski ( ):		R	T	M	nC	%F+	Aut	Lib	Ppl	Rpt	%V
chC:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=
chL:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=

Qualidade de m:
Grau de m:
Tipo de m:

III – CONTEÚDO

A = 2	ab =	al =	an =	ant =	arq =	A:pA =
pA = 0	art =	bt = 2	ci =	fg =	ggr =	H:pH =
H = 7	ml =	mp =	nat = 1	nv =	obj =	A + H:pA + ph =
pH = 3	pz =	rl = 1	sg = 1	sx =	vst = 1	A + pA:H + pH =

PROTOCOLO 5

Nome: G. C.
Sexo: masculino
Naturalidade: Aldeia Buriti
Estado civil: Separado
Filiação: M. C. e B. C.

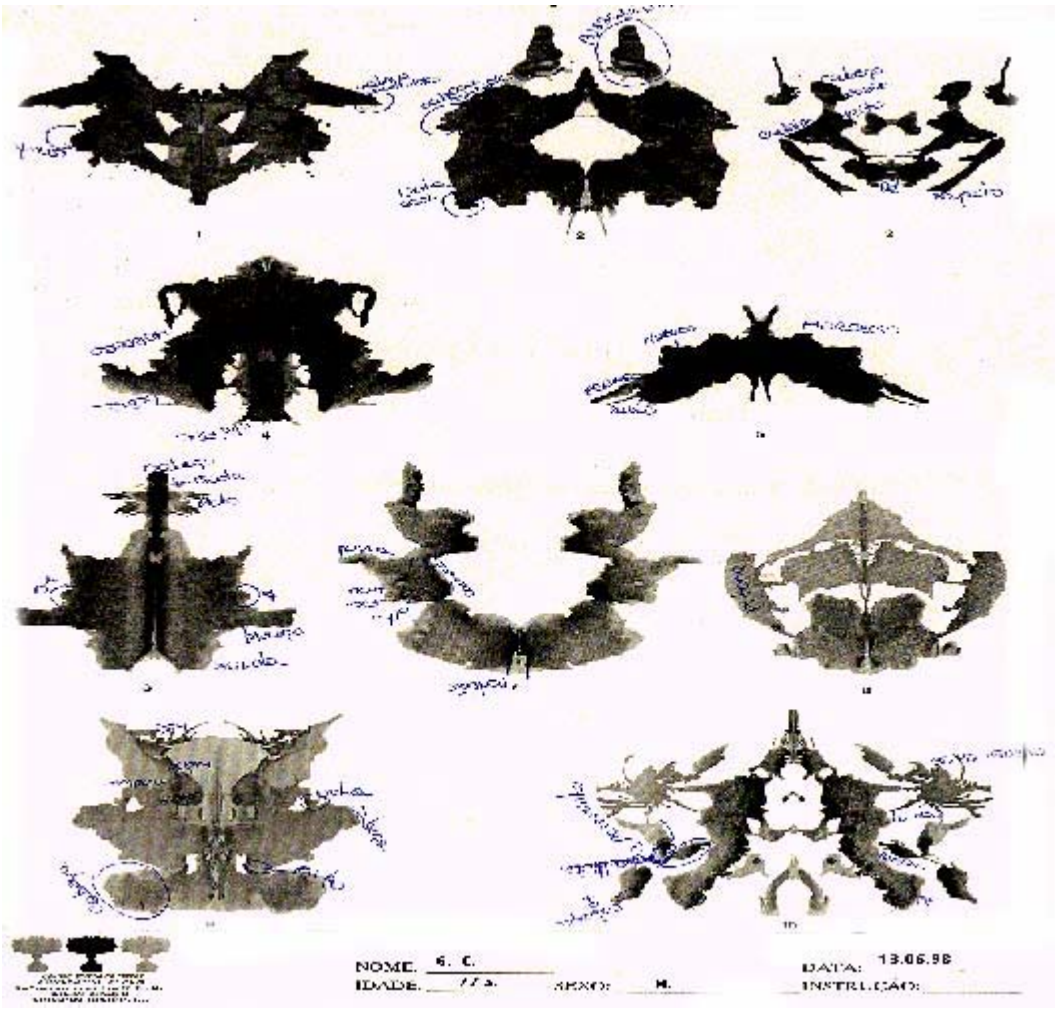
Idade: 77 anos
Sem escolaridade
Data da aplicação: 13/6/1998
Data de nascimento: 23/11/1921

Figuras	Respostas	Classificação
I	(13 s; 70 s) 1 - @ /\ *Tamúku* [cabeça de cachorro]. INQ.: [ponta do P8] É a cabeça de um cachorro, porque é parecido com o focinho dele, assim do jeito que tá aqui. O cachorro não aparece; só o focinho. 2 - < Aqui é a cara duma gente. INQ.: [L] É nesse pedacinho mais claro daqui, quase da ponta desse, que fica as feições de uma gente. É só a cara, e nem o cabelo aparece. Só.	p F^0 pA ou P_8 F^+ pA *Mostrou apenas parte* P8*, mas a gestalt é a mesma.* p F^0 pH ou P_q F^+ pH *Mesma dinâmica.*
II	(45 s; 79 s) 1 - @ /\ Não sei que diabo que é, é quase um *tamúku*. INQ.: [p31+p22] Não tá aparecendo o *tamúku* todo; só a cabeça dele com o focinho comprido e a pata dele com a unha bem igual. Não tem mais nada que parece um cachorro. Só. 2 - /\ *Ôti*. INQ.: [P2] É aquele bicho que voa. Já sei! É *kurûte* [pomba] porque tá com a asa para cima e tem o bico e as pernas bem igualzinha nessas pontas para fora do corpo dele. Não dá para separar o corpo das asas, só que eu sei que elas estão juntas e para cima.	Pg? *Ou* P *construído a partir de pormenores secundários?* P_1 F^+ A V P_2 F^+ A *e depois melhor definido em* P_2 F^- A
III	(63 s; 82 s) 1 - /\ Mulher que tem um pé com sapato. INQ.: [P1] É uma mulher. É duas. Ela tá com cabeça, nariz, peito de mulher. Grande, as cadeiras dela, as pernas e os pés, só que um pé tá sem sapato e o outro tá com sapato. Ssó.	*Inibição* P_1 F^+ H V P_{10} F^+ vst (*sapato)* *A construção do* H *é = do habitual.*
IV	(19 s; 53 s) 1 – \/ Morcego. INQ.: [G] Tem cabeça com chifre, e a asa dele. É por causa da asa e até a pontinha da asa: é igual porque fica com esse negocinho caído do jeito que tá aqui, é igual, que sempre tem assim. Não é? Tá errado?	G F^+ A 2,0 *Descreve detalhes.* *Condensação (chifre)*

V	(4 s; 19 s) 1 - /\ Morcego. INQ.: [G] Esse morcego tá num feitio diferente do outro, parece que é de outra raça. Agora não sei se é esse o chupador ou é o outro. Esse também tem as asas e o chifre na cabeça, só que a ponta da asa não tem aquela caída assim [gesto]. 2 - /\ *Kâ'i*. INQ.: [P11+P10]. Macaco, bem aqui,com o rosto dele nessa parte bem clarinha e o rabo e a perna aqui embaixo. Não aparece a outra perna e o resto do corpo, só a barriga, e tá direito os dedos do pé e a ponta do rabo. É mesmo um *kâ'i*.	G F^+ A V 1,0 *Condensação (chifres)* P F^+ A
VI	(42 s; 81 s) 1 - /\ E esse bigodudo aqui? *Ôho* [rato] não é. INQ.: [G] Esse bigodudo não é *ôho* [rato] Tá mais parecido com *marakáya* [gato], porque tem a cabeça, o bigode e o pêlo do lado da cara, o corpo com braço e bunda, e até a cor é parecida com ele. 2 - /\ Esse é mulher? É sim, é a cara. INQ.: [p] É só a cara e é diferente de um lado e do outro. Aqui [esq.] é homem e aqui [dir.] é mulher, porque a feição é que diz que um é diferente do outro e é assim que eu entendo.	G C' A 2,5 P F^0 pH
VII	(78 s; 110 s) 1 – \/ Cachorro não é, né? INQ.: [P3] Parece mais com *tamúku* porque tem olho, focinho, boca e a perna dele assim esticada. É um cachorro meio esquisito, mas é. 2 – \/ Um padrão de luz. INQ.: [P11] É daquele ali que a senhora tá vendo [aponta]. É igualzinho a esse que tem a caixa e até o fio que sai dele como do jeito que tá representado aqui.	*Inibição.* P F^0 A P_{11} F^0 obj
VIII	(62 s; 163 s) 1 - > Não é *ôho* [rato] nem *tamúku* [cachorro]. INQ.: [P1] Aqui não posso descobrir direito, porque é um bicho pitoco [sem rabo] que não é nenhum dos dois, mas tem cabeça e perna, mas não estou me lembrando de qual que é direito.	*Inibição.* P F^+ A V *Crítica à mancha que dificulta a percepção.*
IX	(33 s; 112 s) 1 - /\ < Cabeça, né? INQ.: [P4] É direitinho uma cabeça de gente que tem até olho, nariz e boca. 2 - > Esse eu não posso divulgar que bicho que é. INQ.: [P1] É um bicho que tem a cabeça e as unhas e o rabo aqui atrás e a unha tá na frente, na mão. Fica assim, a unha na frente e perto da cabeça e o rabo atrás.	P F^+ pH V P_1 F^+ A *Percepção de detalhes.*

	3 – ∨ Esse homem eu vou divulgar aqui. INQ.: [P3] É a cabeça de um homem com ela baixa, encostando o queixo no peito, bem assim [gesto], e aparece no mais claro a orelha e essa ponta é o nariz. A mão dele tá aqui mais embaixo, com os dedos.	P_3 M H g3 flexor
X	(17 s; 198 s) 1 - ∧ Passarinho. INQ.: [P15] Parece porque tá parado em cima de um galho [P7]. Tem nome esse passarinho amarelo aqui, mas eu esqueci. Ele tá sentado em cima de um galho porque é parecido com um galho com essas pontas de pau assim, e passarinho fica desse modo. 2 - ∧ Caranguejo. INQ.: [P1] Não é caranguejo? Eu acho parecido porque tem um monte de pernas e o corpo deve de ser assim. 3 - ∧ Gente. INQ.: É uma gente que tem cabeça, pescoço largo, o olho nesse pretinho da cabeça, a bunda, perna meio volteada e o pé com a ponta assim [gesto] e o calcanhar para cima. 4 – V Cabeça da mulher. INQ.: [P13] É bem aqui dentro [L] e tá direitinho o olho, nariz e boca. Eu to divulgando que isso é uma mulher.	Padj. FC A 4,0 P_1 F^+ A V Pq F^+ H p L pH

FOLHA DE LOCALIZAÇÃO DE RORSCHACH



Nome: G. C. Sexo: M

	Monocromáticas						Coloridas						
Dados	**I**	**IV**	**V**	**VI**	**VII**	**S**	**II**	**III**	**VIII**	**IX**	**X**	**S**	**T**
G		1	1	1		3							3
P	2		1	1	2	6	2	2	1	3	3	11	17
p											1	1	1
E													
F+	2	1	2			5	1	2	1	2	2	8	13
F–					2	2	1					1	3
M										1		1	1
l											1	1	1
V			1			1	1	1	1	1	1	5	6
A		1	2	1	1	5	2		1	1	2	6	11
pA	1			1		2							2
pH	1					1				1	1	2	3
H								1		1	1	3	3
obj					1	1							1
vst								1				1	1
T.r.i.	13s	19s	4s	42s	78s		45s	63s	62s	33s	17s		
Elab.	0	2.0	1.0	2.5	0	5.5	0	0	0	0	4.0	4.0	9.5
T	70s	53s	19s	81s	110s	333s	79s	82s	163s	112s	198s	634s	967s
R	2	1	2	2	2	9	2	2	1	3	4	12	21

G:M	3:0	%F = 88,88	0:1	%F = 75	Gm = 33,33
M:Ps	0:0	%F- =	1:0	%F- =	Pm = 66,66
F+:F–	2:5	%F+ = 71,42	1:8	%F+ = 88,88	Pc = 91,66
T/R	37	%V = 11,11	52,83	%V = 41,66	pc = 8,33
Elab./R	0,61	%A = 77,77	0,33	%A = 50	Gt = 14,28
Perc	G P/		P2 p		Pt = 80,95
R.m.i.	53,43		60,18		pt = 4,76
Con.	60,3	%H = 11,11	63,88	%H = 41,66	
Lambda	0,12	H:pH = 0:1	0,33	H:pH = 3:2	

SÚMULA DO PROTOCOLO

Nome: G. C. Sexo: M Idade: 77

I – TIPO DO TRABALHO MENTAL

R = 21		T:	Qualidade de G:		
G = 3	%F = 80,95	T.r.: 46,04	Qualidade de P:		
GE =	%F+ = 81,25	Elab.:			
P = 17	%F– = 18,75	Elab./R: 0,45	Cont.	Pers.	Rej.
p = 1	%V = 28,57	Perc.:	Fab.	Pos.	Rev.
p' =	%A = 61,90	Suc.:			
E =	%H = 28,57				
PG =		R.m.i. = 57,24			
GP =					
Observações:	*P* construído a partir de *p* (I, II) Inibição (III, VII, VIII) Condensação (III, IV) Crítica à mancha (VIII)				

II – FEITIO DA PERSONALIDADE

M =	Ps =	L =	FC =	C' =	G:R =
m =	ps =	l =	CF =	nC =	G:M =
m' =	ps' =	l' =	C =	nC' =	M:C =
					M:Ps =
Af.: 1,33	(B: 0,61	K: 38,09)	Imp.: 0,5	Con.: 62,2	L (Beck): 0,23
(Ps + M):(L + C) = 1:1		Eq.: 1:0,5	Qualidade de M:		
(m + m'):(l + C') = 0:1		Eq'.: 0,5:0,5	Grau de M (Piotrowski):		
			Tipo de M:		

Harrower ( ):		R	M	m	FC	%F	%A	%an	chC	chL	In
Piotrowski ( ):		R	T	M	nC	%F+	Aut	Lib	Ppl	Rpt	%V
chC:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=
chL:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=

Qualidade de m:
Grau de m:
Tipo de m:

III – CONTEÚDO

A = 11	ab =	al =	an =	ant =	arq =	A:pA =
pA = 2	art =	bt =	ci =	fg =	ggr =	H:pH =
H = 3	ml =	mp =	nat =	nv =	obj = 1	A + H:pA + ph =
pH = 3	pz =	rl =	sg =	sx =	vst = 1	A + pA:H + pH =

PROTOCOLO 6

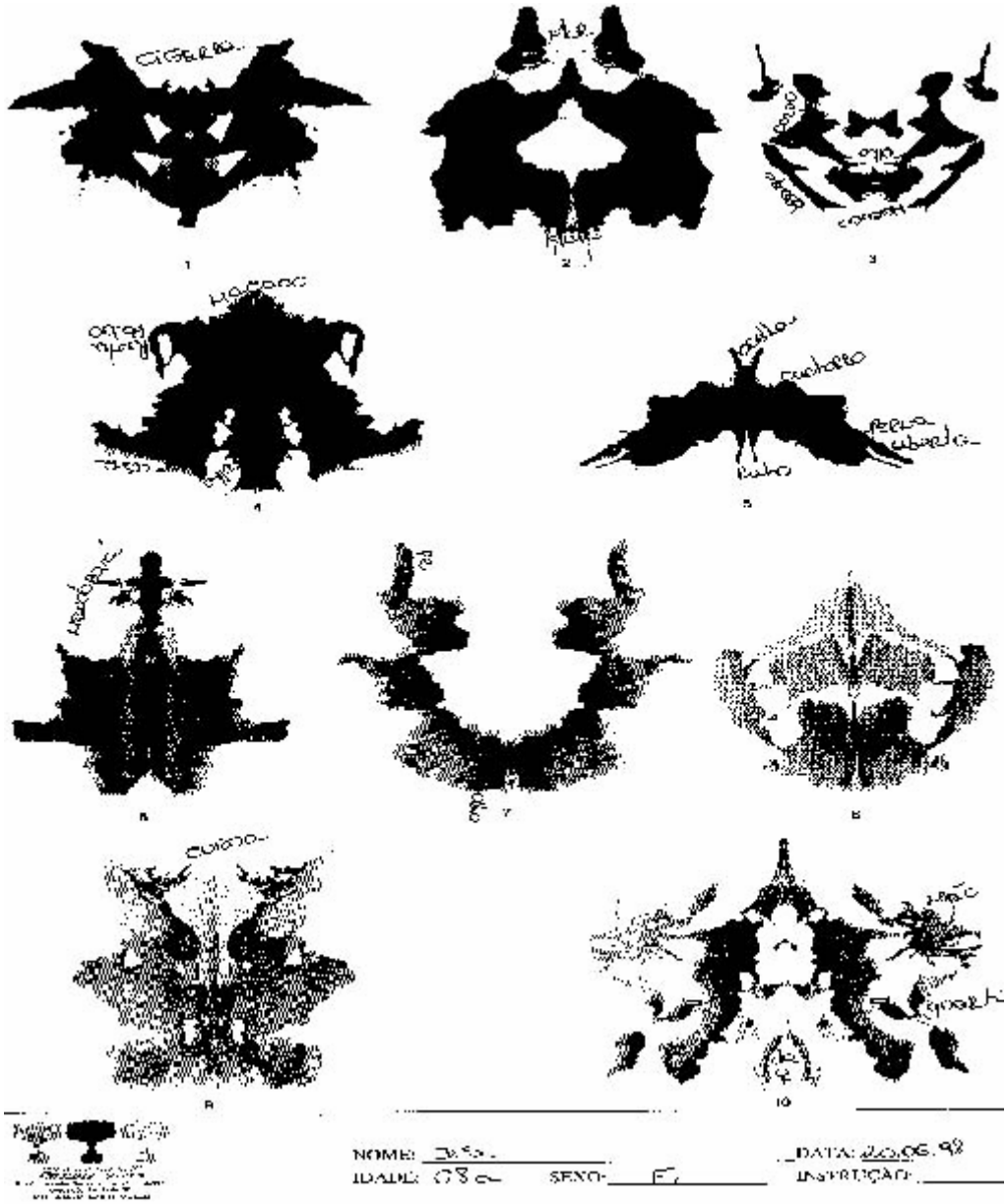
Nome: D. S.
Sexo: feminino
Naturalidade: Aldeia Buriti
Estado civil: separada
Filiação: C. S. e C. M.

Idade: 68 anos
Sem escolaridade
Data da aplicação: 20/6/1998
Data de nascimento: 1/6/1930

Figuras	Respostas	Classificação
I	(15 s; 29 s) 1 - /\ Cigarra INQ.: [G] O olho dela tá nesses pretinhos da cabeça. Tem a asa [P2] com esses risquinhos que a cigarra tem na asa, que fica bem fininho e tudo riscadinho. É a risca das asa e tem as mãozinhas e até a corcunda dela [P4], que tem um risco que é trincadinho [simetria].	G F^+ (l) A 1,0 *ref. à simetria*
II	(31 s; 74 s) 1 - <, /\ Bicho. Como chama? Morcego não é. O bico do morcego é diferente. Tá parecendo borboleta. INQ.: [G] É borboleta [P6], cheia de pintinha de toda cor, só que aqui só tá vermelha dos dois lados na asa. Ela tá no entremeio de uma flor vermelha [P2+P3]. Ela tá pousada na flor vermelha com a asa aberta.	G P_s (FC) A 4,5
III	(28 s; 44 s) 1 – \/ Macaco peludo. INQ.: [P1] É um macaco cheio de pêlo que tem orelha grande, olho, braço e o corpo. O braço dele tá prá cima.	P F+ (l) A
IV	(38 s; 62 s) Tá de cabeça para baixo? 1 – V Morcego. INQ.: [G] É por causa da cabeça dele e das asas abertas, como que grudado na parede do jeito que morcego fica. 2 - /\ Macaco. INQ.: [parte superior de G] Representa por causa da metade do corpo dele e dos braços, e tem pêlo que nem macaco mesmo.	G F^+ A 2,0 P F^0 (l) A 2,0
V	(66 s; 114 s) @ O que é? 1 - /\ Cachorro. INQ.: [G] É um cachorro com as pernas abertas, as orelhas pontudas e o rabo. É o que tá representando para mim.	*inibição* G F^+ A 1,0 cachorro voando

VI	(24 s; 58 s) 1 - /\ Um mandorová. INQ.: [G] É daqueles coró que fica em árvore comendo as folhas e tem as costas peludas de um pelinho bem fininho e claro que queima muito a gente quando encosta. A gente aqui chama de mandorová, é esse daqui mas não tá comendo folha, não. É só o bicho.	G F^{+} (l) A 2,5
VII	(11 s; 54 s) 1 – V Sapo. INQ.: [G] É porque tem a cabeça chata [P4], o corpo bem liso e o pé [P5], que representa como meio encolhido, como sapo: fica assim agachado e com as pernas encolhidas. É liso como é o sapo mesmo, até um pouco escorreguento. A cabeça é igual, chata assim.	G F^{-} (l') A 2,5
VIII	(9 s; 75 s) 1 - /\ Duas onças subindo num pé de árvore. INQ.: [P1+P8] Imita onça quando tá num pé de árvore que tem o galho e as folhas e tá encopadinha, cheia de folha e tá até verde. As onças sobem assim nas árvores.	Padj. FC Bt V 4,5 P M A V
IX	(15 s; 61 s) 1 - /\ Igreja. INQ.: [P3+ E8] É uma igreja com a porta aberta e, lá no fundo [P5] está a santa no altar. Dos lados [P3] estão as espécies de paredes da igreja e em cima a coroa. A porta está aberta porque aparece o branco no fundo e a gente vê só a sombra da santa. É sombra porque tá lá no fundo e não dá pra ver as feições; só a sombra, assim, os lados dela.	P P_s arq. 5,0 E F rl
X	(7 s; 42 s) 1 - /\ Caveira de mulher. INQ.: [G] É caveira porque está tudo dependurado, é só ossama que representa; aqui tá a costela [P9], as mãos [P1], os quartos [cintura] e o sexo da mulher [P10]. É osso porque está tudo sem carne; só o osso que fica caído. Não está caindo; está não muito junto e é por isso que é caveira: não tem a carne para cobrir. É caveira de osso junto, mas de gente morta.	Padj F^{0} anat. 4,0 *Fragmentação. Sensibilidade à disposição dos detalhes.*

FOLHA DE LOCALIZAÇÃO DE RORSCHACH



Nome: D. S. Sexo: F

	Monocromáticas						Coloridas						
Dados	**I**	**IV**	**V**	**VI**	**VII**	**S**	**II**	**III**	**VIII**	**IX**	**X**	**S**	**T**
G	1	1	1	1	1	5	1					1	6
P		1				1	1	1	2	1	1	6	7
E										(1)		(1)	(1)
F+	1	1	1	1		4		1		1		2	6
F–					1	1							1
m							1			1		2	2
m’													
CF							1					1	1
Ps							1			1		2	2
ps													
l	(1)	(1)		(1)		(3)		(1)				(1)	(4)
V									2			2	2
A	1	2	1	1	1	6	1	1	1			3	9
an											1	1	1
bt							1		1			2	2
rl										1		1	1
arq										1		1	1
T.r.i.	15s	38s	66s	24s	11s		31s	28s	9s	15s	7s		
Elab.	1,0	4,0	1,0	2,5	2,5	11,0	4,5	0	4,5	5,0	4,0	18,0	29,0
T	29s	62s	114s	58s	54s	317s	74s	44s	75s	61s	42s	296s	613s
R	1	2	1	1	1	6	2	1	2	2	1	8	14

G:M	5:0	%F = 100	1:0	%F = 37,5	Gm = 83,33
M:Ps	0:0	%F- =	0:2	%F- =	Pm = 16,66
F+:F–	1:4	%F+ = 80	0:2	%F+ = 100	Gc = 12,5
T/R	52,83	%V = 0	37	%V = 25	Pc = 75
Elab./R	1,83	%A = 100	2,25	%A = 37,5	Gt = 42,85
Perc	G5		G P		Pt = 50
R.m.i.	60		54,16		
Con.	80	%H = 0	37,5	%H = 0	
Lambda	0	H:pH =	1,66	H:pH =	

SÚMULA DO PROTOCOLO

Nome: D. S. Sexo: F Idade: 68

I – TIPO DO TRABALHO MENTAL

R = 14		T:	Qualidade de G:		
G = 6	%F = 64,28	T.r.: 43,78	Qualidade de P:		
GE =	%F+ = 85,71	Elab.:			
P = 7	%F– = 14,29	Elab./R: 2,07	Cont.	Pers.	Rej.
p =	%V = 14,28	Perc.:	Fab.	Pos.	Rev.
p' =	%A = 64,28	Suc.: G3			
E = (1)	%H = 0				
PG =		R.m.i. = 54,75			
GP =					
Observações:	Ref. à simetria (I)				
	Inibição (V)				
	Fragmentação (X)				

II – FEITIO DA PERSONALIDADE

M =	Ps = 2	L =	FC = 1 (1)	C' =	G:R =
m = 1	ps =	l = (4)	CF = 1	nC =	G:M =
m' =	ps' =	l' = (1)	C =	nC' =	M:C =
					M:Ps =
Af.: 1,33	(B: 0,55	K: 35,71)	Imp.: 0,6	Con.: 49,99	L (Beck): 0,55
(Ps + M):(L + C) = 2:0		Eq.: 0:1,5	Qualidade de M:		
(m + m'):(l + C') = 1:2		Eq'.: 1:1,5	Grau de M (Piotrowski):		
			Tipo de M:		

Harrower ( ):		R	M	m	FC	%F	%A	%an	chC	chL	In
Piotrowski ( ):		R	T	M	nC	%F+	Aut	Lib	Ppl	Rpt	%V
chC:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=
chL:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=

Qualidade de m:
Grau de m:
Tipo de m:

III – CONTEÚDO

A = 9	ab =	al =	an = 1	ant =	arq = 1	A:pA =
pA =	art =	bt = 2	ci =	fg =	ggr =	H:pH =
H =	ml =	mp =	nat =	nv =	obj =	A + H:pA + ph =
pH =	pz =	rl = 1	sg =	sx =	vst =	A + pA:H + pH =

PROTOCOLO 7

Nome: S. M. S.
Sexo: feminino
Naturalidade: Aldeia Buriti
Estado civil: viúva
Filiação: J. P. S. e M. M. S. M.

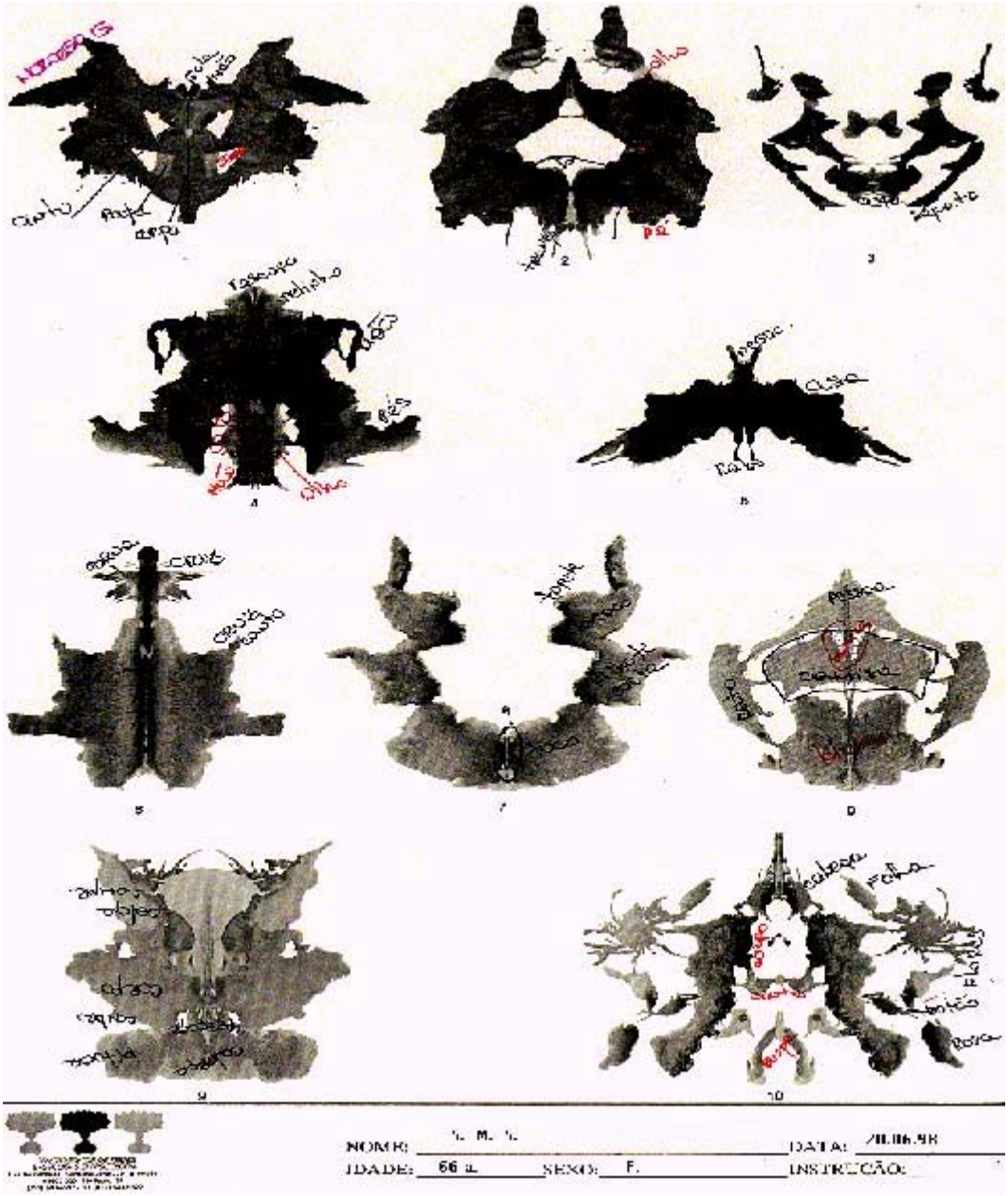
Idade: 66 anos
Escolaridade: 1.ª série
Data da aplicação: 20/6/1998
Data de nascimento: 6/6/1932

Figuras	Respostas	Classificação
I	(15 s; 37 s) Já posso divulgar? 1 - /\ Morcego. INQ.: [G] É tudo ele, a asa e o jeito dele, tudo. Só.	 G F+ A V 1,0
	2 - /\ Corpo de gente. INQ.: [P4] É uma mulher e tem até o vestido. É mulher porque tem essa parte do seio assim para os lados do corpo, como que seio grande, e tem cinto na cintura e a mão para cima com os dedos juntos de lado [gesto] e tá com um vestido branco que quando aperta o cinto ele fica rodado em volta das pernas. A perna vai até embaixo, mas não tem pé e também não tem cabeça, porque só aparece a gola do vestido no pescoço. O vestido é branco porque aparece branco dos lados da perna dela.	 P C' H V
	3 - /\ Sapatos. INQ.: [E] Esses brancos representa sapatos, pelo jeito, porque parece.	 E F^0 vst.
	4 - /\ [risos] Será que é? Tá representando que é montanha. INQ.: [G] É tudo, representa montanha da tevê, que acho bonito, porque parece bem longe e alta, que a gente vê pessoas subindo com sacrifício que até alcança lá em cima. Longe porque é alta, mas, vendo assim, parece pequena. Por isso que, quando a gente vê de longe, o que é grande fica pequeno; é tudo cheio de coisas do lado que dá muito sacrifício para as pessoas subirem.	 G Ps pz 1,0 ref. pp. exp.
II	(32 s; 94 s) 1 - /\ Cabelo de trança. INQ.: [P3] É bem como a cabeça de uma mulher, só que é só o cabelo com essa entrada no meio que separa o cabelo nos dois lados, e tem até as tranças caídas uma de cada lado. O cabelo e as tranças é castanho.	 P CF pH

	2 - /\ Dois cachorros se beijando. INQ.: [P6] São cachorros com colar daquele que gente rica tem no cachorro, porque tem umas bolinhas coloridas no pescoço. Os dois cachorros tão se beijando, com a orelha; tão de frente com dois pezinhos aparecendo e de frente um pro outro. Tem joelho, o olho dele e o pêlo no rosto.	P FC H H por ser beijando.
III	(4 s; 13 s) 1 - /\ Duas mulheres com cesto. INQ.: [P1] Duas mulheres com sapato alto, cintura, seio, as mãos segurando uma cesta, pescoço, cabeça, boca, nariz, olho e cabelo. Tem uns daqui que não posso saber e esse que elas tão segurando representa uma cesta. Representa que elas tão de casaco porque nesses mais escuros parece que é dobra da roupa.	P1 F+ (l) H V
IV	(14 s; 35 s) Tá de cabeça para baixo ou tá certo? 1 - /\ Cachorro de pelúcia. INQ.: [G] Representa bem peludinho, que tem pé grande, mão, e representa de perna aberta e sentado assim em cima da cabeça da mulher. É cachorro de pelúcia porque é peludo, tá parado de perna aberta e em cima da cabeça da mulher. 2 – /\ Cabeça da mulher com mão no rosto. INQ.: [P1] Ë cabeça com olho, cabelo com tope e que tem uns fios esticados para os lados e com a mão no rosto, que aparece só até essa parte da mão [aponta o punho], assim com as mãos no rosto [gesto].	G F+ (l) A V 2,0 Desvitalizado. P F+ pH
V	(7 s; 30 s) 1 – /\ Representa borboleta. INQ.: [G] É esse negocinho na cabeça, o risco no meio e as asas. Não tô vendo o olho dele. Aqui no meio, esticado, é o rabo que balança pra lá e pra cá quando ele tá voando, do jeito que tá aqui.	G m A V 1,0
VI	(11 s; 27 s) 1 - @, /\ Representa uma igreja. INQ.: [G] É porque em cima é a cruz [P8] e nesse mais claro em volta da cruz é a coroa redonda, assim. A entrada [P12] e esses de cima são outras cruzes que ficam no canto das igrejas [p25]. Tudo é igreja, porque tudo aqui representa.	G F+ rl 2,5
VII	(26 s; 68 s) 1 – \/, /\ Vou quebrar a cabeça mesmo: são dois bichos que não sei qual é. O que pode ser? INQ.: [G] Dois macacos: como que a mão pode ficar atrás? Pode ser dois macacos [P1] carregando os filhotes nas costas [P3] e tão sentado em cima de um toco [P4]. Representa que são dois macacos com os filhos na costa e em cima de um toco.	G m A 2,5

	2 - /\ Aquele negócio da mulher. INQ.: [P6] É aquele negócio da mulher que fica escondido, mas que todos gostam [risos]. [Pergunto se é o órgão genital e ela confirma.]	P F+ sx
VIII	(7 s; 73 s) 1 - /\ Dois ratinhos subindo. INQ.: [P1+P4] É porque tem corpo, rabo, olho, cabeça, nariz, orelha, mão e pé, segurando para subir. É o corpo de uma pessoa com o toco de pescoço, e não tem cabeça; só braço e quatro dedos na mão, que segura o rato que tá subindo. 2 - /\ Uma caveira. INQ.: [E3+P5] É caveira por causa dos ossos e porque não tem pescoço. É só um defunto sem cabeça, assim, dos peitos para baixo, mas também que não aparece as pernas. Tem uma camisa que veste a caveira e é por isso que a caveira não aparece. É o jeito de camisa e tá em cima da caveira, no lugar de camisa, mesmo. 3 – \/ Blusa de mulher. INQ.: [P2] Representa a cor e a manga e gola, com uma blusa embaixo de outra cor. [Começa a falar do canto da seriema ao longe:] Seriema quando canta na baixada é chuva na certa.	Padj F- Ph 3,0 P m A V Padj F+ p H 3,0 *Desvitalizado*. P FC vst
IX	(9 s; 24 s) 1 – \/ Boneca. INQ.: [G] Representa porque na cabeça [P6] tem duas pitucas amarradas do lado. Tem o corpo com calça comprida e pé. Tem casaco [P1] verde manchado na frente nessas partes daqui e as calças são alaranjadas, manchadas por causa da cor e enrugado no mais escuro como roupa mesmo.	G FC (l) H 5,5 *Desvitalizado*.
X	(31 s; 118 s) 1 – \/, /\ Figura de gente. INQ.: É daquele que parece que usa roupa do quartel, com cinto [P6] e a roupa vai até aqui [P10]. A cabeça dele fica aqui, com o capacete em cima [P11], e isso é o corpo dele [E30], coberto pelas roupas do quartel. 2 - /\ Flores e folhas.	G F+ H 5,5
	INQ.: [P12] É folha porque é verde e o resto são flores, porque é tudo colorido. Não sei divulgar qual flor que é isso tudo que tá aqui. Parece que não é uma só.	P FC bt

FOLHA DE LOCALIZAÇÃO DE RORSCHACH



Nome: S. M. S. Sexo: F

	Monocromáticas						Coloridas						
Dados	**I**	**IV**	**V**	**VI**	**VII**	**S**	**II**	**III**	**VIII**	**IX**	**X**	**S**	**T**
G	2	1	1	1	1	6				1	1	2	8
P	1	1			1	3	2	1	4		1	8	11
E	1					1					1	1	1
F+	1	2		1	1	5		1	1		1	3	8
F–									1			1	1
m			1		1	2			1			1	3
CF							1					1	1
C													
Ps	1					1							1
ps													
l													
V	2	1	1			4		1	1			2	6
A	1	1	1		1	4			1			1	5
pA													
pH		1				1	1		2			3	4
H	1					1	1	1		1	1	4	5
bt											1	1	1
pz	1					1							1
rl				1		1							1
vst	1					1			1			1	2
sx					1	1							1
T.r.i.	15s	14s	7s	11s	26s		32s	4s	7s	9s	31s		
Elab.	2,0	2,0	1,0	2,5	2,5	10	0	0	6,0	5,5	5,5	17,0	27,0
T	37s	35s	30s	27s	68s	197s	94s	13s	73s	24s	118s	322s	519s
R	4	2	1	1	2	10	2	1	4	1	2	10	20

G:M	6:0	%F = 60	2:0	%F = 40	Gm = 60
M:Ps	0:1	%F- =	0:0	%F- =	Pm = 30
F+:F–	0:5	%F+ = 100	1:3	%F+ = 75	Em = 10
T/R	19,7	%V = 40	32,2	%V = 20	Gc = 20
Elab./R	1,0	%A = 40	1,7	%A = 10	Pc = 80
Perc					Ec = 10
R.m.i.	60		35		Gt = 40
Con.	60	%H = 20	15	%H = 70	Pt = 55
Lambda	0,66	H:pH = 1:1	1,5	H:pH = 4:3	Et = 10

SÚMULA DO PROTOCOLO

Nome: S. M. S. Sexo: F Idade: 66

I – TIPO DO TRABALHO MENTAL

R = 20		T:	Qualidade de G:		
G = 8	%F = 50	T.r.: 25,95	Qualidade de P:		
GE =	%F+ = 88,88	Elab.:			
P = 11	%F– = 11,12	Elab./R: 1,35	Cont.	Pers.	Rej.
p =	%V = 30	Perc.:	Fab.	Pos.	Rev.
p' =	%A = 25	Suc.:			
E = 2	%H = 45				
PG =		R.m.i. = 47,96			
GP =					
Observações:	Ref. pp. exp. (I) Desvitalizado (IV, VIII, IX)				

II – FEITIO DA PERSONALIDADE

M =	Ps = 1	L =	FC = 3	C' = 1	G:R =
m = 3	ps =	l = (3)	CF = 1	nC =	G:M =
m' =	ps' =	l' =	C =	nC' =	M:C =
					M:Ps =
Af.: 1	(B: 0,53	K: 35)	Imp.: 0,42	Con.: 38,88	L (Beck):
(Ps + M):(L + C) =		Eq.:	Qualidade de M:		
(m + m'):(l + C') =		Eq'.:	Grau de M (Piotrowski):		
			Tipo de M:		

Harrower ( ):		R	M	m	FC	%F	%A	%an	chC	chL	In
Piotrowski ( ):		R	T	M	nC	%F+	Aut	Lib	Ppl	Rpt	%V
chC:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=
chL:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=

Qualidade de m:
Grau de m:
Tipo de m:

III – CONTEÚDO

A = 5	ab =	al =	an =	ant =	arq =	A:pA =
pA =	art =	bt = 1	ci =	fg =	ggr =	H:pH =
H = 5	ml =	mp =	nat =	nv =	obj =	A + H:pA + ph =
pH = 4	pz = 1	rl = 1	sg =	sx = 1	vst = 2	A + pA:H + pH =

PROTOCOLO 8

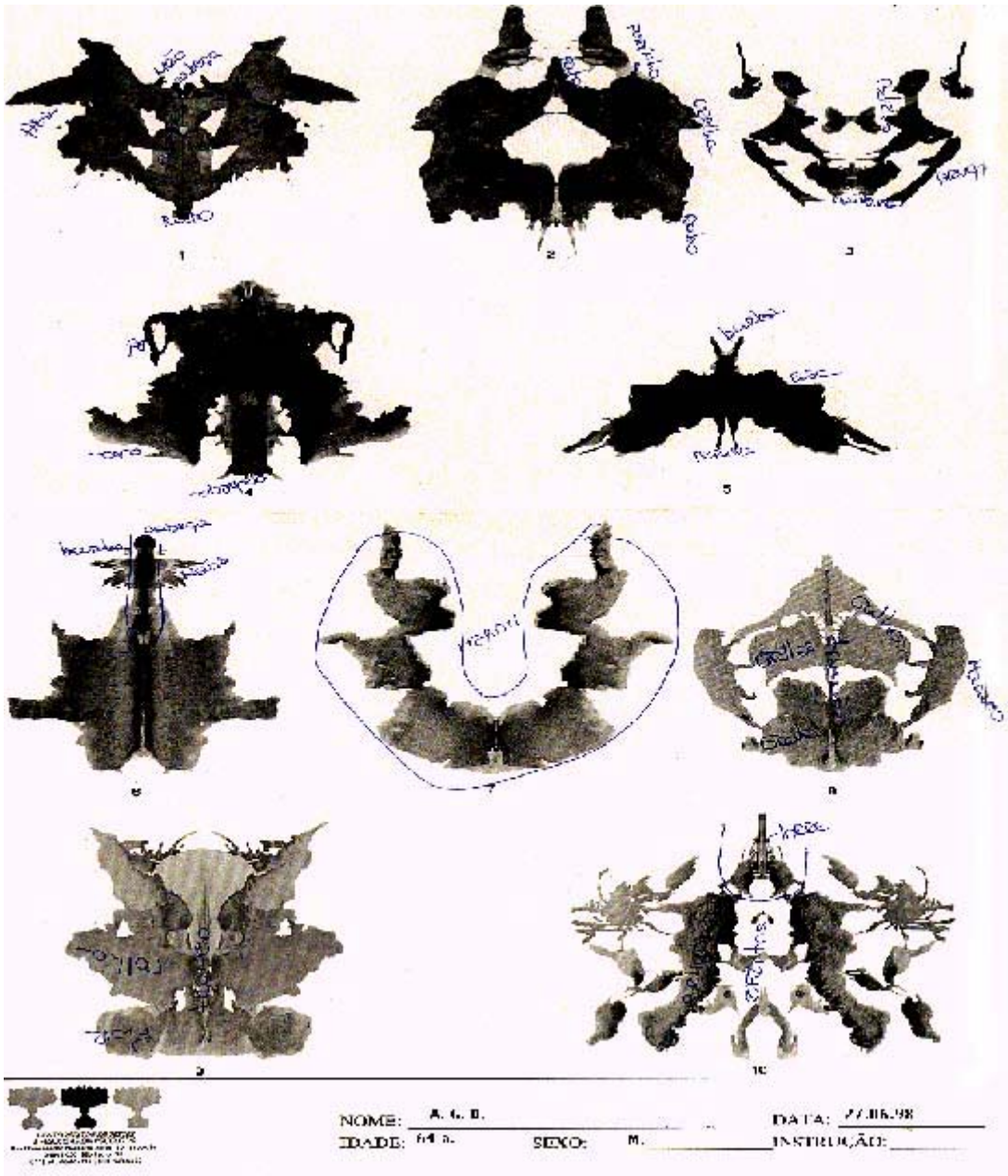
Nome: A. G. D.
Sexo: masculino
Naturalidade: Anastácio
Estado civil: Casado
Filiação: C. G. e R. D.

Idade: 64 anos
Escolaridade: 1.ª série
Data da aplicação: 27/6/1998
Data de nascimento: 13/6/1934

Figuras	Respostas	Classificação
I	(7 s; 38 s) 1 - /\ Esse é um morcego, né? INQ.: [G] Eu, para mim, essa imagem só pertence a ele, né? Tem as duas mãos, cabeça, rabo e o corpo dele. Tem as asas também. Pela imagem dele, que é um morcego.	G F^+ A V 1,0
II	(146 s; 165 s) @ Esse tá difícil de ver. 1 - > Esse tá parecendo dois bichinhos. INQ.: [P6] Da maneira daqui, tem dois focinhos, duas orelhas, um rabo e tem uma pata. Não conheço pela imagem, de que representa que é um bicho que nunca vi.	*inibição* P_6 F^+ A
III	(50 s; 62 s) 1 - /\,\/,/\ Esse tá parecendo uma caveira. INQ.: [P1] Com braço e a parte das cadeiras, das costas e a parte do corpo. É a imagem que parece caveira, tá significado aqui uma caveira mesmo. É pela imagem que a gente vê aqui.	P_1 F^+ anat.
IV	(55 s; 127 s) @ Este aqui... 1 – \/ Parece uma cigarra daquelas que fica pregada no tronco de árvore. INQ.: [G] Ela tem as barbinhas, cabeça, asa e os pés. É porque a gente, olhando, verifica que representa ela. A asa tá aberta e a ponta da asa dela é clarazinha como tá mais claro a imagem.	*inibição* G F^- (l) A 2,0
V	(9 s; 19 s) 1 - /\ Essa é uma borboleta. INQ.: [G] Tem barbinha, asa e a perna dela. Agora, a cor dela é que é escura, porque a borboleta tem muitas cores.	G C' A V 1,0
VI	(111 s; 133 s) @ [risos] 1 - /\ Esse daqui ele representa um calango.	*inibição*

	INQ.: [P2+P3] Tem cabeça, as mãos dele, tem o lombo dele e as barbinhas dele. Esse resto é que não significa nada, não. É pela imagem dele, que parece é daquele que fica pregado na parede ou na madeira. Foi por essa imagem que a gente verifica isso.	Padj F⁻ A 2,5
VII	(115 s; 147 s) 1 - @, ∨ Acho parecido com uma nuvem. Uma nuvem escura. INQ.: [G] É pela imagem, a gente olhando assim. Quando a gente olha para o céu e tem uma nuvem escura, é desse jeito.	*inibição* G ps (C') nv ref. pp. exp.
VIII	(54 s; 95 s) 1 - @, ∧ Esses são dois bichos subindo numa árvore. INQ.: [G] Eles têm cabeça, pé, rabo. Vamos dizer que eles vão subindo numa árvore. Esses bichinhos, vamos dizer que é um macaco, porque é macaco que sobe em árvore. Árvore, porque tem o que significa árvore, que é o tronco e os galhos dela para os lados. É porque a gente vê aonde os bichos vão subindo; mais nada.	*inibição* G m pz V 4,5
IX	(51 s; 64 s) 1 - @, ∨ Esse é um pé de planta de árvore com flor. INQ.: [G] É porque representa a árvore de flor, por causa dos troncos, das folhas e a flor. O tronco [P5] fica centrado no meio dela, segurando os galhos, as folhas e as flores. As folhas são essas daqui [P1], porque são verdes que nem folha é, e essa daqui de cima são as flores da cor de maravilha. No cerrado tem muitas árvores de ipê com as flores maravilha.	G FC bt 5,5 ref. pp. exp.
X	(112 s; 166 s) @ Esse não tô podendo divulgar o que pode ser. 1 - ∧ Uma torre com a armação dela e os efeitos. INQ.: Uma torre [P11] com a armação dela [P9] e os efeitos de dentro dela, porque cada um tem uma cor diferente: verde, amarelo, azul e maravilha também. Essa parte toda pertence à torre. Dentro da armação tem esses efeitos. Ela fica assim de pé e esses efeitos são de luz colorida que fica no meio da armação dela. Armação, porque é o pé que segura a cabeça da torre que fica em cima. Torre, porque a imagem de torre representa assim. Ela é alta e em pé, assim [gesto]. Na frente ela não é muito alta não; é do tamanho de um pé de árvore.	*inibição* Padj. CF (l') arq. luz

FOLHA DE LOCALIZAÇÃO DE RORSCHACH



Nome: A. G. D. Sexo: M

	Monocromáticas						Coloridas						
Dados	**I**	**IV**	**V**	**VI**	**VII**	**S**	**II**	**III**	**VIII**	**IX**	**X**	**S**	**T**
G	1	1	1		1	4			1	1		2	6
P				1		1	1	1			1	3	4
F+	1					1	1	1				2	3
F–		1		1		2							2
m									1			1	1
m’													
CF											1	1	1
ps					1	1							1
l													
V	1		1			2			1			1	3
A	1	1	1	1		4	1					1	5
an								1				1	1
nv					1	1							1
pz									1			1	1
bt										1		1	1
arq											1	1	1
T.r.i.	7s	55s	9s	111s	115s		146s	50s	54s	51s	112s		
Elab.	1,0	2,0	1,0	2,5	0	6,5	0	0	4,5	5,5	0	10	16,5
T	38s	127s	19s	133s	147s	464s	165s	62s	95s	64s	166s	552s	1017
R	1	1	1	1	1	5	1	1	1	1	1	5	10

G:M	4:0	%F = 60	2:0	%F = 40	Gm = 80
M:Ps	0:0	%F- =	0:0	%F- =	Pm = 20
F+:F–	2:1	%F+ = 33,33	0:2	%F+ = 100	Gc = 40
T/R	92,8	%V = 40	110,4	%V = 20	Pc = 60
Elab./R	1,3	%A = 80	2	%A = 20	Gt = 60
Perc					Pt = 40
R.m.i.	27,66		46,66		
Con.	-6,67	%H = 0	40	%H = 0	
Lambda	0,66	H:pH =	1,5	H:pH =	

SÚMULA DO PROTOCOLO

Nome: A. G. D. Sexo: M Idade: 64

I – TIPO DO TRABALHO MENTAL

R = 10		T:	Qualidade de G:		
G = 6	%F = 50	T.r.: 101,7	Qualidade de P:		
GE =	%F+ = 60	Elab.:			
P = 4	%F– = 40	Elab./R: 1,6	Cont.	Pers.	Rej.
p =	%V = 30	Perc.:	Fab.	Pos.	Rev.
p' =	%A = 50	Suc.:			
E =	%H = 0				
PG =		R.m.i. = 37,66			
GP =					
Observações:	Inibição (I, IV, VI, VII, VIII, X)				

II – FEITIO DA PERSONALIDADE

M =	Ps =	L =	FC = 1	C' = 1 (1)	G:R =
m = 1	ps = 1	l = (1)	CF = 1	nC =	G:M =
m' =	ps' =	l' = (1)	C =	nC' =	M:C =
					M:Ps =
Af.: 1,0	(B:	K:)	Imp.: 0,66	Con.: 10	L (Beck): 1
(Ps + M):(L + C) =		Eq.:	Qualidade de M:		
(m + m'):(l + C') =		Eq'.:	Grau de M (Piotrowski):		
			Tipo de M:		

Harrower ( ):	R	M	m	FC	%F	%A	%an	chC	chL	In
Piotrowski ( ):	R	T	M	nC	%F+	Aut	Lib	Ppl	Rpt	%V

chC:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=
chL:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=

Qualidade de m:
Grau de m:
Tipo de m:

III – CONTEÚDO

A = 5	ab =	al =	an = 1	ant =	arq = 1	A:pA =
pA =	art =	bt = 1	ci =	fg =	ggr =	H:pH =
H =	ml =	mp =	nat =	nv = 1	obj =	A + H:pA + ph =
pH =	pz = 1	rl =	sg =	sx =	vst =	A + pA:H + pH =

PROTOCOLO 9

Nome: B. C. R.
Sexo: feminino
Naturalidade: Aldeia Buriti
Estado civil: separada
Filiação: M. R. e M. L. C.

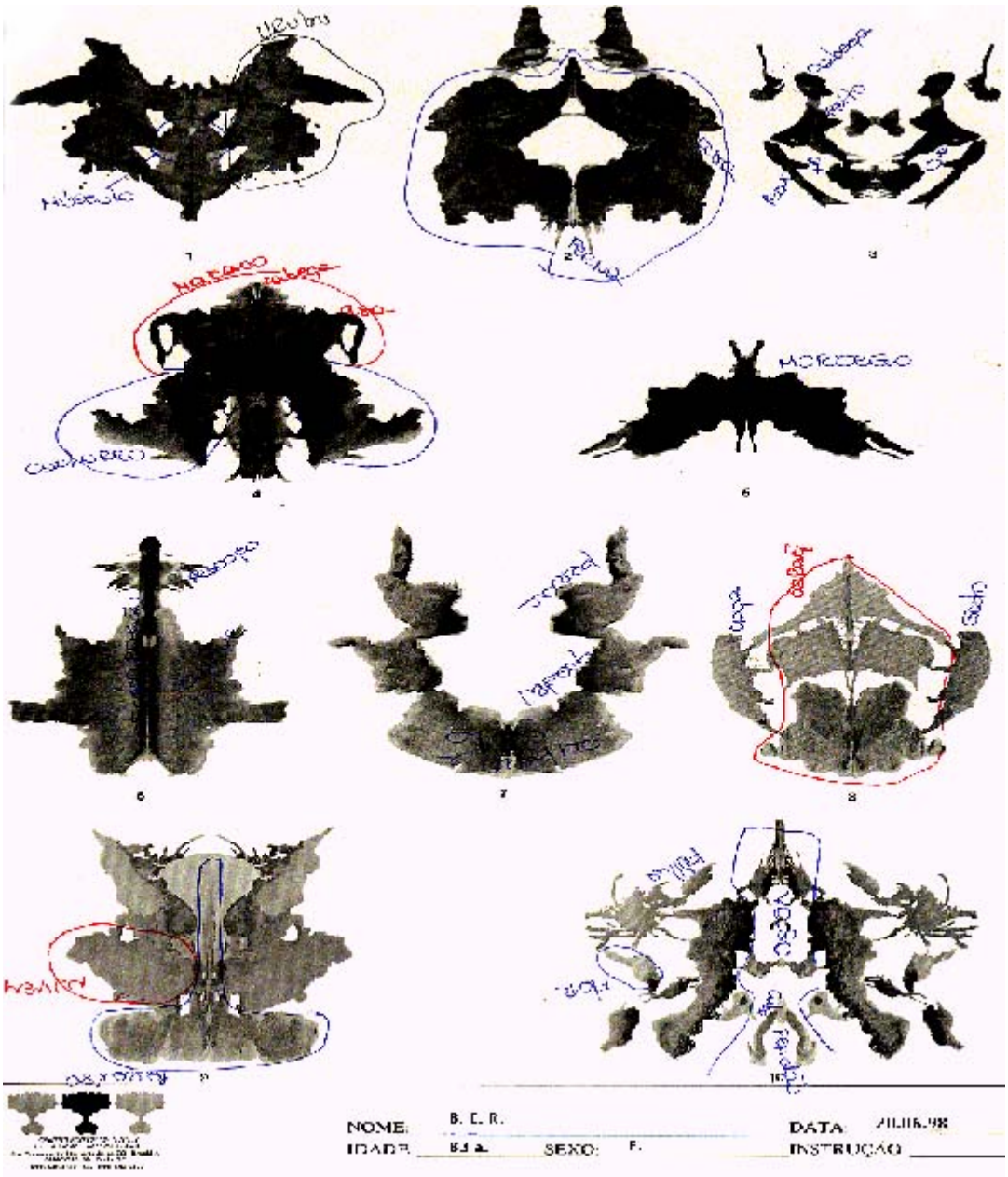
Idade: 83 anos
Sem escolaridade
Data da aplicação: 20/6/1998
Data de nascimento: 15/7/1915

Figuras	Respostas	Classificação
I	(13 s; 67 s) Eu não sei, assim, a senhora me fala como é o meu pensamento. 1 - /\ É essa parte do corpo nosso. INQ.: [metade superior de p24] Pega assim do lado do coração [aponta] e pega da frente e de trás a parte do músculo. É só o que representa, assim. Músculo, porque parece essa parte, mas não tá completa. Então pensei que podia ser a parte de dentro, e aí tem músculo, né? Só porque representa assim. 2 - /\ Bicho. INQ.: [G] Pode ser dessa parte de tudo pegando assim [passa o dedo em toda prancha]. Para mim representa ser o morcego. Voando não tá.: essa é a pontinha da asa, mas não tá aberta de tudo; aqui é o corpo dele. Se tivesse com asa tudo fechada, ficava mais redondinha em volta da cabeça. Esse deu para divulgar bem.	p F^0 anat. s/ *localização.* G F^+ A V 1,0
II	(11 s; 37 s) 1 - @, /\ Não sei se vai ser, mas acho que é um urubu. INQ.: [P1] É, para mim parece que é de mais ser. Representa ser a perna e parece que a asa tá aberta. É de dizer que o urubu tá com a asa aberta e tem a cor de urubu, que é escuro assim.	P C' A
III	(19 s; 49 s) 1 - /\ Esse tá meio duro de ver, mas tá parecendo pessoa que tem cabeça, peito e perna. São duas pessoas, né? INQ.: [P1] Eu não sei se elas tão conversando decerto, né? Aqui parece que tão em cima de um troço e a perna deles caiu [riu muito]. Tá subido de cima desse troço que não sei o que pode ser. Desse lado [esq.] é mulher e desse outro [dir.] é homem, porque o jeito da cabeça de um é diferente da do outro.	P F+ H V *Fragmentação.* *Crítica.* *Esquerda = direita na simetria.*

IV	(23 s; 49 s) 1 - /\ Isso para mim representa ser um cachorro, né? INQ.: [metade inferior de G] O pé é do cachorro porque parece daqueles cachorro peludinho. A cabeça dele não pode ser daqui, não. É só a metade do corpo e as patas. Ele não tem cabeça, não. 2 - /\ Representa um macaco. INQ.: [parte superior de G] Esse forma um macaco e é só daqui pra cá [localiza]. Que nem o cachorro; ele é peludinho também. Daqui para cá é diferente debaixo. Para mim parece macaco com a asa dele, e debaixo é o cachorro. É tudo peludo, mas para mim representa que é diferente do outro. O macaco tem cabeça e as asas e o pêlo.	P F^0 (l) A P F^0 (l) A *condensação*
V	(36 s; 57 s) 1 - /\ É um passarinho, mas não sei qual que pode ser. INQ.: [G] Tem um morcego. Asa e corpo, é perfeitinho, o mesmo passarinho é o morcego. Não! Eu tô vendo só o morcego, é que não lembrava o nome e falei passarinho. Ele tá de pé, de asa aberta se preparando para voar. É bem a semelhança do morcego, mesmo.	G F^+ A V 1,0 → m *Dificuldade inicial de expressão.*
VI	(119 s; 135 s) /\, \/ Não, esse tá virado [olhou atrás]. >, /\, < Aqui já ficou meio difícil para mim [risos]. 1 - /\ Para mim parece ser nas costas da gente. INQ.: [G] Essa parte do meio é a nossa separação das costas, e dos lados é a carne que cobre as costelas, porque as costelas não aparecem. Esse de cima é a carne também, que vem do lado do nosso pescoço. Tá sem cabeça. É uma carne meio fofinha: não é como a nossa carne, que é mais durinha [aperta o braço para demonstrar].	*inibição* G F^+ (l) anat. 2,5
VII	(53 s; 69 s) Essa daqui não sei o que pode ser. 1 - /\, \/ Ela é mesmo uma separação de algum vivente. INQ.: [G] Assim é dessas partes do meio. Não sei se ela tá virada assim, mas ela não pode ser essa parte da gente, não [aponta os ombros e o colo]. Estou falando isso porque tá faltando a cabeça. É só o resto do corpo que tá aqui. É isso mesmo: aqui tá essa parte [ombro e colo] e aqui essa outra [quadril] e as pernas. É um vivente só e os dois lados dele.	*inibição* G F^- p H 2,5
VIII	(25 s; 94 s) 1 - /\ Não é a onça? INQ.: [P1] Vamos ver, para mim esse [esq.] é onça e o de lá [dir.] já é um gato. Onça, porque a cabeça o e pescoço é mais comprida e é diferente da cabeça e do pescoço do gato, que é mais redonda. Tá tudo certo, eles vão subir, porque o pé deles tá erguido e agarrado lá em cima.	P F^+ A = *de simetria*

	2 - /\ Coração. INQ.: [P2+P8] Coração é fora os bichos, e para mim o formato de tudo isso é de coração. Para mim, não sei, essa parte daqui é igual um coração.	Padj. F^0 anat. 3,0
IX	(18 s; 37 s) 1 - /\, \/ Um pé de árvore. INQ.: [P9] Para mim o nome dela é paraíso. É grande porque floresce bastante e dá uns cachinhos de fruto, muito mesmo. É bonita e a cor da flor é bem assim; só faltou o fruto dela, que é amarelinho. Aqui é o tronco dela. 2 – \/ Nuvem. INQ.: [P1] É ela mesmo, é a mesma coisa. O céu mesmo é bem azul, bem claro, e as nuvens saem dessa cor que tá aqui. É bem assim quando olho para o céu e vejo nuvem assim como essa.	P FC bt P ps (CF) nv
X	(26 s; 81 s) Esse vai ser o mais duro. 1 - /\, \/ Esse é capaz de ser um sangue. INQ.: [P9] É sangue porque é vermelho e tá assim. 2 – \/ É um vaso de flor, fruta e também folha verde. INQ.: [G] Essas amarelas já floresceram e soltaram a flor. Ela abriu e a flor amarela saiu. Esse verde [P10] é um pendão de flor que já caiu as flores todas e ficou só o pendão, não sei como chama o nome dela, e a pontinha já secou e tá até penduradinha dos dois lados. Ele tá verdinho e o cabo segura ele. Tá tudo num vaso [P11], que é isso, mas esse sangue tampou as flores de um lado e de outro e não deixou aparecer tudo. O sangue tá separando as flores do vaso de um lado e de outro. Tudo é flor colorida.	P CF sg G CF bt 5,5 *condensação fabulatória*

FOLHA DE LOCALIZAÇÃO DE RORSCHACH



Nome: B. C. R. Sexo: F

	Monocromáticas						Coloridas						
Dados	**I**	**IV**	**V**	**VI**	**VII**	**S**	**II**	**III**	**VIII**	**IX**	**X**	**S**	**T**
G	1		1	1	1	4					1	1	5
P		2				2	1	1	2	2	1	7	9
p	1					1							1
F+	1		1	1		3		1	1			2	5
F–					1	1							1
CF										(1)	2	2 (1)	2 (1)
ps										1		1	1
V	1		1			2		1				1	3
A	1	1	1			3	1		1			2	5
pA		1				1							1
pH					1	1							1
H								1				1	1
an	1			1		2			1			1	3
bt										1	1	2	2
nv										1		1	1
sg											1	1	1
T.r.i.	13s	23s	36s	119s	53s		11s	19s	25s	18s	26s		
Elab.	1,0	0	1,0	2,5	2,5	7,0	0	0	3,0	0	5,5	8,5	15,5
T	67s	49s	57s	135s	69s	377s	37s	49s	94s	37s	81s	298s	675s
R	2	2	1	1	1	7	1	1	2	2	2	8	15

G:M	4:0	%F = 100	1:0	%F = 37,5	Gm = 57,14
M:Ps	0:0	%F- =	0:0	%F- =	P = 28,57
F+:F–	1:3	%F+ = 75	0:2	%F+ = 100	Pm = 14,28
T/R	53,85	%V = 28,57	37,25	%V = 12,5	Gc = 12,5
Elab./R	1,0	%A = 57,14	1,06	%A = 25	Pc = 87,5
Perc					Gt = 33,33
R.m.i.	53,57		45,83		Pt = 60
Con.	75	%H = 14,28	37,5	%H = 12,5	pt = 6,66
Lambda	0	H:pH =	1,66	H:pH = 1:0	

SÚMULA DO PROTOCOLO

Nome: B. C. R. Sexo: F Idade: 83

I – TIPO DO TRABALHO MENTAL

R = 15		T:	Qualidade de G:		
G = 5	%F = 66,66	T.r.: 45	Qualidade de P:		
GE =	%F+ = 83,33	Elab.:			
P = 9	%F– = 16,67	Elab./R: 1,03	Cont.	Pers.	Rej.
p = 1	%V = 20	Perc.:	Fab.	Pos.	Rev.
p' =	%A = 40	Suc.:			
E =	%H= 13,33				
PG =		R.m.i. = 47,77			
GP =					

Observações: Fragmentação (III)
Crítica (III)
Esquerda diferente direita (III, VIII)
Condensação (IV)
Dificuldade expressão (V)
Inibição (VI, VII)
Condensação fabulatória (X)

II – FEITIO DA PERSONALIDADE

M =	Ps = 1	L =	FC = 1	C' = 1	G:R =
m =	ps =	l = (3)	CF = 2 (1)	nC =	G:M =
m' =	ps' =	l' =	C =	nC' =	M:C =
					M:Ps =
Af.: 1,14	(B:	K:)	Imp.: 0,33	Con.: 49,99	L (Beck): 0,5
(Ps + M):(L + C) =		Eq.:	Qualidade de M:		
(m + m'):(l + C') =		Eq'.:	Grau de M (Piotrowski):		
			Tipo de M:		

Harrower ( ):		R	M	m	FC	%F	%A	%an	chC	chL	In
Piotrowski ( ):		R	T	M	nC	%F+	Aut	Lib	Ppl	Rpt	%V
chC:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=
chL:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=

Qualidade de m:
Grau de m:
Tipo de m:

III – CONTEÚDO

A = 5	ab =	al =	an = 3	ant =	arq =	A:pA =
pA = 1	art =	bt = 2	ci =	fg =	ggr =	H:pH =
H = 1	ml =	mp =	nat =	nv = 1	obj =	A + H:pA + ph =
pH = 1	pz =	rl =	sg = 1	sx =	vst =	A + pA:H + pH =

PROTOCOLO 10

Nome: F. A. F.
Sexo: feminino
Naturalidade: Fazenda Esperança
Estado civil: casada
Filiação: C. A. e N. M.

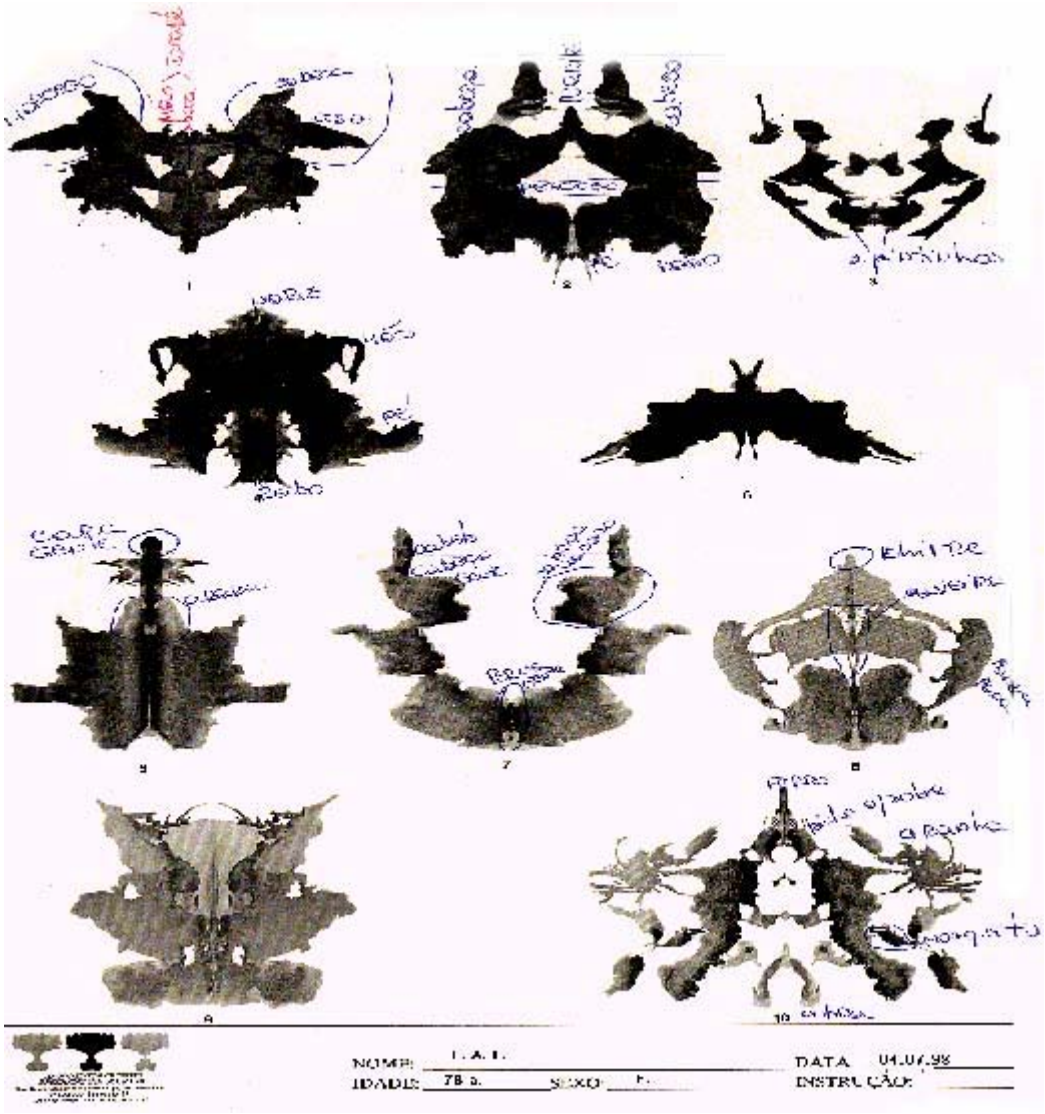
Idade: 78 anos
Sem escolaridade
Data da aplicação: 4/7/1998
Data de nascimento: 6/11/1920

Figuras	Respostas	Classificação
I	(23 s; 124 s) 1 - > /\ Essas parecem dois morcegos. INQ.: [Parte superior de P2] É por causa das asas que parece bem. Tem o corpo e a cabeça dele, que também ajuda a ver. Tem dois, um de cada lado, só por isso. As asas tão direitinho. 2 - < Aqui parece boca e mão de jacaré. INQ.: [P1+p22]. No meio é a boca do jacaré aberta e dos dois lados tem as mãos dele assim [gesto]. É parecido. Não parece com outra coisa. Só.	 G_{at} F^+ A 1,0 P_1 F^+ p A
II	(24 s; 48 s) 1 – /\ Não sei que bicho é, mas é um bicho. INQ.: [P1] Tem a cabeça e o nariz; não sei o que tem na boca dele. São dois bichos um de frente para o outro. Não sei, mas acho que pé e rabo e o pescoço: tá bem aqui. Não conheço esse bicho que tem a orelha para trás, mas é um bicho preto. São dois bichos pretos com o nariz de um encostado de frente no nariz do outro, e da boca deles sai um negócio que não sei o que é.	 P_1 C' A
III	(79 s; 92 s) 1 - /\ E agora? O que é isso que tem o pescoço fino? Não sei que bicho que é. É um bicho. INQ.: [P1] Tem a cabeça em cima, tem bico, pescoço fino e com um pé só que está para trás e por isso não aparece esticado que nem o outro. Isso [P7] parece que é ovo. Não! É pintinho que saiu agora da casca do ovo e ficou assim redondinho. Foi essa perna que ficou perto do pintinho que encolheu. Ora, é só um bicho desconhecido que está perto de pintinho que saiu da casca e ele tá com uma das pernas encolhidas, porque parece.	 inibição P_1 F^+ A

IV	(40 s; 52 s) 1 - /\ Essa também não sei que bicho que é, não. É um bicho. INQ.: [G] Ele tem cabeça, nariz, mão e tem pé, e aqui é o rabo dele [P1]. Esse bicho aqui tá sentado em cima do rabo. O nariz dele é bem na cabeça. É um bicho peludo. Não sei. Eu só acho que é.	G F^{+} (l) A V 2,0
V	(32 s; 52 s) 1 – Não sei que bicho é. É um passarinho. INQ.: [G] É um passarinho com asa, perna e orelha comprida. Parece que está voando porque deixou as pernas assim para trás [gesto]. Passarinho, quando voa, põe pé para trás e orelha assim.	G m A 1,0
VI	(24 s; 65 s) 1 - /\ Esse é passarinho. Parece também. INQ.: [p31] Não sei se é passarinho ou outra qualidade de bicho do mato... Tem bico branco e... é arara! É arara mesmo. É bem igualzinho. Eu não conheço muito de bicho do mato, mas esse aqui é duas araras mesmo. 2 - /\ Esse não sei o que é. Tá mais parecido com cara de gente. INQ.: [P7] Esse parece com cara de gente porque não tem nada de bicho aí. Não vejo olhos, nariz nem boca, mas tem bigode do lado de uma cara, a não ser que seja espécie de bicho que não sei qual. É só o bigode do lado da cara que não sei se é de bicho, mas acho que é de gente.	p F^{0} A P F^{+} pH *resposta alternativa*.
VII	(18 s; 84 s) 1 - /\ Que qualidade de bicho é essa que tem cara de gente? Macaco não é. INQ.: [P1] Parece com cara de gente, mas também parece com cara de macaco. Só se for cara de gente com o cabelo dela assim para cima. Só pode ser assim, né? 2 - /\ Essa daqui que é a cara de macaco. INQ.: [P1 – P5] Esse resto daqui de cima não sei o que é, porque macaco não tem rabo na cabeça. Então esse não é nada, mas a cara parece com a cara de macaco. É isso que eu acho. REP.: /\ Aqui, bem... Não sei o que é. INQ.: [P6] Não sei se é perna de gente ou corpo de mosquito. Acho que é corpo de mosquito, porque parece que tem um chifre na cabeça dele, bem aqui. É com isso que assemelha.	P_1 F^{+} pH V *resposta alternativa* P F^{-} pA pA *crítica* P F^{-} A *Resposta alternativa.* *Chifre.*

VIII	(17 s; 79 s) 1 - /\ Esse é um bicho. INQ.: [P1] Parece paca, mas paca não sobe como ele tá subindo aqui. Quem sobe é macaco ou bugio, mas aqui não é nenhum desses. Só pode ser uma espécie de paca, parece mais com paca. 2 - /\ Parece costela de gente. INQ.: [P3] É gente de caveira e tô vendo as costelas dessa gente e tem até as pernas dela dependuradas aqui debaixo [p29]. É assemelhado com as costelas de uma caveira e as pernas que também é da caveira, porque está magrinha como se não tivesse a carne; só a caveira. REP.: /\ A cabeça de um bicho. Não! É o chifre dele. INQ.: [P24] É bem em cima e tem o ferrão de um bicho, não sei, mas acho que é bicho do mato e ferroa com essa ponta. É por causa da ponta do ferrão.	P_1 F^+ pH V ↓ roedor *crítica* P_{adj} F^+ anat. 3,0 P F^- pA *Ferrão – agress.*
IX	(118 s) /\ < > \/ @ [virou atrás] \/. E agora? Eu não sei nada com isso aqui. Eu não sei.Não é nada.A senhora me mostra isso de novo e não sei. Tem que ver mesmo alguma coisa aqui? Essa eu vou errar, porque não sei.	*rejeição*
X	(26 s; 146 s) 1 - /\ Lembra um mosquito. INQ.: [P7] Ele tem bico, rabo, ferrão e é pequeno. Por isso é um filhote de mosquito. 2 - /\ Aranha. Será que é? INQ.: [P1] Tem muita perna, por isso falei que era aranha, mas acho que aranha não fica parada do jeito que isso daqui tá. Já não sei se é aranha. Se não é aranha, não sei que bicho pode ser. É difícil porque parece e não parece. 3 - /\ Isso é uma cobra. INQ.: [P10] Essa não tem erro não, é cobra mesmo. Tá bem parecido: a cabeça dela com o corpo e o ferrão na ponta do rabo. Só. Rep: /\ Bicho que sobe no ferro. INQ.: [P11] O bicho tem rabinho e tão em pé. O pé dele aparece bem e subindo porque tão na pontinha do pé. Ferro porque parece que tem muita pecinha, uma de cada lado, e fica como se tivesse tudo encaixado, como que ferro montado. O que não entendo é que os bichinhos tão subindo e comendo... Como pode comer ferro? Sei lá, mas é o que tô vendo. Eles tão comendo e até tão tudo barrigudinho. Olha aqui como a barriga deles está grande: tão barrigudinho mesmo.	P F^+ A *Repetição ferrão.* P F^+ A V *crítica* P F^+ A *Persev. ferrão.* P m A

FOLHA DE LOCALIZAÇÃO DE RORSCHACH



Nome: F. A. F. Sexo: F

	Monocromáticas						Coloridas						
Dados	**I**	**IV**	**V**	**VI**	**VII**	**S**	**II**	**III**	**VIII**	**IX**	**X**	**S**	**T**
G	1	1	1			3							3
P	1			1	3	5	1	1	2		3	7	12
p				1		1			1		1	2	3
F+	2	1		1	1	5		1	2		3	6	11
F–					2	2			1			1	3
m			1			1					1	2	3
V		1			1	2			1		1	2	4
A	1	1	1	1	2	6	1	1	1		4	7	13
pA	1				1	2			1			1	3
pH				1	1	2							2
H													
T.r.i.	23s	40s	32s	24s	18s		24s	79s	17s		26s		
Elab.	1,0	2,0	1,0	0	0	3,0	0	0	3,0		0	3,0	6,0
T	124s	52s	52s	65s	84s	377s	48s	92s	79s		146s	365s	742s
R	2	1	1	2	3	9	1	1	3		4	9	18

G:M	3:0	%F = 88,88	0:0	%F = 77,77	Gm = 33,33
M:Ps	0:0	%F- =	0:0	%F- =	Pm = 55,55
F+:F–	2:5	%F+ = 71,42	1:6	%F+ = 85,71	Pm = 11,11
T/R	41,88	%V = 22,22	40,55	%V = 22,22	Pc = 77,77
Elab./R	0,33	%A = 88,88	0,33	%A = 77,77	pc = 22,22
Perc					Gt = 16,66
R.m.i.	60,84		61,9		Pt = 66,66
Con.	60,3	%H = 22,22	64,48	%H = 0	Pt = 16,66
Lambda	0,12	H:pH = 0:2	0,28	H:pH =	

SÚMULA DO PROTOCOLO

Nome: F. A. F. Sexo: F Idade: 78

I – TIPO DO TRABALHO MENTAL

R = 18		T:	Qualidade de G:		
G = 3	%F = 83,33	T.r.: 41,22	Qualidade de P:		
GE =	%F+ = 78,57	Elab.:			
P = 12	%F– = 21,43	Elab./R:	Cont.	Pers.	Rej.
p = 3	%V = 22,22	Perc.:	Fab.	Pos.	Rev.
p' =	%A = 88,88	Suc.:			
E =	%H = 11,11				
PG =		R.m.i. = 63,22			
GP =					
Observações:	Inibição (III)				
	Alternativa (VI, VII)				
	Crítica (VIII, X)				
	Rejeição (IX)				
	Preservação (X)				

II – FEITIO DA PERSONALIDADE

M =	Ps =	L =	FC =	C' = 1	G:R =
m = 3	ps =	l = (1)	CF =	nC =	G:M =
m' =	ps' =	l' =	C =	nC' =	M:C =
					M:Ps =
Af.: 1,0	(B:	K:)	Imp.: 0,28	Con.: 0,2	L (Beck):
(Ps + M):(L + C) =		Eq.:	Qualidade de M:		
(m + m'):(l + C') =		Eq'.:	Grau de M (Piotrowski):		
			Tipo de M:		

Harrower ( ):		R	M	m	FC	%F	%A	%an	chC	chL	In
Piotrowski ( ):		R	T	M	nC	%F+	Aut	Lib	Ppl	Rpt	%V
chC:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=
chL:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=

Qualidade de m:
Grau de m:
Tipo de m:

III – CONTEÚDO

A = 13	ab =	al =	an =	ant =	arq =	A:pA =
pA = 3	art =	bt =	ci =	fg =	ggr =	H:pH =
H = 2	ml =	mp =	nat =	nv =	obj =	A + H:pA + ph =
pH =	pz =	rl =	sg =	sx =	vst =	A + pA:H + pH =

PROTOCOLO 11

Nome: B. G. S.
Sexo: feminino
Naturalidade: Aldeia Buriti
Estado civil: casada
Filiação: P. F. R. e M. M. R. S.

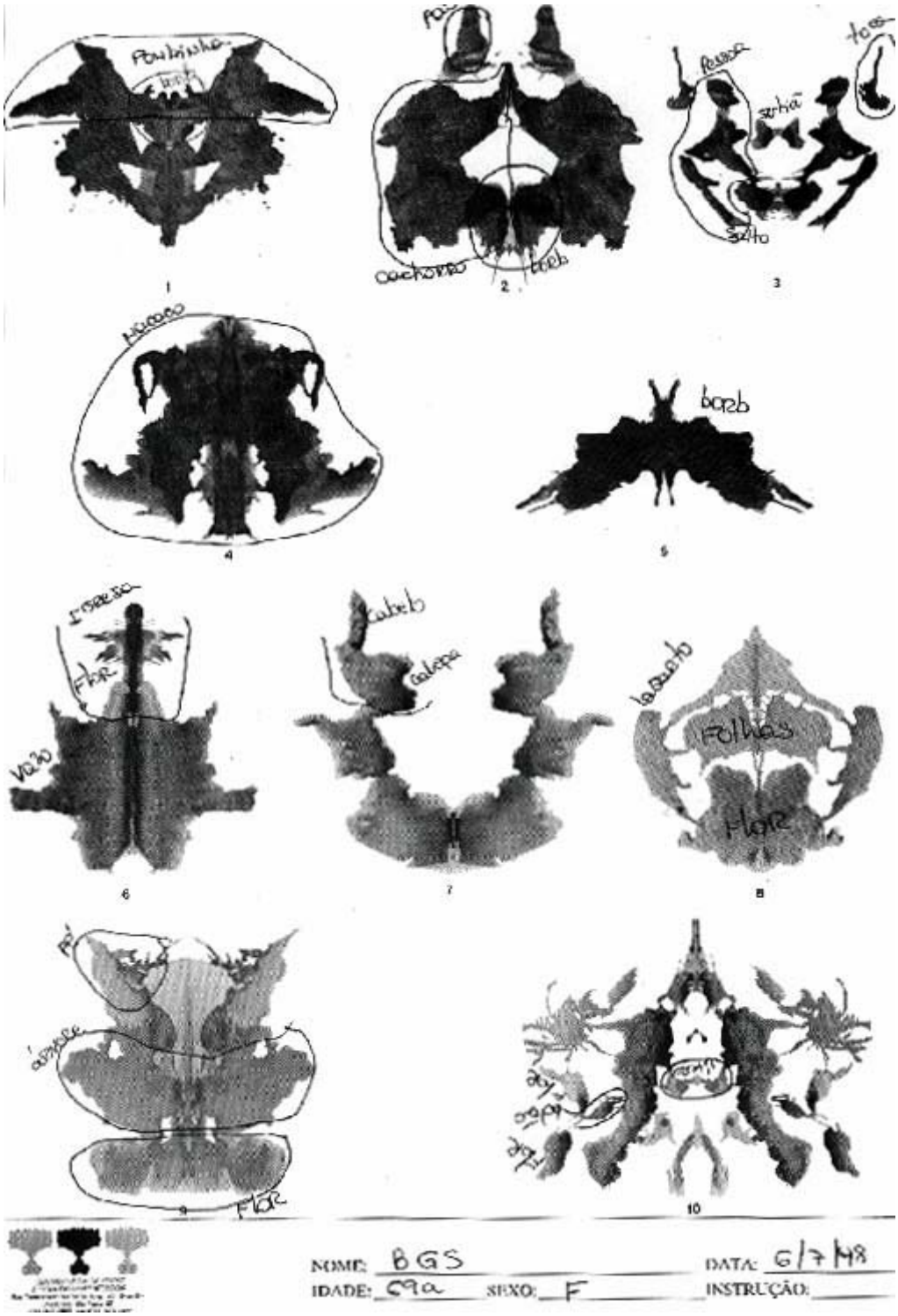
Idade: 69 anos
Sem escolaridade
Data da aplicação: 6/7/1998
Data de nascimento: 8/10/1928

Figuras	Respostas	Classificação
I	(43 s; 129 s) Minha vista é muito atrapalhada. Muito engraçadinho isso. /\ 1 – Uma pombinha. INQ.: [metade superior de P2]. Parece uma pombinha, apresentou para mim uma pombinha. Está com os pés para frentre, assim [mostra], é como se tivesse sentada. Apresentou assim [mostra]. /\ 2 – Borboleta. INQ.: [metade superior de P4]. Parece que está voando, está sentando recém na arvinha [arvorinha]. A arvinha não está aqui, mas as asas estão abertas iguais quando a borboleta tá voando para recém sentar na arvinha para cheirar a flor.	P_{at} F^{+} A P_{at} m A
II	(15 s; 187 s) 1 - /\ Cachorrinho, né. INQ.: [P1] São dois cachorrinhos tudo pintadinho, manchadinho. Eles estão comendo pãozinho. É o cachorrinho aqui: as orelhas, o rabinho tá cotó, os pezinhos. 2 - /\ Comida, pãozinho. O cachorrinho está pegando o pãozinho para comer. INQ.: [P2]. A comida é pãozinho. Deu na minha cabeça que vai ser pão. O cachorrinho está com o focinho no pão, então na minha cabeça que está comendo o pão. 3- /\ Uma borboleta no pé do cachorrinho. INQ.: [P3]. A borboleta tá voando, deve estar acompanhando os cachorrinhos para tomar o pãozinho deles. Tá voando porque as asas estão assim [mostra] e está no pé do cachorrinho, não está?	P_1 M (L) A V P_2 F^{0} al P_3 m A V *fabulação*
III	(37 s; 145 s) 1-/\ Uma pessoa de sapato de salto alto. INQ.: [P9]. Parece uma pessoa, uma mulher está de salto alto. Aqui, ó: é igual. Parece que está encostada de bruço em alguma coisa, tá escorada, assim [mostra].	P_q F^{+} H V

	2- /\ Um sutiã. INQ.: [P3]. Parece, é igual. Parece que pegou o sutiã para dar para outra pessoa. Penso assim: tem as duas pessoas aqui e o sutiã aqui; então parece que estão pegando, não sabiam de quem era, então pegou para dar para outra. Não. Aqui só tem o sutiã e as pessoas. Na minha cabeça, penso que seja assim. 3 - /\ Duas toucas. INQ.: [P2]. É toucas pelo jeito, né. A touca está pendurada perto da mulher, porque tem isso aqui [mostra]. Parece que é, tá perto da cabeça; penso assim, né?	P_3 F^- vst → m P_2 F^0 vst.
IV	(33 s; 100 s) /\ Acho... 1 - /\ Um macaco. INQ.: [G] Olhei e achei que parece que é um macaco sentado num toco. Aqui é o macaco e aqui é o toco. Já tinha pensado que era um toco. Parece macaco, é cabeludinho, assim [passa o dedo diante da mancha]. 2- Um couro de sapo. INQ.: Pensei que era o couro de um sapo, achei que era, mas é só macaco mesmo. Não é sapo, não.	G F^+ (l) A V 4,0 *Liberação de resposta.*
V	(9 s; 21 s) 1 - /\ Borboleta, só a borboleta. INQ.: [G] Apresentou para mim que é uma borboleta, o jeito assim: tem as antenas, a cabeça, o corpo, as asas. É o jeito assim da borboleta.	G F^+ A V 1,0
VI	(30 s; 99 s) 1 - /\ Uma igreja. INQ.: [P8]. É igreja, parece, né? Tem um enfeite assim, de cruz, igual a igreja, né? 2- /\ Uma flor, um vaso com uma flor. INQ.: [G] Parece, tô admirando, é um vaso [p1] e tem alcinha e bracinho e aqui é a flor [p8]. O jeito é igual.	P_8 F^+ arq. G F^- obj. 2,5
VII	(50 s; 145 s) 1 - /\ Uma cabeça com cabelo erguido. Suspendeu assim o cabelo. Aqui é o corpo, e o outro não sei dizer. INQ.: [p2]. É uma pessoa que tem a cabeça e aparece da cintura para cima. É mulher, sim: aqui os peitos, não parece peito? Penso assim: tem uma mulher da cintura para cima. É igual, né?	P_2 F^+ pH V

VIII	(22 s; 78 s) 1 - /\ Lagarto, lagartinho que tá nas flor, paseando nas flor. INQ.: Parece um lagartinho que tá passeando pela flor e folha. O lagartinho é esse bichinho aqui [aponta p1], que vai indo cortar as folhas [p5]. Lagartinho porque a cara meio comprida, igual lagartinho, né? Aqui é a flor [p2], o jeito dela, umas flor de folha larga. Não existe por aqui, não, mas já vi e é igualzinha esta, de duas cor. Folha porque é verde, meio azulado aqui, parece a folha.	P_1 m^+ A P CF bt } 3,0
IX	(34 s; 95 s) /\,<, \/, <, /\ 1 - /\ Arvinha. INQ.: [P11]. Porque é verdinha e tem uma florzinha perto. 2 - /\ Pé de pessoa. INQ.: [P3] Parece um pé de pessoa, é igual ao calcanhar. Tem um pedaço da perna e o pé, direitinho, igualzinho. 3 - /\ Florzinha. INQ.: [P6] A florzinha tá perto da arvinha, é cor-de-rosa. Então deve ser uma rosinha, flor de rosa, que é cor-de-rosa.	P_{11} CF bt P_3 F^- pH P_6 FC bt
X	(51 s; 179 s) /\, >, \/ 1 – \/ Botão da flor com flor. INQ.: É a flor: aqui é o botão [P7] e aqui os pêndulos da flor [P 13+P 15], parece, e é coloridinho, né? 2 - \/ Por dentro da gente, o útero da gente. INQ.: [P6] Útero porque parece com ele. Já vi umas fotos de dentro da gente que é igualzinha assim, e era útero. Então pensei assim, né?	P CF bt 4,0 P_6 F^+ anat. *Ref. própria. exp.*

FOLHA DE LOCALIZAÇÃO DE RORSCHACH



Nome: B. G. S. Sexo: F

	Monocromáticas						Coloridas						
Dados	**I**	**IV**	**V**	**VI**	**VII**	**S**	**II**	**III**	**VIII**	**IX**	**X**	**S**	**T**
G		1	1	1		3							3
P	2			1	1	4	3	3	2	3	2	13	17
F+	1	1	1	1	1	5		1				1	6
F–				1		1		1		1		2	3
F							1	1			1	3	3
M	1					1	1		1			2	3
FC							1			1		2	2
CF									1	1	1	3	3
1		(1)				(1)							(1)
V		1	1		1	3	2	1				3	6
A	2	1	1			4	2		1			3	7
H								1				1	1
pH					1	1				1		1	2
an											1	1	1
arq				1		1							1
al							1					1	1
vst								2				2	2
obj				1		1							1
bt									1	2	1	4	4
T.r.i.	43s	33s	09s	30s	50s	165s	15s	37s	22s	34s	51s	159s	324s
Elab.		4,0	1,0	2,5		7,5			3,0		4,0	7,0	14,5
T	129s	100s	21s	99s	145s	494s	187s	145s	78s	95s	179s	684s	1178s
R	2	1	1	2	1	7	3	3	2	3	2	13	20

G:M	3:0	%F = 100	0:0	%F = 46,15	Gm = 42,85
M:Ps	0:0	%F- =	0:0	%F- =	Pm = 57,14
F+:F–	1:6	%F+ = 85,71	2:1	%F+ = 33,33	Pc = 100
T/R	70,57	%V = 42,85	52,61	%V = 26,07	Gt = 15,78
Elab./R	1,07	%A = 57,14	0,53	%A = 26,07	Pt = 89,47
Perc					
R.m.i.	61,9		28,49		
Con.	85,71	%H = 14,28	-20,52	%H = 15,38	
Lambda	0	H:pH = 0:1	1,16	H:pH =	

SÚMULA DO PROTOCOLO

Nome: B. G. S.. Sexo: F Idade: 69

I – TIPO DO TRABALHO MENTAL

R = 19		T:	Qualidade de G:		
G = 3	%F = 68,42	T.r.: 62	Qualidade de P:		
GE =	%F+ = 70	Elab.:			
P = 17	%F– = 30	Elab./R: 0,76	Cont.	Pers.	Rej.
p =	%V = 31,57	Perc.:	Fab.	Pos.	Rev.
p' =	%A = 36,48	Suc.:			
E =	%H = 15,78				
PG =		R.m.i. = 46,13			
GP =					
Observações:	Fabulação (II)				
	Liberação (IV)				
	Ref. pp. exp. (X)				

II – FEITIO DA PERSONALIDADE

M =	Ps =	L = (2)	FC = 1	C' =	G:R =
m = 4	ps =	l =	CF = 3	nC =	G:M =
m' =	ps' =	l' =	C =	nC' =	M:C =
					M:Ps =
Af.: 1,85	(B:	K:)	Imp.: 0,85	Con.: 38,42	L (Beck): 0,46
(Ps + M):(L + C) =		Eq.:	Qualidade de M:		
(m + m'):(l + C') =		Eq'.:	Grau de M (Piotrowski):		
			Tipo de M:		

Harrower ( ):		R	M	m	FC	%F	%A	%an	chC	chL	In
Piotrowski ( ):		R	T	M	nC	%F+	Aut	Lib	Ppl	Rpt	%V
chC:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=
chL:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=

Qualidade de m:
Grau de m:
Tipo de m:

III – CONTEÚDO

A = 7	ab =	al = 2	an = 1	ant =	arq = 1	A:pA =
pA =	art =	bt = 4	ci =	fg =	ggr =	H:pH =
H = 1	ml =	mp =	nat =	nv =	obj = 1	A + H:pA + ph =
pH = 2	pz =	rl =	sg =	sx =	vst = 2	A + pA:H + pH =

PROTOCOLO 12

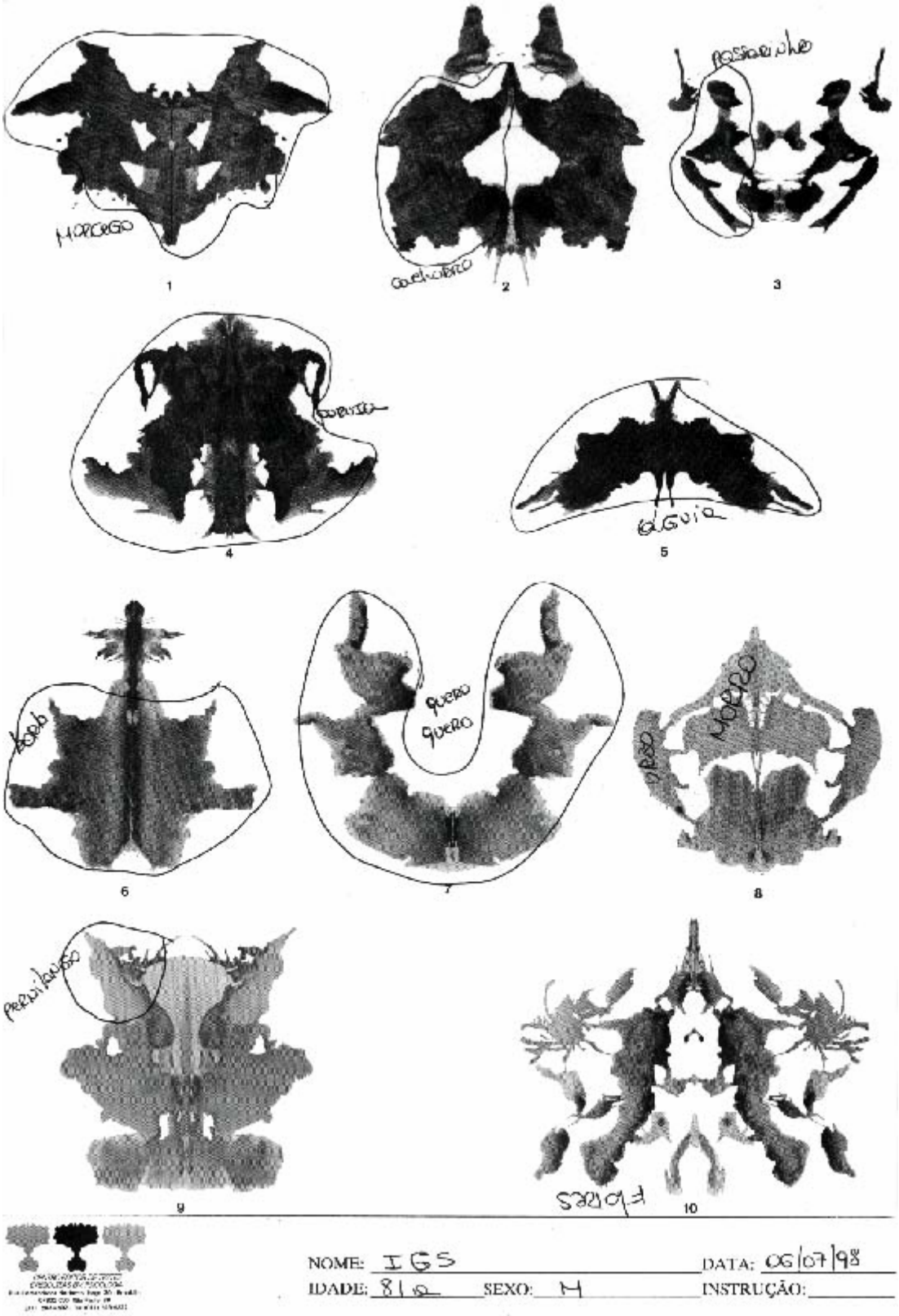
Nome: I. G. S.
Sexo: masculino
Naturalidade: Aquidauana
Estado civil: casado
Filiação: J. G. S. e B. S.

Idade: 81 anos
Sem escolaridade
Data da aplicação: 6/7/1998
Data de nascimento: 20/5/1917

Figuras	Respostas	Classificação
I	(20 s; 32 s) /\ Morcego. Tem orelhinha, chifrinho. É morcego mesmo. INQ.: [G]. Parece, por causa das asas, o corpo, orelhinha, chifrinho. É igual.	G F^+ A V 1,0
II	(45 s; 49 s) /\ Cachorro. INQ.: [P1] A gente olhando bem, conhece. Aqui os pés; tem até unha, orelha, boca, a língua dele e a cabeça. É igual um cachorro.	P_1 F^+ A V *Compõe a imagem concreta.*
III	(24 s; 38 s) /\, <, V, >, /\ /\ Passarinho. INQ.: [P9]. Por causa das asas, o biquinho, o rabinho, está sentado para voar. É o jeito igualzinho de um passarinho.	P_9 F^+ A
IV	(11 s; 32 s) /\ Coruja, corujão dos grandes, corujão do mato. INQ.: [G]. Parece... Aqui ele, os olhos [aponta as manchas mais claras], os pés dele. Ele abriu para baixar e é assim que fazem os corujões do mato. A cabeça é grande e o olho dele também é bem grande. É preto igual o corujão do mato. Eu já vi.	G C' (L) A 2,0 *Ref. própria exp.*
V	(48 s; 50 s) [Abaixa os olhos, olhando para baixo. Volta olhar a prancha. Vira a prancha para olhar no verso.] /\ Águia. INQ.: [G] A águia está voando. Tem a cabeça, as asas, os pés, e a águia, quando vai voar, ela dá um pulo, e aqui ela já está voando porque as asas estão abertas e ela não está apoiada em nada. Quando eu falei águia, já pensei nela voando assim [mostra].	G m^+ A 1,0
VI	(33 s; 35 s) /\ Uma borboleta. INQ.: [P1]. É o jeito dela. A gente conhece. É igual a borboleta. Tem as asas e o corpo. Ë igual a borboleta mesmo.	P_1 F^- A

VII	(51 s; 53 s) /\ Quero-quero. INQ.: [G]. Parece as asinhas. Ô, bichinho danado, eles tiram o ferrão para sentar na gente e aqui é o quero-quero escrito: a cabeça, o corpo e os pés que abrem quando vai pousar. Tem até os ferrões aqui. É só o jeito de quando vai pousar.	G F⁻ A 2,5
VIII	(34 s; 83 s) /\, <, \/, >, /\ /\ Um urso, parece porco, mas não é, não. É um urso mesmo. INQ.: É um urso peludão e tem dois, um de cada lado [P1]. Ele vai andando — olha os passos dele: está subindo no morro [P8], vai chegando, vai procurar uma sombra. Quando falei urso, já tinha pensado nele subindo no morro. Por isso não foi porco, porque porco não sobe em morro. Aqui parece morro e urso não sobe em árvore, só em morro para procurar uma sombra para descansar depois de beber água. Não. Aqui só tem os ursos subindo no morro, eu, que sou andado, é que sei que o urso depois que bebe água sobe no morro atrás de uma sombra para descansar. Aqui em baixo pode ser até onde o urso dorme, mas tem que pensar bem para falar. Não, é só o urso subindo no morro, mesmo.	P_1 m (l) A V 3,0 P F^+ ggr. *Fabulação*. *Ref. própria exp.*
IX	(61 s; 66 s) /\ Pernilongão que tem no Pantanal. INQ.: [P3] É igual ao pernilongão que tem no Pantanal. Sou muito andado, e por causa disto [passa a mão na prancha], que parece pernas grandes, dá pra ver que é igual ao pernilongão que quando senta põe as pernas no chão, bem grande.	P_3 F^- A *Ref. própria exp.*
X	(25 s; 28 s) \/ Flores. INQ.: É tudo aqui, [G], por causa disto aqui, ó: os pés [P11], e o resto é as flores. Tudo colorido: tem flor cor-de-rosa, verde e amarelo.	G CF bt 5,5

FOLHA DE LOCALIZAÇÃO DE RORSCHACH



Nome: I.G.S. Sexo: M

	Monocromáticas						Coloridas						
Dados	**I**	**IV**	**V**	**VI**	**VII**	**S**	**II**	**III**	**VIII**	**IX**	**X**	**S**	**T**
G	1	1	1	1	1	5					1	1	6
P							1	1	2	1		5	5
F+	1					1	1	1	1			3	4
F–				1	1	2				1		1	3
m			1			1			1			1	2
CF											1	1	1
l		(1)				(1)			(1)			(1)	(2)
V	1					1	1		1			2	3
A	1	1	1	1	1	5	1	1	1	1		4	9
ggr									1			1	1
bt											1	1	1
T.r.i.	20s	11s	48s	33s	51s		45s	24s	34s	61s	25s		
Elab.	1,0	2,0	1,0	0	2,5	6,5	0	0	3,0	0	5,5	8,5	15
T	32s	32s	50s	35s	53s	202	49s	38s	83s	66s	2,8s	264s	466s
R	1	1	1	1	1	5	1	1	2	1	1	6	11

G:M	5:0	%F = 60	1:0	%F = 66,66	Gm = 100
M:Ps	0:0	%F- =	0:0	%F- =	
F+:F–	2:1	%F+ = 33,33	1:3	%F+ = 75	Gc = 16,66
T/R	40,4	%V = 20	44	%V = 33,33	Pc = 83,33
Elab./R	1,3	%A = 100	1,41	%A = 66,66	
Perc					Gt = 54,54
R.m.i.	51,11		58,33		Pt = 45,45
Con.	6,67	%H = 0	41,66	%H = 0	
Lambda	0,66	H:pH =	0,5	H:pH =	

SÚMULA DO PROTOCOLO

Nome: I. G. S. Sexo: M Idade: 81

I – TIPO DO TRABALHO MENTAL

R = 11		T:	Qualidade de G:		
G = 6	%F = 63,63	T.r.: 42,36	Qualidade de P:		
GE =	%F+ = 57,14	Elab.:			
P = 5	%F– = 42,86	Elab./R: 1,36	Cont.	Pers.	Rej.
p =	%V = 27,27	Perc.:	Fab.	Pos.	Rev.
p' =	%A = 81,81	Suc.:			
E =	%H = 0				
PG =		R.m.i. = 55,40			
GP =					
Observações:	Ref. pp.exp. (IV, VIII, IX)				
	Ref. à composição (II, III)				
	Fabulação (VIII)				

II – FEITIO DA PERSONALIDADE

M =	Ps =	L = (2)	FC =	C' = 1	G:R =
m = 2	ps =	l =	CF = 1	nC =	G:M =
m' =	ps' =	l' =	C =	nC' =	M:C =
					M:Ps =
Af.: 1,2	(B:	K:)	Imp.: 0,5	Con.: 6,63	L (Beck): 0,57
(Ps + M):(L + C) =		Eq.:	Qualidade de M:		
(m + m'):(l + C') =		Eq'.:	Grau de M (Piotrowski):		
			Tipo de M:		

Harrower ( ):		R	M	m	FC	%F	%A	%an	chC	chL	In
Piotrowski ( ):		R	T	M	nC	%F+	Aut	Lib	Ppl	Rpt	%V
chC:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=
chL:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=

Qualidade de m:
Grau de m:
Tipo de m:

III – CONTEÚDO

A = 9	ab =	al =	an =	ant =	arq =	A:pA =
pA =	art =	bt = 1	ci =	fg =	ggr = 1	H:pH =
H =	ml =	mp =	nat =	nv =	obj =	A + H:pA + ph =
pH =	pz =	rl =	sg =	sx =	vst =	A + pA:H + pH =

PROTOCOLO 13

Nome: G. A.
Sexo: feminino
Naturalidade: Aldeia Buriti
Estado civil: casada
Filiação: P. A. e B. C.

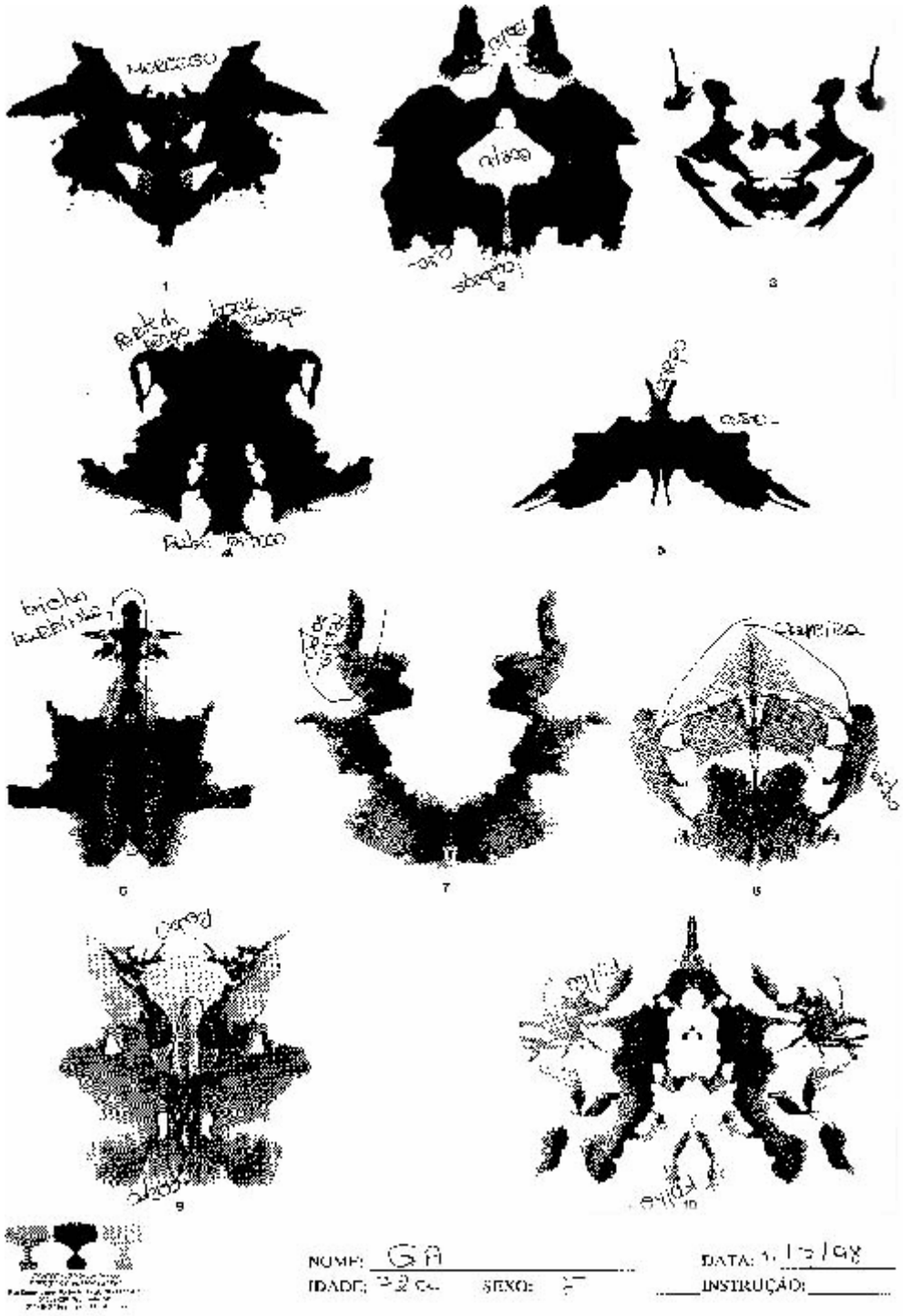
Idade: 72 anos
Sem escolaridade
Data da aplicação: 11/7/1998
Data de nascimento: 25/7/1926

Figuras	Respostas	Classificação
I	(39 s; 79 s) Isso parece com um morcego, não é? [risos] Ele tá tudo picado, não dá para saber direito. INQ.: [P4 + superior P2] Tá muito esquisito para ser borboleta. É morcego mesmo. Esse corpo parece com o de morcego mesmo. As asas parece dele de asa aberta, parece que tá voando e tem até as mãozinhas dele. Não tem mais nada. Falei que tá tudo picado porque as voltas da asa não tá direitinho nas pontas; tá tudo picado assim.	P m A V 1,0 *Crítica.* *Atenção ao recortado da mancha.*
II	(93 s; 135 s) /\, \/ Não sei que bicho é esse não. Tô vendo um bicho daquele que bebe água assim, mas tá faltando o meio dele. INQ.: [P6+P3] A asa dele [P6] tá muito grande e lembra daquele bicho que bebe água voando [gesto], mas não tem essa asa, que tá muito grande. O corpo não tá aqui [E5], tá faltando, só aparece o rabo [P4]. A cabeça dele tá direito [P3] e ele tá voando de asa aberta, mas não tem corpo. Não entendo.	P_{adj} m A 3,0 *Crítica.* *Dificuldade de integração do espaço.*
III	(68 s; 105 s) Não sei o que é isso, não. /\ É uma caveira, mas de que bicho que é, é que não sei. INQ.: [P1] Tá parecendo uma traseira, uma banda para trás. Só não sei de que bicho que é. Esse é a perna, só que não sei de que bicho que é, porque parece que tá de salto alto. [P8] Esse parece onde termina o rabo dele e esse parece a cintura, que fica mais fino Fica aqui na cintura separado e aqui onde termina o rabo não fica separado. Esqueleto porque tá magro e aparecendo o osso.	*Inibição.* P F^- an. *Crítica, condensação.*
IV	(82 s; 105 s) /\ Esse parece couro de bicho que foi espetado, sei lá. Parece. INQ.: [G] Isso é tudo pêlo dele [passa o dedo em várias partes da prancha]. Ele tá sem cabeça e tem sinal de braço e o pé dele também não tá completo. O rabo dele é pitoco. Já tiraram o espeto, mas acho que foi espetado, porque parece que ele tá aberto e seco. Não sei, não; acho que é como se tivesse magro, sem carne, só o couro.	*Inibição.* G F^+ (l) A V 2,0

V	(51 s; 99 s) /\ Tô vendo um bicho que voa, mas o nome é que não dá para saber que bicho que é. INQ.: [G] Ele tá voando porque a asas dele tá aberta. O corpo dele é no meio e não sei que bicho que é.	 G m A 1,0
VI	(55 s; 79 s) /\ É bicho, mas não sei que tipo que é. INQ.: [G] É também um bicho que voa, mas não dá para entender o que é. Ele tem barbinha e esse do lado deve ser a asa; não é possível que não sirva para nada aqui. É de um jeito, aqui, que não sei que bicho é esse daqui. [P6] Esse resto não conta pra nada, não dá para entender o que é. Mais nada. Não posso mentir pra senhora.	 *Inibição.* G F^- A 2,5 *Crítica.*
VII	(109 s; 130 s) \/ Esse não tô entendendo o que é, não. Só pode ser perna de sapo. INQ.: [P5] Só o que parece é perna de sapo, é o quartinho dele e a volta da perna. Ela tá um pouco encolhida, porque não parece esticada. O quarto dele é só nesse mais claro daqui [P1] e é de onde sai a perna.	 *Inibição.* P F^0 p A
VIII	(56 s; 123 s) @ Tô vendo, mas não tô entendendo. 1 – Uma caveira né? INQ.: [P4+p21] Se não for caveira, não sei o que é, não. É por isso: daqui do meio é o espinhaço; é de caveira, porque tá magrinho. O espinhaço parece que tá arrebentado, porque não tem perna nem asa; é só a caveira, não tem cabeça. É isso que é arrebentado. 2 - /\ Esse é um bichinho separado da caveira ou não é? INQ.: [P1] O bicho não tem cabeça nem o corpo. Ele tem uma mãozinha e as pernas. Ah! Tem cabeça pequenininha. Não conheço. Se ele tivesse encostado aqui, tava subindo, mas não tá. Ele tá parado. 3 - /\ Do resto não posso falar porque não sei o que é. INQ.: [P5+P2] O outro é azul e o outro é amarelo, e não entendo.	 *Inibição.* $P_{adj.}$ F^0 p A 3,0 *Crítica.* P F^+ A *Concretismo. Negação de movimento.* cn *como mecanismo de descrição.*
IX	(91 s; 126 s) @ Não sei o que é isso, não. \/ Tô vendo um bicho, mas não sei qual que é. Só. Ou não é um bicho. Talvez não é, também não sei. INQ.: [P5+p25] Só tô vendo onde termina o rabo dele e o corpo dele. Não sei... Acho que não tem cabeça, não tem perna nem asa. É um bicho esquisito. Nunca vi, não posso saber nada dele.	 *Inibição.* P F^0 pA *Crítica.*

X	(121 s; 191 s) \/ Tô vendo muita coisa que não tô entendendo. Parece que é pé de flor. INQ.: [G] É um pé de flor e é tudo cheio de flor, porque é colorido. Não tem nenhuma flor que conheço, mas é tudo cheio de pé de flor, com cada uma de uma cor. Tem também duas verdes que são as folhas. Esse de um a um, não sei que flor que é.	*Inibição.* G CF bt 5,5

FOLHA DE LOCALIZAÇÃO DE RORSCHACH



Nome: G.A. Sexo: F

	Monocromáticas						Coloridas						
Dados	**I**	**IV**	**V**	**VI**	**VII**	**S**	**II**	**III**	**VIII**	**IX**	**X**	**S**	**T**
G		1	1	1		3					1	1	4
P	1				1	2	1	1	2	1		5	7
F+		1				1					1	1	1
F–				1		1		1				1	2
m	1		1			2	1					1	3
CF											1	1	1
C													
l		(1)				(1)							(1)
V	1	1				2							2
A	1	1	1	1		4	1		1			2	6
pA					1	1			1	1		2	3
an								1				1	1
bt											1	1	1
T.r.i.	39s	82s	51s	55s	109s		93s	68s	56s	91s	121s		
Elab.	1,0	2,0	1,0	2,5	0	6,5	3,0	0	5,5	11,5	18		
T	79s	105s	99s	79s	130s	362s	135s	105s	123s	126s	191s	680s	1042
R	1	1	1	1	1	5	1	1	2	1	1	6	11

G:M	3:0	%F = 60	1:0	%F = 66,66	Gm = 60
M:Ps	0:0	%F- =	0:0	%F- =	Pm = 40
F+:F–	1:1	%F+ = 50	1:1	%F+ = 50	
T/R	90,5	%V = 40	113	%V = 0	Gc = 16,66
Elab./R	1,3	%A = 100	1,91	%A = 66,66	Pc = 83,33
Perc					
R.m.i.	63,33		38,88		Gt = 36,36
Com.	10	%H = 0	16,66	%H = 0	Pt = 63,63
Lambda	0,66	H:pH =	0,5	H:pH =	

SÚMULA DO PROTOCOLO

Nome: G. A. Sexo: F Idade: 72

I – TIPO DO TRABALHO MENTAL

R = 11		T:	Qualidade de G:		
G = 4	%F = 63,63	T.r.: 94,72	Qualidade de P:		
GE =	%F+ = 50	Elab.:			
P = 7	%F– = 50	Elab./R: 1,63	Cont.	Pers.	Rej.
p =	%V = 18,18	Perc.:	Fab.	Pos.	Rev.
p' =	%A = 81,81	Suc.:			
E =	%H = 0				
PG =		R.m.i. = 49,99			
GP =					
Observações:	Crítica (I, II, III, VI, VIII, IX)				
	Dif. integração espaço (II)				
	Condensação (III)				
	Inibição (II, III, VI, VII, VIII, IX, X)				
	Cm (VIII)				

II – FEITIO DA PERSONALIDADE

M =	Ps =	L = (1)	FC =	C' =	G:R =
m = 3	ps =	l =	CF = 1	nC =	G:M =
m' =	ps' =	l' =	C =	nC' =	M:C =
					M:Ps =
Af.: 1,2	(B:	K:)	Imp.: 0,5	Con.: 13,63	L (Beck): 0,57
(Ps + M):(L + C) =		Eq.:	Qualidade de M:		
(m + m'):(l + C') =		Eq'.:	Grau de M (Piotrowski):		
			Tipo de M:		

Harrower ( ):		R	M	m	FC	%F	%A	%an	chC	chL	In
Piotrowski ( ):		R	T	M	nC	%F+	Aut	Lib	Ppl	Rpt	%V
chC:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=
chL:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	=

Qualidade de m:
Grau de m:
Tipo de m:

III – CONTEÚDO

A = 6	ab =	al =	an = 1	ant =	arq =	A:pA =
pA = 3	art =	bt = 1	ci =	fg =	ggr =	H:pH =
H =	ml =	mp =	nat =	nv =	obj =	A + H:pA + ph =
pH =	pz =	rl =	sg =	sx =	vst =	A + pA:H + pH =